

# Lutas e Artes Marciais

**Currículo, Narrativas e Processos Formativos**



**vol. I**

**Luara Faria dos Santos  
Ana Carla Dias Carvalho  
Maristela Vicente de Paula  
Organizadoras**

**Lutas e Artes Marciais:  
Currículo, Narrativas e Processos Formativos**

**Luara Faria dos Santos  
Ana Carla Dias Carvalho  
Maristela Vicente de Paula  
Organizadoras**

**Catalão  
2026**



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO

### **Reitora**

Roselma Lucchese

### **Vice-Reitor**

Cláudio Lopes Maia

### **Coordenação da Editora Letras do Cerrado**

André Ribeiro Macario

José Luís Solazzi

### **Editoração**

Leonardo Ferreira Prado

### **Elaboração da Capa**

Ariel Cristina Borges Horácio

### **Conselho Editorial**

Alexandre de Assis Bueno

André Carlos Silva

André Vasconcelos da Silva

Antônio Fernandes Júnior

Domingos Lopes da Silva Júnior

Estevane de Paula Pontes Mendes

Helder Nagai Consolaro

José Luís Solazzi

Copyright © 2026 LETRASDOCERRADO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(CIP) Elaborada pelo bibliotecário-documentalista  
Marcio Luiz Fernandes Barbosa (CRB 1/3161)

Lutas e artes marciais: [livro eletrônico] currículo, narrativas e processo formativos. / organizado por Luara Faria dos Santos, Ana Carla Dias Carvalho, Maristela Vicente de Paula. - Catalão (GO) : Ed. Letras do Cerrado, 2026. v. 1. Recurso on-line (128 p.) : il. (v. 1)

Modo de acesso: WWW  
Publicação digital (e-book) no formato PDF.  
ISBN: 978-85-93870-19-4  
Inclui Bibliografia.

1. Lutas. 2. Currículo. 3. Processos narrativos. I. Santos, Luara Faria dos. II. Carvalho, Ana Carla Dias. III. Paula, Maristela Vicente de. IV. Título.

CDU: 796.8

## SUMÁRIO

<b>Apresentação.....</b>	<b>06</b>
<b>Parte 1 – Currículo e Produção de Conhecimento nas Lutas</b>	
O ensino das lutas na Educação Física escolar: a produção científica (2006–2025) nas revistas RBCE, Movimento e Pensar a Prática.....	09
<i>Luara Faria dos Santos</i>	
<i>Ana Carla Dias Carvalho</i>	
<i>Maristela Vicente de Paula</i>	
Inventar currículos como práticas para adiar o fim das lutas na Educação Física Escolar.....	22
<i>Leonardo Conceição Gonçalves</i>	
Análise da prática pedagógica na disciplina Metodologia do Ensino e Pesquisa em Lutas.....	30
<i>Luara Faria dos Santos</i>	
<i>Ana Carla Dias Carvalho</i>	
<i>Isadora Beatriz da Silva</i>	
<i>Mariany Rodrigues Macedo</i>	
<i>Paulo Victor da Silva</i>	
<i>Josué Silva de Moraes</i>	
<b>Parte 2 – Histórias de Vida e identidade na Cultura das Lutas</b>	
Neste corpo tem capoeira.....	41
<i>Wolney Honório Filho</i>	
História, identidade e narrativa de formação no Karatê Shotokan: uma análise da trajetória da Associação de Karatê Garras do Tigre (2010 - 2025) .....	49
<i>Bruno Vicentini Bussola</i>	
Formação e atuação no Jiu Jitsu – Entrevista com Alex Boer.....	67
<i>Luara Faria dos Santos</i>	
<i>Ana Carla Dias Carvalho</i>	
<b>Parte 3 – Processos formativos em Lutas, Artes Marciais e Esportes de combate</b>	
Os Esportes de Combate na Prevenção e Tratamento da Saúde Mental.....	76
<i>Reginaldo Victor da Silva</i>	
<i>Augusto César da Fonseca Neto</i>	
<i>Maristela Vicente de Paula</i>	
O Muay Thai em ambientes não formais de educação do corpo em Catalão-GO.....	88
<i>Gabriel Gonçalves Júnior</i>	
<i>Ana Carla Dias Carvalho</i>	

Da tradição à inovação: como as pesquisas tratam as tecnologias que vem transformando o Taekwondo.....102  
*Michele Christine Borges*

De Arte Marcial para Esporte Marcial.....117  
*Edilson Clemente Jesus*  
*Maristela Vicente de Paula*

## APRESENTAÇÃO

Esta obra resulta de um esforço coletivo para repercutir aspectos lógicos, históricos, éticos e sociais das lutas na Educação Física escolar e das artes marciais em universos contíguos aos quais se comunica essa área de conhecimento. Também se origina da articulação das produções do Laboratório de Lutas (LabLutas) e do Laboratório de Estudos em Esportes e Lazer (LEEL), do curso de Educação Física do Instituto de Biotecnologia da Universidade Federal de Catalão (IBIOTEC/UFCAT); e compreende o movimento mais recente, desenvolvido no âmbito do componente curricular “Metodologia do Ensino e Pesquisa em Lutas”, para aproximar profissionais, praticantes de artes marciais e ambiente acadêmico, com vistas a ampliar a reflexão sobre a temática.

Nesse sentido, a coletânea constitui uma zona de fronteira entre diferentes campos das ciências humanas, sociais e de saúde. Reúne professores que atuam tanto em espaços formais quanto não formais de educação para visibilizar a complexidade das produções em conjunto, possui conexões externas e representa o movimento da lógica interna expressa por comunidades específicas de lutas.

Desse modo, os textos abrangem construções de egressos, orientandos e colegas de trabalho que, juntos, potencializam estudos em diferentes estágios de formação e perspectivas. Esses textos são relevantes pela diversidade das reflexões e constituem um referencial teórico temático dos estudos locais, por emergirem tanto do trabalho docente no curso de Educação Física da UFCAT, quanto do desenvolvimento de múltiplas concepções e práticas das lutas na sociedade.

A coletânea se organiza em três partes que, embora distintas em foco, dialogam entre si e compõem um panorama abrangente do campo das lutas.

A parte I – Currículo e produção de conhecimento nas lutas – reúne textos que tratam do estado de conhecimento, da prática pedagógica e das perspectivas de currículo, ao destacar a produção, o ensino e a legitimação do assunto na Educação Básica e na formação profissional.

Assim, o capítulo 1 – *O ensino das lutas na Educação Física escolar: a produção científica (2006–2025)* – elenca as pesquisas produzidas em três periódicos que abordam a Educação Física sob a perspectiva sociocultural, o que permite compreender o estado do conhecimento, as permanências e lacunas no campo.

No capítulo 2 – *Inventar currículos como práticas para adiar o fim das lutas na Educação Física escolar* –, são propostas reflexões críticas sobre o valor simbólico do conteúdo de lutas, capaz de desempenhar um papel subversivo dos currículos frente aos desafios contemporâneos.

Enquanto isso, o capítulo 3 – *O texto-análise da prática pedagógica na disciplina Metodologia do Ensino e Pesquisa em Lutas* – discute experiências formativas no ensino superior, sob a perspectiva da análise coletiva dos processos teórico-metodológicos constituídos na disciplina curricular do curso de Educação Física da UFCAT.

A parte II – *Histórias de vida e identidade na cultura das lutas* – enfatiza narrativas pessoais e trajetórias formativas que revelam significados culturais, afetivos e sociais construídos por praticantes e mestres de diferentes modalidades.

No capítulo 4, o ensaio *Neste corpo tem capoeira* aborda um relato autobiográfico da experiência do autor com a capoeira regional, no grupo Gingado Capoeira de Catalão (GO), cuja reflexão é pautada na vivência corporal e espiritual.

O capítulo 5 – *História, identidade e narrativa de formação no Karatê Shotokan* – analisa a trajetória da Associação Garras do Tigre, na qual se sobressaem os processos identitários e formativos ao longo de 15 anos, o que contribui para o desenvolvimento dessa arte e a formação das pessoas.

Por seu turno, o capítulo 6 – *Formação e atuação no Jiu-Jitsu – Entrevista com Alex Boer* – sistematiza o registro de narrativas do entrevistado acerca da formação e atuação com o Jiu-Jitsu, com ênfase no papel formativo exercido no desenvolvimento e na difusão da modalidade em academias, projetos sociais e ações comunitárias.

E a parte III – *Processos formativos em lutas, artes marciais e esportes de combate* – explora dimensões contemporâneas das lutas em diferentes cenários, ao discutir saúde mental, tecnologias emergentes e transformações das artes marciais em esporte.

No capítulo 7 – *Os esportes de combate na prevenção e tratamento da saúde mental* –, discutem-se potencialidades terapêuticas dessas práticas.

O capítulo 8 – *Muay Thai em ambientes não formais de educação do corpo* – analisa sentidos, práticas e modos de organização da modalidade em Catalão (GO).

Nesse íterim, o capítulo 9 – *Da tradição à inovação* – investiga as tecnologias que transformam a produção de conhecimento no *tae-kwon-do* dos últimos anos, no que concerne às tecnologias aplicadas para o aprimoramento da performance e a segurança dos atletas.

Por fim, o capítulo 10 – *De arte marcial para esporte marcial* – debate os aspectos que demarcam a transformação histórica e cultural das artes marciais e o surgimento desse esporte.

Em síntese, a coletânea oferece um quadro teórico amplo de reflexões que fortalecem a produção de conhecimento no campo das lutas na Educação Física e expressam estudos no âmbito da formação, experiência e memória para compreender dimensões formativas, culturais e sociais.

Luara Faria dos Santos  
Ana Carla Dias Carvalho  
Maristela Vicente de Paula  
(Organizadoras)

**Parte 1**  
**Currículo e Produção de Conhecimento nas Lutas**

**O ENSINO DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A  
PRODUÇÃO CIENTÍFICA DAS REVISTAS *RBCE*, *MOVIMENTO E  
PENSAR A PRÁTICA* (2006-2025)**

Luara Faria dos Santos<sup>1</sup>  
Ana Carla Dias Carvalho<sup>2</sup>  
Maristela Vicente de Paula<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

O texto proposto realiza uma revisão sistemática sobre o ensino das lutas no campo de conhecimento da Educação Física. O objetivo central é oferecer um panorama sobre as preocupações de pesquisa que tematizam o ensino das lutas, destacando o enfoque metodológico e a principal conclusão dos textos revisados, contribuindo, assim, para a constituição de um “estado do conhecimento” e para a identificação de concepções e orientações pedagógicas que subsidiam a temática investigada<sup>4</sup>.

Matos *et al.* (2013) ao investigarem a produção acadêmica sobre os conteúdos da Educação Física constatam que o esporte continua sendo o conteúdo hegemônico tematizado pelos autores, de modo que as lutas, a capoeira e a ginástica se configuram como temas da cultura corporal abordados em menor número. O argumento desta investigação está na necessidade de potencializar os estudos no campo sociopedagógico da educação física, especialmente acerca das lutas, tema pouco abordado pedagogicamente e de menor visibilidade na produção acadêmica.

Trata-se de uma revisão sistemática, que envolve três pesquisadoras que se organizaram para a busca independente dos materiais, a partir dos seguintes descritores: lutas, artes marciais, educação física escolar. O *corpus* documental se constitui dos textos indexados em três periódicos da área: revista *Pensar a Prática*, revista *Movimento e RBCE* (*Revista Brasileira de Ciências do Esporte*), no período de 2006 a 2025. Para isso, incluiu-se textos que privilegiaram: o ensino das lutas na educação física escolar; propostas metodológicas para o ensino das lutas; e percepção de professores e alunos sobre o ensino das lutas; esses aspectos foram identificados a partir da leitura dos títulos, das palavras-chave e dos resumos. Os estudos de revisão não foram desconsiderados em razão do pequeno número de textos do *corpus* documental.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do curso de Educação Física do IBIOTEC/UFCAT.

<sup>2</sup> Professora Doutora do curso de Educação Física do IBIOTEC/UFCAT.

<sup>3</sup> Professora Mestre do curso de Educação Física do IBIOTEC/UFCAT.

<sup>4</sup> Uma versão preliminar deste estudo, em formato de resumo, foi apresentada no XX CONBRACE/VIII CONICE, realizado em 2017, em Goiânia-GO.

As revistas selecionadas para o levantamento publicam artigos que articulam a Educação Física com as Ciências Humanas e Sociais, priorizando dimensões pedagógicas, históricas, socioculturais e filosóficas.

A compilação, a descrição e a análise dos textos foram organizadas em dois blocos distintos: o primeiro abrange o período de 2006 a 2016, e o segundo de 2017 a 2025. Essa divisão se justifica porque os levantamentos foram realizados, respectivamente, em meados de 2016 e em 2025.

A análise contempla a sistematização dos principais aspectos teórico-metodológicos presentes nas fontes consultadas. Para isso, a produção do conhecimento foi subdividida em dois itens de caráter mais descritivo e um terceiro, que busca confrontar criticamente o conjunto dos textos selecionados.

## 2 O ENSINO DAS LUTAS NA PRODUÇÃO DA *PENSAR A PRÁTICA*, *RBCE E MOVIMENTO* (2006-2016)

O *corpus* documental do período entre 2006 – 2016 se constitui de nove artigos que tematizam o ensino das lutas no âmbito escolar, sendo: quatro (4) *Pensar a Prática*, um (1) *RBCE* e quatro (4) *Movimento*, conforme a Tabela 1, que apresenta título, autor(es), periódico e ano de veiculação.

Tabela 1 – Acervo de artigos sobre o ensino das lutas nas aulas de Educação Física

Título	Autores	Periódico	Ano
A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na Educação Física escolar: Necessidade ou tradição?	Rufino; Darido	<i>Pensar a Prática</i>	2011
Agressividade, violência e Budô: temas da Educação Física em uma escola estadual em Goiânia.	Ueno; Sousa	<i>Pensar a Prática</i>	2014
Conhecimento declarativo de docentes sobre a prática de lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate nas aulas de Educação Física escolar em Pelotas-RS.	Fonseca; Franchini; Vecchio	<i>Pensar a Prática</i>	2013
O jogo de faz de conta e o ensino da luta para crianças: criando ambientes de aprendizagem.	Fabiani; Scaglia; Almeida	<i>Pensar a Prática</i>	2016
Capoeira nas aulas de educação física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores.	Silva	<i>RBCE</i>	2011
A Tematização das lutas nas aulas de Educação Física Escolar: restrições e possibilidades.	Nascimento; Almeida	<i>Movimento</i>	2007
Uma Abordagem Pedagógica para a Capoeira.	Bertazzoli; Alves; Amaral	<i>Movimento</i>	2008
Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais.	Gomes; Morato; Duarte; Almeida	<i>Movimento</i>	2010
MMA e a Educação Física Escolar: a luta vai começar	Vasques; Beltrão	<i>Movimento</i>	2013

Fonte: revistas *Pensar a Prática*, *RBCE* e *Movimento* (2006-2016)

Rufino e Darido (2011), por meio de uma revisão de literatura, identificam que a separação dos conteúdos de lutas dos esportes se dá em razão da origem, uma vez que as lutas são manifestações que acompanham a humanidade, enquanto o esporte é um fenômeno recente (séc. XIX). Os autores concluem que, embora as lutas também tenham sofrido o processo de esportivização, a separação dos esportes pode ser favorável para o seu fortalecimento, evitando a sua diluição entre os outros conteúdos da Educação Física.

Fonseca, Franchini e Del Vecchio (2013) pesquisaram o conhecimento declarado pelos docentes sobre a prática de lutas nas aulas de Educação Física escolar na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. O estudo se caracterizou como observacional, transversal e descritivo, do qual participaram professores de Educação Física. Os resultados demonstraram que a maioria dos professores declarou não ter instrução para desenvolver os conhecimentos das aulas na escola. Assim, os autores sugerem que entidades oficiais, como secretarias estaduais e municipais de Educação promovam cursos de capacitação e atualização para os professores e que os cursos de Licenciatura em Educação Física revisem a estrutura dos seus projetos pedagógicos, a fim de formar profissionais capacitados para desenvolverem os conteúdos relacionados a esse tema.

Ueno e Sousa (2014) abordaram as percepções de estudantes de uma escola estadual de Goiânia/GO sobre a relação agressividade e lutas tematizadas nas aulas de Educação Física. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou observação sistemática e participante. Concluíram que há uma distorção na representação das lutas e uma associação com a temática violência, evidenciando a necessidade do trato pedagógico sobre o tema pela disciplina Educação Física.

Fabiani, Scaglia e Almeida (2016) trataram dos processos de ensino, vivência e aprendizagem da luta para crianças por meio do jogo. Através de pesquisa qualitativa, descritiva e propositiva, fundamentada no referencial histórico-cultural, apresentaram estratégias pedagógicas que valorizam o jogo de faz de conta como mediador dos processos de aprendizagem no universo da luta.

Silva (2011), por meio de uma investigação qualitativa, em que se inseriu como observadora participante, teve como objetivo a qualificação do trato com o conhecimento das lutas a partir da capoeira mediante um processo de formação continuada de professores de Educação Física. A autora reflete sobre a importância desse conteúdo e a necessidade de seu estudo e desenvolvimento, e propõe estratégias para o ensino-aprendizado que compreenda interações gestuais no contexto da experiência com a capoeira.

Nascimento e Almeida (2007), por meio de pesquisa-ação, problematizaram a restrição do trato com o tema lutas nas aulas de Educação Física, apontando para a importância de reflexões e intervenções pedagógicas que superem a falta de vivência pessoal em lutas (na vida e âmbito acadêmico) e a preocupação com o fator violência, que julgam intrínseco às lutas. Para os autores, as lutas estão presentes na escola em ações extracurriculares desvinculadas do projeto político pedagógico, conduzidas por praticantes, ex-atletas e voluntários.

Vasques e Beltrão (2013), por meio de uma revisão bibliográfica cujo objetivo foi abordar o fenômeno MMA (*Mixed Martial Arts*) enquanto manifestação sociocultural e seu tensionamento com a Educação Física escolar, afirmaram a necessidade de intensificação dos estudos e debates sobre o tema para subsidiarem a prática pedagógica da Educação Física quanto aos aspectos relacionados à mercadorização das práticas corporais, à massificação, à espetacularização e à violência.

Gomes *et al.* (2010), em investigação qualitativa de caráter descritivo e analítico, realizaram entrevistas semiestruturadas com professores de Educação Física que atuavam em distintas modalidades de lutas, com o objetivo de classificar e identificar princípios comuns no ensino das lutas. Concluíram que existem princípios comuns norteadores para o ensino global das lutas. Nessa direção, explicam que o ensino de modo ampliado se torna possível antes da prática especializada, permitindo o desenvolvimento amplo do aluno e não a reprodução descontextualizada dos gestos técnicos.

Bertazzoli, Alves e Amaral (2008) pesquisaram a viabilidade da aplicação de instrumentos metodológicos para o ensino da capoeira numa perspectiva crítica. A partir da observação participante como método de investigação sistematizaram uma metodologia de ensino cujo eixo norteador foi a socialização articulada das ações: a solução de problemas, a criação de movimentos e a reflexão.

Quanto aos aspectos centrais dos textos descritos, entre os anos de 2006 e 2016, evidencia-se que esse período inaugura um novo estágio de conhecimento sobre o ensino das lutas na escola na medida em que supera o denunciamento sobre a ausência das lutas na Educação Física, até então presente na literatura, para lançar mão de estratégias metodológicas que possam subsidiar o ensino desse conteúdo. Os textos focalizam os fundamentos didático-metodológicos das lutas, assim como revelam temas sociais e conceitos relacionados à constituição de uma ambiência para o desenvolvimento e a significação desse conhecimento na escola.

A necessidade de formação qualificada ainda é enfatizada pela literatura, no entanto, essa produção tem se comprometido com focalizar esforços que colaboram para uma formação continuada de professores de Educação Física pautada nas demandas da realidade escolar. O que permite dizer que os textos analisados se encontram articulados à experiência docente, seja no sentido das preocupações teórico-metodológicas, seja enfatizando a relação universidade-escola por meio de investigações de cunho propositivo que podem contribuir para a reflexão e a qualificação dos envolvidos.

Todos os textos possuem abordagem qualitativa, com enfoques descritivos e analíticos. A abordagem das lutas na Educação Física escolar ocorre de maneira ampla, portanto, as modalidades não são tratadas de modo estanque, perspectiva essa que reflete as orientações das metodologias críticas da Educação Física, com exceção da capoeira, pela sua relevância histórica e social, e do MMA, pela contemporaneidade desse conhecimento e, conseqüente, repercussão midiática.

### 3 O ENSINO DAS LUTAS NA PRODUÇÃO DA *PENSAR A PRÁTICA*, *RBCE* E *MOVIMENTO* (2017-2025)

O *corpus* documental do período entre 2017-2025 se constitui de dez artigos que tematizam o ensino das lutas no âmbito escolar, sendo: sete (7) *Pensar a Prática*, dois (2) *RBCE* e um (1) *Movimento*, conforme a Tabela 2, que apresenta título, autor(s), periódico e ano de veiculação.

Tabela 2 – Acervo de artigos sobre o ensino das lutas nas aulas de Educação Física

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Periódico</b>	<b>Ano</b>
<u>O ensino de lutas na Educação Física Escolar: uma revisão sistemática da literatura</u>	Moura; Silva Junior; Araujo; Sousa; Parente	<i>Pensar a Prática</i>	2019
<u>Proposta de tematização das lutas corporais no Ensino Médio: a história da civilização humana</u>	Souza; Peres	<i>Pensar a Prática</i>	2025
<u>O conteúdo lutas no ensino médio: discursos dos professores de Educação Física da fronteira Brasil-Bolívia</u>	Lopes; Golin; Ribeiro	<i>Pensar a Prática</i>	2019
<u>O conteúdo "lutas" nas aulas de educação física em escolas do Oeste do Paraná</u>	Becker; Harnisch; Borges	<i>Pensar a Prática</i>	2021
<u>Inserção das lutas na educação física escolar da cidade de Muriaé-MG</u>	Ferreira; Costa; Hudson; Meireles	<i>Pensar a Prática</i>	2017
<u>Análise da inclusão das lutas na escola e dos fatores limitantes para sua inserção nas aulas de educação física: uma revisão sistemática</u>	Andreato; Braga; Paiva; Coswig; Lima	<i>Pensar a Prática</i>	2024
<u>O "Estado da Arte" da Capoeira em periódicos nacionais: Ênfase nos estudos sobre práticas pedagógicas</u>	Bufalo; Jesus; Impolcetto	<i>Pensar a Prática</i>	2023

O ensino de lutas/artes marciais como uma prática de educação libertadora: entremeando círculos de cultura, situações-problema e jogos	Pereira; Oliveira; Prodócimo	<i>RBCE</i>	2024
<u>A prática pedagógica com as Lutas na Educação Física: um retrato da formação e da realidade de ensino de professores do ensino médio do Distrito Federal</u>	Almeida; Rufino; Lazzarotti Filho; Backes; Rodrigues;	<i>RBCE</i>	2022
<u>Produção do conhecimento em Lutas no currículo da Educação Física escolar</u>	Santos; Brandão	<i>Movimento</i>	2019

Fonte: revistas *Pensar a Prática*, *RBCE* e *Movimento* (2017-2025).

Moura *et al.* (2019) realizaram uma revisão sistemática da literatura e demonstram que, entre 2005 e 2015, o ensino das lutas foi explorado em 19 estudos nacionais, concentrados em três eixos: aspectos pedagógicos e metodológicos, relação entre lutas e violência e formação docente. Os autores identificaram um movimento de ampliação do debate sobre o ensino das lutas, embora ainda haja necessidade de aprofundar as proposições didáticas, bem como focar na melhoria da formação inicial e continuada de professores para o trato desse conhecimento.

O texto de Souza e Peres (2025) apresenta uma proposta didático-metodológica para a tematização das lutas no Ensino Médio, fundamentada em uma leitura histórico-crítica e cronológica do processo civilizatório humano. A experiência evidencia o potencial das lutas como mediadoras de aprendizagens significativas ao conectarem jogos, práticas tradicionais e modalidades esportivas à história das sociedades. As autoras reafirmam que o ensino das lutas pode favorecer a formação emancipadora dos sujeitos, articulando cultura corporal, crítica social e protagonismo estudantil.

Lopez, Golin e Ribeiro (2019) abordaram a presença do conteúdo “lutas” na escola ao investigarem discursos docentes na fronteira Brasil-Bolívia. A pesquisa mostrou que, apesar da maioria dos professores reconhecer a importância desse conteúdo, o ensino ainda ocorre de modo predominantemente teórico e assistemático, reflexo da falta de formação e de infraestrutura nas escolas. Os docentes associaram as lutas a valores educativos e disciplinares, mas afirmaram que enfrentam obstáculos para a vivência prática. O estudo destacou, contudo, um avanço na percepção sobre a relação entre lutas e violência, demonstrando que o preconceito vem sendo substituído por uma visão mais pedagógica e crítica dessas práticas.

Becker, Harnisch e Borges (2021) trataram da inclusão das lutas nas aulas de Educação Física em escolas do Oeste do Paraná mediante entrevista semiestruturada, evidenciando os desafios já apontados pela literatura. A pesquisa mostrou que os professores atribuem importância formativa às lutas, mas esbarram em condições

materiais e formativas insuficientes para o desenvolvimento efetivo das aulas. As autoras concluíram que o avanço depende de políticas de formação continuada e da produção de materiais pedagógicos contextualizados, capazes de subsidiar o trabalho docente e de consolidar a presença das lutas no currículo.

A revisão sistemática de Andreato *et al.* (2024) reforça esse diagnóstico em escala nacional: a maior parte das escolas ainda não inclui o conteúdo de lutas nas aulas de Educação Física. Os fatores limitantes mais recorrentes são a falta de formação docente específica, a inadequação de espaços e materiais e a ausência de apoio institucional. Os autores defendem políticas públicas e programas de capacitação que garantam condições para a vivência efetiva das lutas, superando sua abordagem apenas teórica.

Voltando o olhar para as práticas pedagógicas críticas, o estudo de Pereira, Oliveira e Prodócimo (2024) propõe o ensino das lutas/artes marciais como prática de educação libertadora fundamentado em Paulo Freire. A experiência pedagógica, estruturada em círculos de cultura, situações-problema e jogos de oposição, demonstra que as lutas podem ser um instrumento de formação crítica, dialógica e emancipatória, valorizando os saberes prévios dos estudantes e promovendo reflexões sobre cultura, gênero e poder. A proposta rompe com modelos tecnicistas e reafirma a potencialidade das lutas como prática educativa transformadora.

A dimensão formativa do professor é central também no trabalho de Almeida *et al.* (2022), que investigou a realidade dos docentes do Distrito Federal. Os resultados mostraram que, embora a maioria tivesse pós-graduação e formação inicial que incluía a disciplina “Lutas”, menos da metade efetivamente abordava o tema em suas aulas. A principal justificativa foi a ausência de formação continuada e de segurança pedagógica para ensinar o conteúdo. O estudo indicou um descompasso entre o discurso formativo e a prática, apontando para a necessidade de investimento institucional e de formação permanente.

No campo da produção do conhecimento, Bufalo, Jesus e Impolcetto (2022) analisaram o “estado da arte” da capoeira em periódicos nacionais, evidenciando que, embora a capoeira ocupe posição de destaque nas pesquisas sobre cultura corporal, os estudos pedagógicos ainda são minoritários. A lacuna de investigações sobre metodologias de ensino e sobre o papel do professor nas experiências escolares reforça a urgência de ampliar a abordagem didática da capoeira como conteúdo formativo e identitário na Educação Física.

Por fim, Santos e Brandão (2019) analisaram a produção do conhecimento sobre as lutas no currículo da Educação Física escolar, concluindo que, embora tenha ocorrido um aumento nas propostas de sistematização, essas ainda não dialogam de forma consistente com as abordagens pedagógicas críticas. Os autores defendem a necessidade de integrar a produção acadêmica com a prática docente e de fortalecer a dimensão curricular das lutas como conteúdo estruturante da formação humana.

O conjunto de textos analisados entre 2017 e 2025 demonstra o enfoque de investigações sobre a inserção das lutas como conteúdo de ensino nas aulas de Educação Física a partir de realidades locais, enfatizando o potencial dessas experiências para o avanço de propostas e o aprimoramento de estratégias metodológicas que ampliem a compreensão desse conteúdo como parte integrante da cultura corporal, e, conseqüentemente, o aprofundamento dos estudos desenvolvidos nesse campo de conhecimento.

Apesar dos avanços, os estudos revisados evidenciam a persistência de limitações relacionadas à formação docente, à infraestrutura escolar e à sistematização curricular, o que indica a necessidade de políticas educacionais e acadêmicas que efetivem a presença das lutas como componente da Educação Física escolar.

A abordagem dos textos mais recentes desloca o foco da presença das lutas no currículo para a qualidade e a intencionalidade de seu ensino e efetivação desse conteúdo, tendo em vista aspectos como: formação inicial e continuada; estrutura física e curricular; e abordagens teórico-metodológicas comprometidas com a transformação da realidade social.

Em síntese, o ensino das lutas na Educação Física escolar passa a ser concebido predominantemente como expressão da cultura corporal, meio de reflexão social e prática educativa transformadora. Esse movimento teórico-prático representa o aprofundamento da reflexão e a perspectiva de consolidar as lutas como tema da Educação Física.

#### 4. TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE O ENSINO DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A comparação entre o primeiro conjunto de estudos, composto por publicações entre 2007 e 2016 como as de Nascimento (2007), Bertazzoli e Alves (2008), Silva (2011), Rufino e Darido (2011) e Fonseca *et al.* (2014), e a produção dos últimos cinco

anos (2019-2025) evidencia um movimento de amadurecimento teórico e metodológico do campo das lutas na Educação Física escolar.

Nessa perspectiva, nos artigos publicados entre 2006-2016, as lutas foram tratadas como tema emergente, marcado pela ausência nos currículos e pela necessidade de sua legitimação pedagógica frente ao predomínio esportivista da Educação Física escolar. Textos como “A separação dos conteúdos das lutas dos esportes na Educação Física escolar: necessidade ou tradição?” e “Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais” expressam a busca por critérios didáticos mínimos e por justificativas conceituais que assegurem o lugar das lutas entre os conteúdos da cultura corporal.

Já nas produções recentes, observa-se uma mudança qualitativa: o debate não se limita mais a justificar o ensino das lutas, mas sim a problematizar suas formas de inserção, suas implicações formativas e seus vínculos com as pedagogias críticas. Trabalhos como os de Pereira, Oliveira e Prodócimo (2024) e Souza e Peres (2025) exemplificam esse avanço ao proporem metodologias dialógicas e contextuais, que aproximam o ensino das lutas de perspectivas histórico-críticas e libertadoras.

Em ambos os períodos, a formação docente aparece como categoria central, mas com ênfases distintas.

Nos primeiros estudos, a carência de formação específica em lutas é vista como causa da ausência das lutas nas aulas. Já nas pesquisas mais recentes, como Almeida *et al.* (2022) e Andreato *et al.* (2024), a formação é analisada em sua dimensão estrutural, revelando um descompasso entre formação inicial, prática pedagógica e currículo.

Esses estudos evidenciam que a presença das lutas no currículo não depende apenas da iniciativa individual do professor, mas de condições institucionais, apoio pedagógico e reconhecimento sobre a relevância do ensino desse conteúdo no currículo. Surge, portanto, uma agenda política e pedagógica mais ampla, que vincula o ensino das lutas à democratização do acesso e à valorização da cultura corporal no contexto escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão apresentou um panorama sobre as preocupações de pesquisa que tematizam o ensino das lutas, destacando o enfoque metodológico e a principal conclusão dos textos revisados, com o intuito de contribuir para a compreensão sobre a produção do conhecimento sobre esse tema.

O conhecimento produzido nos estudos analisados situa o conteúdo das lutas como parte integrante do acervo da cultura corporal, essa questão passa a integrar o debate curricular da Educação Física, especialmente nos marcos das pedagogias críticas da educação e da Educação Física. Esse movimento evidencia a ampliação do *corpus* teórico, associada ao fortalecimento de pesquisas empíricas que colocam a prática pedagógica no centro das análises.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. O.; RUFINO, L.G.B.; LAZZAROTTI FILHO, A.; BACKES, A. F.; RODRIGUES, H. A. A prática pedagógica com as Lutas na Educação Física: um retrato da formação e da realidade de ensino de professores do ensino médio do distrito federal. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.L.], v. 44, p. 1-9, 18 nov. 2025. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/rbce.44.e20220076>.
- ALVES JÚNIOR, E. Discutindo a violência nos esportes de luta: a responsabilidade do professor de educação física na busca de novos significados para o uso das lutas como conteúdo pedagógico. Usos do Passado. *In.* XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. ANPUH. RJ. **Anais**, 2006. p.01-09.
- ANDREATO, L. V.; BRAGA, L. F.; PAIVA, L.; COSWIG, V. S.; LIMA, A. B. Análise da inclusão das lutas na escola e dos fatores limitantes para sua inserção nas aulas de educação física: uma revisão sistemática. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 27, 2024. DOI: 10.5216/rpp.v27.79516. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/79516>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- BECKER, A. C; HARNISCH, G.S.; BORGES, G. A. O conteúdo "lutas" nas aulas de educação física em escolas do Oeste do Paraná. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, 2021. DOI: 10.5216/rpp.v24.68245. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/68245>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- BERTAZZOLI, B. F.; ALVES, D. A.; AMARAL, S. C. F. Uma Abordagem Pedagógica para a Capoeira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 02, p. 207-229, mai/agos. 2008.
- BUFALO, R. S.; JESUS, G. B.; IMPOLCETTO, F. M. O "Estado da Arte" da Capoeira em periódicos nacionais: Ênfase nos estudos sobre práticas pedagógicas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 25, 2022. DOI: 10.5216/rpp.v25.71811. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/71811>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- SOUZA, G. S; PERES, J. J. P. Proposta de tematização das lutas corporais no Ensino Médio: a história da civilização humana. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 28, 2025. DOI: 10.5216/rpp.v28.80615. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/80615>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- FABIANI, D. J. F.; SCAGLIA, A. J.; ALMEIDA, J. J. G. O jogo de faz de conta e o ensino da luta para crianças: criando ambientes de aprendizagem. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, jan./mar. 2016.
- FERREIRA, N. R; COSTA, J. L.; HUDSON, T. A.; MEIRELES, J. F. F Inserção das lutas na educação física escolar da cidade de Muriaé-MG. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.

24, 2021. DOI: 10.5216/rpp.v24.67744. Disponível em:  
<https://revistas.ufg.br/feff/article/view/67744>. Acesso em: 18 nov. 2025.

FONSECA, J. M. C.; FRANCHINI, E. D.; VECCHIO, F. B. Conhecimento declarativo de docentes sobre a prática de lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate nas aulas de Educação Física escolar em Pelotas, Rio Grande do Sul. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 320618, abr./jun. 2013.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano. **Movimento**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 395–411, 2013. DOI: 10.22456/1982-8918.41542. Disponível em:  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/41542>. Acesso em: 18 nov. 2025.

GOMES, M. S. P. et al. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 207-227, abr/jun. 2010.

GONÇALVES, A. V. L.; SILVA, M. R. S. Artes Marciais e Lutas: Uma Análise da Produção de saberes no campo discursivo da Educação Física Brasileira. **RBCE**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 657-671, jul./set. 2013.

LOPEZ, P. C. G.; GOLIN, C. H.; RIBEIRO, E. A. G.; O conteúdo lutas no ensino médio: discursos dos professores de Educação Física da fronteira Brasil-Bolívia. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, 2019. DOI: 10.5216/rpp.v22.54938. Disponível em:  
<https://revistas.ufg.br/feff/article/view/54938>. Acesso em: 18 nov. 2025.

MATOS, J. M. C.; SCHNEIDER, O.; MELLO, A. da S.; FERREIRA, A. F.; SANTOS, W. dos. A produção acadêmica sobre conteúdos de ensino na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 02, p. 123-148, abr/jun; 2013.

MOURA, Diego Luz; SILVA JUNIOR, Ivanildo Alves Lima da; ARAUJO, João Gabriel Eugênio; SOUSA, Cleyton Batista de; PARENTE, Maria Larissy da Cruz. O ensino de lutas na Educação Física Escolar: uma revisão sistemática da literatura. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, 2019. DOI: 10.5216/rpp.v22.51677. Disponível em:  
<https://revistas.ufg.br/feff/article/view/51677>. Acesso em: 18 nov. 2025.

NASCIMENTO, Paulo R. B. do; ALMEIDA, Luciano de. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, setembro/dezembro. 2007.

PEREIRA, Á. S.; OLIVEIRA, M. A. de; PRODÓCIMO, E. O ensino de lutas/artes marciais como uma prática de educação libertadora: entremeando círculos de cultura, situações-problema e jogos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.L.], v. 46, p. 1-7, 18 nov. 2025. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/rbce.45.e20230068>.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na Educação Física escolar: Necessidade ou tradição? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 117, set./dez. 2011.

SANTOS, Marcio Antonio Raiol; BRANDÃO, Pedro Paulo Souza. Produção do conhecimento em lutas no currículo da educação física escolar. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [S.L.], v. 25, p. 1-13, 27 fev. 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.78143>.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo. Cortez. 2007.

VASQUES, D. G.; BELTRÃO, J. A. MMA e Educação Física Escolar: a luta vai começar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 04, p. 289-308, out/dez de 2013.

SILVA, P. C. da C. Capoeira nas aulas de educação física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores. **RBCE**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 889-903, out./dez. 2011.

UENO, V. L. F.; SOUSA, M. F. de. Agressividade, violência e Budô: temas da Educação Física em uma escola estadual em Goiânia. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, out./dez. 2014.

## **INVENTAR CURRÍCULOS COMO PRÁTICAS PARA ADIAR O FIM DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Leonardo Conceição Gonçalves<sup>5</sup>

### **DAS LUTAS CORPORAIS ÀS LUTAS SOCIAIS: POR QUE FALAR DE LUTAS NOS CURRÍCULOS?**

Este capítulo resulta de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, voltada a compreender como os conhecimentos da Cultura Corporal são incorporados aos currículos escolares. Entre esses conhecimentos, as lutas se destacaram.

Classificadas pelo Coletivo de Autores (1992) como tema clássico da Cultura Corporal, as Lutas evidenciam um dilema exemplar: embora sejam práticas ricas em significados – da ritualidade à comunicação entre praticantes, passando por disputas reguladas e antigas formas de defesa territorial – sua circulação pedagógica permanece limitada.

Conforme analisa Neira (2021), nas escolas públicas brasileiras o trato com a maioria dos conteúdos da Educação Física esbarra em empecilhos variados: falta de equipamentos, turmas numerosas, ausência de tempo para planejamento coletivo e, muitas vezes, a necessidade de criar práticas diante de estruturas físicas insuficientes. Esses fatores afetam a tematização dos elementos da Cultura Corporal e, nesse quadro já precário, alguns conteúdos tornam-se ainda mais subalternizados – como as lutas.

O lugar marginal das lutas não deriva da ausência de valor formativo, mas da organização curricular historicamente estruturada em torno de práticas hegemônicas, como destacam Betti (1991) e Oliveira (2022). Assim, não é raro que as lutas apareçam na escola reduzidas a exercícios fragmentados, abordagens tecnicistas ou simples

---

<sup>5</sup> Doutor em Educação pelo do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Mestre em Ensino na Educação Básica e Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Licenciado em Educação Física pela UERJ. Foi docente da Faculdade de Educação Física e Dança - FEFD/UFG e do Instituto Federal Goiano. Atualmente é professor do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES RJ). Além das experiências nas áreas da Educação na Ciberultura, Educação Especializada Bilingue de Surdos e Aprendizagem-Ensino de Educação Física, atua nas pesquisas com os Cotidianos, articulando temas acerca dos currículos, redes educativas, imagens, sons e formação docente

reprodução de modelos das academias e modalidades competitivas. Contudo, compreendê-las como conhecimento escolar implica tratá-las como manifestações complexas e expressivas da Cultura Corporal.

Saviani (2021) afirma que a escola pública tem o compromisso ético e político de garantir acesso aos conhecimentos socialmente produzidos. Por isso, quando as Lutas deixam de ser tematizadas, restringe-se o direito dos estudantes à diversidade da Cultura Corporal e, conseqüentemente, empobrece-se sua formação humana. Diante desse cenário, torna-se necessário situar as Lutas como conhecimento escolar. Assim, este capítulo tem como objetivo analisar os fundamentos, desafios e possibilidades para o ensino das Lutas, articulando essa discussão aos processos históricos que configuraram a Educação Física na escola.

### **Trajetórias curriculares das Lutas na Educação Física escolar**

Compreender o lugar que as lutas ocupam nos currículos escolares exige situar a Educação Física em seu percurso histórico, marcado por disputas e deslocamentos de sentido. Assim, ao longo do século XX, a área foi moldada por diferentes projetos de sociedade e modelos pedagógicos que influenciaram diretamente a seleção, a organização e a legitimação dos conhecimentos escolares, como analisa Castellani Filho (1998).

Nesse processo, a área da Educação Física foi reiteradamente convocada a cumprir atribuições que extrapolavam o campo educativo – ora vinculadas ao adestramento físico e à preparação para o trabalho, ora associadas à formação moral e cívica. Essa tendência tornou-se especialmente marcante durante o período militar, quando a disciplinarização e o rendimento físico se consolidaram como eixos centrais (Coletivo de Autores, 1992). Conseqüentemente, o esporte ganhou primazia na escola, afastando outras manifestações da Cultura Corporal, entre elas as lutas.

Com a emergência das abordagens progressistas, a Educação Física escolar passou a ser compreendida como campo de conhecimentos necessários à formação humana, e não como um conjunto de técnicas ou atividades recreativas. Nesse contexto, as lutas foram reconhecidas como tema da Cultura Corporal. Entretanto, esse reconhecimento não se converteu automaticamente em sua efetiva incorporação aos currículos, pois a estrutura escolar permaneceu fortemente orientada pela lógica esportiva.

A hegemonia esportivista continuou, então, a organizar tempos, espaços, materiais e expectativas institucionais. Modalidades como futebol, futsal, vôlei e basquete consolidaram-se como práticas amplamente legitimadas, facilmente reconhecidas pela

comunidade escolar e socialmente valorizadas (Oliveira, 2022). Já as lutas enfrentaram barreiras adicionais por envolverem contato físico, demandarem negociações éticas mais complexas e exigirem mediação docente cuidadosa, encontraram menos condições para se estabilizar como conteúdo curricular. Somaram-se a esse quadro políticas educacionais recentes que reforçaram a racionalização do tempo escolar e a padronização de resultados (Saviani, 2021).

Paralelamente, a organização escolar brasileira historicamente atribuiu à Educação Física um lugar periférico na hierarquia dos saberes (Neira, 2021). Se a área como um todo já disputava legitimidade e condições mínimas de trabalho, alguns conteúdos passaram a sofrer um duplo processo de subalternização: pelo desprestígio curricular e por não integrarem os conhecimentos tratados como prioritários.

Evidencia-se, portanto, que os dilemas relacionados ao ensino das Lutas não decorrem apenas da ausência de formação docente adequada ou de receios sobre violência nas aulas. Eles derivam de uma rede complexa de condições políticas, materiais e simbólicas que moldam o trabalho pedagógico e delimitam o que é possível tematizar. Compreender essa tessitura curricular é condição fundamental para pensar alternativas para o ensino das Lutas como inéditos viáveis (Freire, 2016), discussão que será aprofundada nas próximas seções.

## **EM BUSCA DO SENTIDO DE LUTAR: FUNDAMENTOS ÉTICOS, ESTÉTICOS E PEDAGÓGICOS NA ESCOLA**

O Coletivo de Autores (1992) estabelece critérios fundamentais para o docente considerar durante o processo de seleção dos conteúdos da Cultura Corporal: relevância social, contemporaneidade, adequação às possibilidades sociocognitivas dos estudantes, simultaneidade com os dados da realidade, espiralidade das referências e provisoriedade do conhecimento. À luz desses critérios, as Lutas mostram-se plenamente justificadas como conteúdo escolar, pois atravessam diferentes tempos históricos, forjam maneiras de realizar a comunicação e oposição entre corpos e permitem a reflexão sobre regras, limites, táticas e convivência em grupo.

Além disso, conforme destacam Darido (2005) e Galatti, Scaglia e Paes (2010), o ensino das Lutas não precisa – e não deve – restringir-se ao domínio de modalidades específicas. Os autores citados anteriormente defendem que a escola deve tematizar os elementos estruturantes comuns às diversas lutas, tais como:

- oposição entre dois ou mais participantes;
- alternância entre ataque e defesa e leitura tática da ação do oponente;
- respeito às regras estabelecidas;
- uso intencional do corpo como meio de comunicação e disputa.

Dessa forma, os estudantes poderão compreender os gestos sociais produzidos com as Lutas para além das técnicas codificadas e dos estilos particulares, analisando suas dimensões éticas, estéticas, políticas e técnico-corporais. A ênfase desloca-se da reprodução dos golpes para a compreensão do sentido de lutar. Assim, há uma discreta progressão que vai da identificação dos movimentos básicos à criação de novas formas de combate simbólico.

Outro ponto que se destaca é a importância de articular o ensino das Lutas aos dados da realidade, princípio central da abordagem crítico-superadora (Coletivo de Autores, 1992). Isso significa compreender as lutas como construções sociais que fazem emergir modos de convivência, resolução de conflitos, negociação de regras e organização coletiva. Assim, o trabalho pedagógico não pode desconsiderar os cotidianos dos estudantes, nem tampouco reduzir as lutas a demonstrações técnicas isoladas, sob risco de reproduzir o esvaziamento já visto nos currículos de formação profissional.

Nessa direção, a crítica à lógica tecnicista – tanto dos cursos de formação quanto das práticas escolares ultrapassadas – reforça a necessidade de um ensino que promova leitura dos elementos da Cultura Corporal. Com isso, Freitas (2003) lembra que o trabalho pedagógico deve produzir sentido, articulando prática com teoria, e evitando a simples reprodução de modelos que não dialogam com os cotidianos. As Lutas, por sua vez, oferecem rico material para realização dos processos descritos anteriormente, pois mobilizam aspectos corporais, cognitivos, afetivos e ético-relacionais, permitindo que os estudantes compreendam o corpo como expressão do mundo e não apenas como ferramenta técnica.

Para Gomes (2008) ensinar lutas na escola implica formular situações didáticas que valorizem experimentação, criação, cooperação e reflexão sobre as regras. Tais elementos aproximam as lutas de um campo formativo amplo, no qual a oposição não se reduz a vencer o outro, mas a construir modos de se relacionar e reconhecer limites – próprios e alheios.

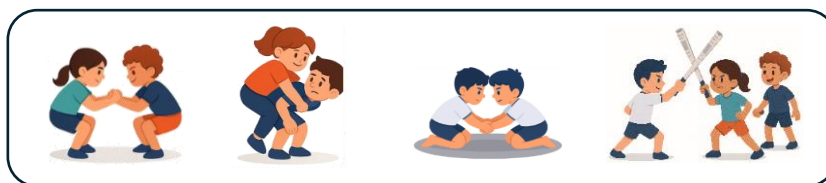
Dessa forma, os fundamentos pedagógicos aqui apresentados sugerem que as lutas, quando tematizadas nos currículos escolares, podem contribuir significativamente para a formação humana. Ademais, rompem com estereótipos, ampliam repertórios

corporais, favorecem a autonomia tática e ética e desafiam práticas escolares restritas ao esporte hegemônico. Finalmente, a próxima seção discutirá, então, as possibilidades concretas de abordagem didática das lutas, articulando princípios, metodologias e caminhos críticos para sua inserção no currículo.

### Proposições para adiar o fim das Lutas na Educação Física Escolar

Superar os obstáculos que limitam a presença das lutas nos currículos exige identificar ações didáticas viáveis, articuladas às condições reais da escola pública. Nesse sentido, como primeiro ato de ensino preconiza-se partir da tematização dos elementos comuns às lutas, e não das modalidades específicas (Figura 1). Essa perspectiva, defendida por Darido (2005) e por Galatti, Scaglia e Paes (2010), prioriza aspectos estruturantes como oposição, ataque e defesa, desequilíbrio, tática e regras, permitindo adequações ao espaço, ao tempo e aos materiais disponíveis.

**Figura 1.** experimentação dos variados movimentos comuns às Lutas



Fonte: <https://chatgpt.com/c/69304d31-74c8-8330-9071-c2fa3dcd637a>

Outra possibilidade está na diversificação dos materiais e espaços, mesmo em condições de escassez (Figura 2). Dessa maneira, colchonetes, linhas marcadas no chão, superfícies delimitadas e pequenos objetos já possibilitam experiências seguras. Em vez de depender de aparatos técnicos específicos, o docente pode criar situações de aprendizagens que ampliem a compreensão do ato de lutar como prática cultural.

**Figura 2.** diversificação dos materiais e espaços



Fonte: <https://chatgpt.com/c/69304d31-74c8-8330-9071-c2fa3dcd637a>

O uso de jogos de luta é igualmente relevante (Figura 3). Eles tornam possível experimentar oposição, estratégias e regras de convivência sem recorrer imediatamente

às técnicas codificadas das modalidades. Conforme argumenta Gomes (2008), esses jogos favorecem autonomia, criatividade e reflexão sobre o corpo em relação ao outro, aproximando a prática da realidade escolar.

**Figura 3 .** jogo de luta “Cabo de guerra”



Fonte: <https://chatgpt.com/c/69304d31-74c8-8330-9071-c2fa3dcd637a>

A construção coletiva de regras também se apresenta como recurso pedagógico potente. Ao discutir limites, segurança e modos de pontuar, os estudantes analisam os movimentos de lutar em sua dimensão moral, conforme orienta o Coletivo de Autores (1992). Esse processo fortalece a compreensão das Lutas como práticas sociais historicamente produzidas, e não apenas como ações corporais isoladas.

Além disso, a articulação das lutas aos dados da realidade – como suas representações na mídia, relações com violência e processos de espetacularização – contribui para que o conteúdo seja tratado de modo ampliado. Freitas (2003) destaca que o trabalho pedagógico só produz sentido quando associado à experiência concreta dos estudantes, o que nas Lutas pode envolver análises de vídeos, debates e ressignificações das práticas.

Por fim, a adoção de progressões pedagógicas – das ações simples às situações de maior complexidade – permite que todos os estudantes participem, independentemente do nível de habilidade. Darido (2005) ressalta que essa organização favorece a segurança, inclusão e aprofundamento gradual dos conhecimentos.

Assim, as possibilidades didáticas para o ensino das lutas não dependem exclusivamente de condições ideais, mas de escolhas pedagógicas coerentes, fundamentadas nos princípios da Educação Física escolar.

### **Considerações Finais**

A análise do percurso histórico da Educação Física, das condições concretas de trabalho docente e dos fundamentos pedagógicos que estruturam o ensino das Lutas permite reconhecer que sua presença nos currículos escolares não é um mero detalhe metodológico, mas um marcador das disputas que atravessam a própria escola pública.

Ao longo das últimas décadas, diferentes modelos pedagógicos e reformas educacionais delimitaram o que pode ou não ser tematizado nas aulas de Educação Física, produzindo hierarquias entre conteúdos e restringindo o acesso dos estudantes à pluralidade da Cultura Corporal. Nesse contexto, as Lutas constituem um exemplo expressivo de como determinados conhecimentos permanecem à margem, não por falta de relevância, mas por condicionantes materiais, simbólicos e formativos que dificultam seu tratamento sistematizado. Se, por um lado, a lógica esportivista e a precarização das condições de ensino limitam sua presença, por outro, os fundamentos pedagógicos apresentados demonstram que as Lutas possuem elevado potencial educativo

Dessa forma, as possibilidades didáticas discutidas nesse capítulo – como a tematização dos elementos estruturantes, o uso de jogos de oposição, a construção coletiva de regras, a articulação com os dados da realidade e a adoção de progressões pedagógicas – evidenciam que é possível tematizar as Lutas a partir de uma intencionalidade pedagógica docente. Assim, afirmar o lugar das Lutas nos currículos significa ampliar repertórios culturais, tensionar práticas hegemônicas e contribuir para a formação humana em sua dimensão mais ampla.

Portanto, longe de representar um conteúdo acessório, as Lutas configuram um campo de conhecimento imprescindível para uma Educação Física comprometida com o direito à Cultura Corporal e com a democratização do acesso aos saberes socialmente produzidos. Recolocá-las no centro do debate curricular é reconhecer que toda prática educativa implica escolhas, e que escolher pelas Lutas é escolher pela diversidade, pela criticidade e pela ampliação das possibilidades formativas na escola pública.

## **REFERÊNCIAS**

BETTI, Mauro. *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. 7. ed. Campinas: Papirus, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, Silvana C. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREITAS, Luiz Carlos de. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. São Paulo: Moderna, 2003.

GALATTI, Larissa; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. *Pedagogia do esporte aplicada às lutas*. São Paulo: Phorte, 2010.

GOMES, Marcelo Soares Pereira. *Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

NEIRA, Marcos Garcia. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Brasília, DF, v. 40, n. 3, p. 215-223, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.04.001>. Acesso em: 05 Nov. 2025.

OLIVEIRA, Clara Lima de. *Ensino do esporte na Educação Física escolar a partir da abordagem crítico-superadora*. 2022. 328 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35631/1/Tese\\_-\\_Clara\\_Oliveira.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35631/1/Tese_-_Clara_Oliveira.pdf). Acesso em: 05 Nov. 2025.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 19. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

## **ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA DISCIPLINA “METODOLOGIA DO ENSINO E PESQUISA EM LUTAS”**

Luara Faria dos Santos<sup>6</sup>  
Ana Carla Dias Carvalho<sup>7</sup>  
Isadora Beatriz da Silva<sup>8</sup>  
Mariany Rodrigues Macedo<sup>9</sup>  
Paulo Victor da Silva<sup>10</sup>  
Josué Silva de Moraes<sup>11</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que investigou a prática pedagógica na disciplina “Metodologia do Ensino e Pesquisa em Lutas”, ofertada no curso de Educação Física da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). O objetivo é analisar tais práticas desenvolvidas com base nos princípios teórico-metodológicos que fundamentam o referido componente curricular, sob a perspectiva dos estudantes, do monitor e de duas professoras do curso de Educação Física – uma regente da disciplina em questão e outra que colaborou com a discussão, categorização e sistematização dos dados do estudo.

Como procedimento teórico-metodológico, adotou-se a pesquisa narrativa de quatro alunos inscritos na disciplina, cujas narrativas foram produzidas por escrito e de forma individual. Para isso, criou-se um ambiente seguro e de corresponsabilidade sobre o desenvolvimento do programa de ensino, com escuta atenta e encorajamento da reflexão ao longo do desenvolvimento do componente curricular, quando os acadêmicos foram instados a elaborarem uma reflexão acerca do percurso formativo, conforme a relação entre o programa de ensino e a prática pedagógica para analisar o conhecimento abordado na metodologia e nos desafios do processo de ensino-aprendizagem.

A propósito, o desafio proposto na produção sobre a prática pedagógica da disciplina permeou a reflexão sobre os conhecimentos/conteúdos tratados, os objetivos, a

---

<sup>6</sup> Professora Doutora do curso de Educação Física do Instituto de Biotecnologia da Universidade Federal de Catalão (IBIOTEC/UFCAT).

<sup>7</sup> Professora Doutora do curso de Educação Física do IBiotec/UFCAT.

<sup>8</sup> Acadêmica do curso de Educação Física do IBiotec/UFCAT.

<sup>9</sup> Acadêmica do curso de Educação Física do IBiotec/UFCAT.

<sup>10</sup> Acadêmico do curso de Educação Física do IBiotec/UFCAT.

<sup>11</sup> Acadêmico do curso de Educação Física do IBiotec/UFCAT.

relação entre teoria e prática e a relevância de os estudantes possuírem uma experiência anterior com o universo das lutas. Após a conclusão das escritas que subsidiaram os dados da pesquisa, os estudantes fizeram a leitura ou comentaram os principais aspectos dos textos, de modo a expandirem o debate atinente às práticas supracitadas.

Como procedimento de validade e confiabilidade, considerou-se pressuposto crítico-reflexivo como condição *sine qua non* para a construção da prática pedagógica e ressignificação da esfera educacional. Os dados foram organizados em consonância às seguintes questões: qual o conhecimento abordado pela disciplina? Como ele foi desenvolvido? Quais os desafios/limites da prática pedagógica?

Segundo Passeggi (2000), a narrativa permite, aos professores em formação, o entendimento acerca da construção da autoconsciência sobre as transformações exigidas pelo percurso formativo. Por meio da narrativa e da constituição do sujeito, sob o seu ponto de vista se desenvolve a correlação entre a (re)conceitualização das práticas sociais e a (re)constituição de compreensões sobre a própria identidade profissional.

Nesse sentido, a narrativa é a forma pela qual os indivíduos dão sentido a si mesmos e ao mundo, em que não expressa importantes dimensões da experiência vivida; medeia a própria experiência; reordena a construção da realidade social (Bolívar, 2012); e se inscreve na reapropriação da existência que resiste contra a conformidade das codificações profissionais e sociais (Delory-Momberger, 2012). Por esse motivo, o desafio de produção de um texto científico foi lançado aos acadêmicos desde o primeiro dia de aula na disciplina “Metodologia do Ensino e Pesquisa em Lutas” ofertada em 2024/2, como parte do exercício de desenvolvimento da investigação no âmbito da graduação e do fazer docente.

A escolha por uma escrita colaborativa decorreu da compreensão de que a construção coletiva do trabalho pedagógico precisa ser experienciada desde a formação inicial docente, por meio de diferentes vivências que permitam debater a relação entre teoria e prática como estratégia para sanar os problemas do cotidiano dos professores.

## **1 TRATO COM O CONHECIMENTO DAS LUTAS**

A organização do trabalho pedagógico na disciplina “Metodologia do Ensino e Pesquisa em Lutas” vislumbrou um eixo formativo que permitiu aos estudantes constatar, interpretar, compreender e explicar a atividade profissional do professor de Educação Física, em especial no que concerne à organização, transmissão e avaliação do conhecimento das lutas.

Para tanto, buscou-se identificar o conhecimento dos estudantes sobre lutas, desenvolver uma abordagem de estudo teórico-prático e aprofundar os fundamentos didático-pedagógicos das lutas. Isso ocorreu conforme as pedagogias críticas da Educação

Física, em um conjunto de cinco aulas semanais com carga horária total de 80 horas e realizadas durante o segundo semestre de 2024.

Aliás, a ementa da disciplina mencionada prevê, *in verbis*:

Conhecimento teórico-prático dos fundamentos técnicos e regras básicas das lutas, raízes históricas e suas diferentes manifestações culturais e esportivas, com ênfase às lutas mais expressivas na cultura brasileira, objetivando o reconhecimento de suas características e o processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar. Reflexão sobre pesquisas e práticas de ensino das lutas na escola (Universidade Federal de Catalão, 2023, p. 116).

De acordo com o referido documento, o trabalho docente na disciplina apresenta desafios relativos à articulação entre os fundamentos teóricos e a experiência prática. Mobiliza-se um *corpus* teórico-conceitual, histórico, regras e técnicas das lutas que contribuam para uma formação ampla, em que os estudantes compreendem aproximações e diferenças entre distintas modalidades. Paralelamente, a relação entre teoria e prática apresenta dimensão central, por exigir vivências corporais que subsidiam a reflexão pedagógica dos estudantes e permitem o entendimento do fenômeno das lutas de modo amplo e complexo.

Considera-se, pois, a formação teórica aliada a uma instrumentalização para a formação e atuação de professores, para os conhecimentos sobre as lutas serem abordados por meio de pesquisas e práticas de ensino na Educação Física. Nessa perspectiva, o desafio consiste em tratar o conhecimento das lutas sob a abordagem crítica que supera dicotomias e tendências tecnicistas. Assim, o referencial teórico reconhece diferentes enunciados que envolvem o conceito de lutas e artes marciais na produção do conhecimento em Educação Física (Gonçalves; Silva, 2013); no trato didático-pedagógico mediado pelas contribuições das pedagogias críticas da Educação Física, com destaque para Soares, Taffarel e Varjal (2013) e Kunz (2004); e no desdobramento do potencial formativo da capoeira, diante da relevância social quanto aos saberes comunitários, culturais ancestrais, populares e científicos (Falcão, 2018; Gomes, 2013).

Conteúdos previstos no plano de ensino da disciplina foram organizados em duas unidades: na primeira, refletiu-se sobre o termo “luta” e seu significado no processo histórico e pedagógico da Educação Física, bem como acerca de experimentações metodológicas e aprofundamento em modalidades de luta escolhidas de maneira coletiva, com base em ocorrências na cidade e relevância histórica; e, na segunda, abordaram-se metodologias do ensino das lutas na Educação Física escolar, conforme as modalidades também selecionadas coletivamente, em observância aos elementos da organização do trabalho pedagógico. Por ser uma Prática como Componente Curricular (PCC), o componente curricular previu atividades de campo em espaço não formal de atuação

profissional, com o objetivo de proporcionar vivências em lutas e promover discussões sobre a experiência docente de profissionais que atuam com esse conhecimento.

A metodologia da disciplina contemplou aula expositiva, grupo de estudos, produção de pequenos textos-sínteses e vivência de fundamentos e técnicas de lutas. Tais atividades foram desenvolvidas com ênfase reflexiva, exploratória do ato de se movimentar, na ação comunicativa e correlação entre lutas e outros conhecimentos da cultura corporal, cujas vivências repercutiram em sistematizações e perspectivas de planejamento pedagógico, análise de filmes e visitas em um espaço que tematiza as lutas na cidade. Por fim, o componente curricular propôs o processo experimental da escrita de um artigo que constituiu a avaliação final.

## 2 NARRATIVA DOS ESTUDANTES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Conforme o desenvolvimento da disciplina, cada estudante produziu uma escrita narrativa na qual deveriam descrever e analisar os aspectos significativos da experiência de ensino-aprendizagem decorrente do componente curricular. Convém salientar que a experiência decorrente da pesquisa representa um número reduzido de discentes matriculados, o que contribuiu para o desenvolvimento de uma investigação engendrada em dinâmicas metodológicas da disciplina.

A seguir, apresenta-se a categorização da narrativa de quatro estudantes e um monitor sobre a prática pedagógica vivenciada na disciplina (Quadro 1):

Quadro 1 – Elementos significativos da prática pedagógica

Acadêmicos	O que? (conhecimento)	Como? (metodologia)	Desafios e limites da prática
Mari	Aspectos históricos, conceituais, culturais e contextuais do conhecimento das lutas. Capoeira (jogo, luta e dança) como parte da cultura.	Experiências e vivências com jogos de lutas; elementos técnicos básicos; características gerais das lutas (desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão).	Ausência da vivência dos instrumentos da capoeira.
Isadora	Temas transversais do conhecimento (violência e gênero); lutas e artes marciais; dimensão lúdica da capoeira; relação entre luta, dança e religiosidade; sabedoria ancestral; judô, <i>tae-kwon-do</i> e <i>muay thai</i>	Estudo conceitual e experimentação das práticas; relação entre teoria e prática.	Falta de experiência anterior com alguma modalidade de lutas parece tornar a aprendizagem técnica mais desafiadora.

	(regras, disciplina e graduação); processo de esportivização das práticas corporais.		
Paulo	Diversas artes marciais; gestualidade; aspectos motores (bilateralidade).	Diferentes aprendizagens e aulas práticas; ênfase em aspectos do conhecimento de si (motores, foco e concentração); aulas teóricas; grupo de estudos.	Dificuldade em aderir ao grupo de estudos como metodologia.
Luiz	<i>Tae-kwon-do</i> e <i>muay thai</i> ; ensino de regras, conceitos históricos e valores permite a crianças e jovens desenvolverem disciplina, autocontrole e respeito; potencial das lutas como ferramenta de transformação social e educacional na comunidade; habilidades motoras e valores éticos e morais.	Aula de campo em espaço promove o ensino das lutas na cidade.	Pouca afinidade com as lutas.
Josué (monitor)	Conhecimento das lutas como expressão corporal; lutas como resistência, paixão, defesa pessoal e lazer; formação profissional; problematização da violência; experiência da docência.	Aprendizagem coletiva e compartilhada; vivências e troca de experiências entre professora, estudantes e monitor, cujas aulas seguiram o plano de ensino; fluidez e leveza nas atividades; participação dos estudantes.	Não declarou.

Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Dados do Quadro 1 foram organizados em três categorias centrais no processo de aprendizagem: conteúdo, metodologia e desafios/limites da prática pedagógica. Foram compilados os elementos considerados significativos pelos estudantes e monitor, conforme os próprios enunciados escritos, lidos e/ou comentados no âmbito da disciplina. Quanto ao conteúdo, os estudantes mencionaram diferentes aspectos do conhecimento, níveis de apropriação e percepções distintas do aprendizado que se complementam de algum modo. Também demonstram singularidades sobre concepções de lutas, ora associadas à aprendizagem motora ou com visão sócio-histórica do conhecimento.

Os inquiridos postularam que o conhecimento das lutas possui dimensões históricas, culturais e sociais, com diferenças conceituais entre lutas e artes marciais. Eles destacam a capoeira e o significado na cultura brasileira, cuja interface é vista com a religiosidade, a dança e o jogo; e reconhecem a relevância dos temas transversais, como

violência e gênero, além da diversidade dos saberes relacionados às lutas (modalidades, historicidade, técnicas e táticas) e desenvolvidos na formação/compreensão da realidade social.

Em se tratando da metodologia, os alunos mencionaram a experiência formativa pautada na articulação entre teoria e prática, o grupo de estudos e a experimentação das práticas mediante estratégias de aprendizagens coletivas e compartilhadas que privilegiaram a participação dos estudantes; e identificaram o repertório de conhecimentos de si e sobre o tema. A abordagem metodológica incluiu aspectos técnicos, jogos de lutas e trabalho de campo, o que contribui sobremaneira para entender a intervenção profissional nesse campo de atuação.

Ao final, os desafios da prática pedagógica indicaram que, para uma das acadêmicas, houve limites quanto à produção do conhecimento sobre a capoeira, mais especificamente a experimentação dos instrumentos. Os demais elencaram aspectos como: falta de experiência anterior com alguma modalidade de lutas; dificuldade em aderir ao grupo de estudo, um dos métodos eleitos para o aprofundamento temático; e falta de afinidade com o conhecimento das lutas. Vale ressaltar que o monitor não declarou dificuldades nesse contexto.

### **3 ANÁLISE DOS DADOS**

Diante dos dados apresentados, considera-se que os estudantes reconhecem a amplitude e qualidade da reflexão promovida pelo componente curricular “Metodologia do Ensino e Pesquisa em Lutas”, do curso de Educação Física da UFCAT, assim como uma perspectiva epistemológica crítica, sustentada por fundamentos sociológicos, filosóficos, biológicos, históricos e culturais, que envolve a socialização do saber acerca dos conhecimentos da cultura corporal historicamente acumulado e sistematizado.

Por um lado, percepção dos estudantes e do monitor sobre a prática pedagógica desenvolvida na referida disciplina corrobora o princípio de que a produção humana é histórica, inesgotável e provisória (Soares; Taffarel; Varjal, 2013); logo, a atuação dos estudantes foi ativa e orientada pela compreensão da totalidade do conhecimento, mediada por estratégias metodológicas que favorecem a reflexão sobre o saber, o campo de atuação e a prática profissional, com base na leitura, interpretação e ressignificação da realidade, com vistas à intervenção e superação no/do conhecimento. Nesse caso, destaca-

se o conhecimento acadêmico-profissional no âmbito do componente curricular e das pesquisas sobre a prática pedagógica.

Por outro lado, os desafios da prática pedagógica apontados pelos estudantes denotam que a qualidade no desenvolvimento do saber e do conhecimento exigem a contínua reflexão do professor-pesquisador para assegurar o domínio dos conteúdos, inclusive da musicalidade que envolve a capoeira. Ao mesmo tempo, necessita-se de competência para promover uma ambiência crítica, sensível e criativa, por meio de intervenções problematizadoras dos diferentes sentidos dos temas pertinentes à cultura corporal.

Apenas um estudante, além do monitor, havia frequentado aulas sistemáticas de alguma modalidade de lutas. Outro aluno havia participado de oficinas de capoeira, enquanto dois não haviam tido qualquer contato com a prática de lutas antes da disciplina. A trajetória anterior dos estudantes em lutas não foi um fator determinante da experiência produzida no componente curricular, ou seja, apesar de algumas dificuldades quanto à exposição física, os estudantes se envolveram com as práticas. A experiência com a capoeira foi desafiadora aos que possuíam conhecimento sobre lutas, em detrimento àqueles sem contato com ela, talvez pela particularidade da movimentação e da relação entre os diferentes planos (médio, alto e baixo), o que tende a desafiar padrões rígidos de movimentações presentes em lutas como karatê e boxe.

Certamente, o número reduzido de participantes na disciplina favoreceu o aprofundamento teórico, assim como a experiência de pesquisa sobre a prática pedagógica que resultou na elaboração deste texto. Em contraposição, limitaram-se algumas vivências, sobretudo quando um ou mais estudantes faltavam à aula. Ademais, a diversidade de pessoas no ambiente favorece tensões que emergem somente na prática.

Em complemento, todos os estudantes vinculados à disciplina estavam próximos à integralização do currículo. Dois deles, Paulo e Luiz, trabalhavam em academias da cidade, e suas narrativas sobre o conhecimento se associaram às técnicas e habilidades de lutas; e Isadora e Mari que se dedicavam, respectivamente, a outra função no mercado de trabalho e aos estudos de maneira integral, enfatizaram os aspectos teórico-metodológicos do conhecimento das lutas.

Diante do exposto, considera-se que as narrativas descritas, ao associarem o conhecimento das lutas aos diferentes significados e dimensões, estão influenciadas pela atuação profissional de cada acadêmico e por uma perspectiva (ou não) de atuação no contexto escolar, ao invés do conhecimento prévio em lutas. A visita a um espaço que

desenvolve as lutas na cidade subsidiou o entendimento de particularidades que envolvem a atuação profissional especializada em lutas, ao mesmo tempo em que favoreceu o debate sobre a diversidade de sentidos conectados pelo processo de ensino-aprendizagem das lutas, sejam eles éticos, estéticos, agonísticos e/ou lúdicos. Nesse aspecto, o foco do espaço visitado era o desenvolvimento do *tae-kwon-do*, com ênfase em sua cultura disciplinar e esportiva; e houve o tangenciamento da formação continuada como um dos imperativos da atuação docente, seja nos campos escolares (ou não).

O fato de o espaço analisado se localizar em um bairro periférico da cidade instigou, em um dos estudantes, a possibilidade de projetos formativos sintonizados com a transformação social e educacional na comunidade. Ainda que o esporte como meio de transformação social seja uma perspectiva muito explorada pelas mídias, ele alimenta esperanças quanto à ascensão social. Por isso, o debate concorreu para o entendimento da transformação social articulada ao acesso a bens historicamente constituídos pela humanidade; e do esporte como direito social previsto na Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB) e reafirmado pela Lei Geral do Esporte – Lei n. 14.597, de 14 de junho de 2023 –, como algo fundamental ao desenvolvimento humano integral (Brasil, 1988, 2023).

Nesse sentido, compreende-se que a reflexão sobre a prática pedagógica constitui pressuposto para a superação do estágio de conhecimento em um componente curricular, por permitir verificar a correlação objetivo-metodologia e sua eficácia na transmissão e produção do conhecimento científico. Adicionalmente, favorece processos de ressignificação do fazer docente, com potencial para aproximar professores em formação de premissas que envolvem concepções críticas do trabalho pedagógico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise da prática pedagógica desenvolvida com base na disciplina “Metodologia do Ensino e Pesquisa em Lutas” representa a constituição de uma consciência dos acadêmicos sobre o percurso formativo em Educação Física, mediante reflexões atinentes aos processos de ensino-aprendizagem, à relação entre teoria e prática e, conseqüentemente, aos elementos da Organização do Trabalho Pedagógico e à pesquisa como pressuposto do fazer docente. Além disso, colabora para os avanços no estágio de conhecimento desse componente curricular e da área de Educação Física.

Esse processo reafirma a posição ativa dos professores em formação na dialética da construção de uma consciência histórica de humanidade e, por conseguinte, de conhecimento, à medida que permite construir e promover, por aproximações sucessivas, referências novas, amplas e diferentes sobre o real. Dessa maneira, os estudantes conseguem entender a historicidade do conhecimento sobre as lutas e se reconhecer como sujeitos ativos na construção de tal saber.

De fato, tal posição demonstra que a docência acontece no cotidiano escolar, no trabalho com os desafios da formação humana e da realidade material, em sintonia com as demandas sociais, da própria profissão e da especificidade de cada área, na reflexão pedagógica e produção de conhecimento. Isso impõe a inter-relação de diversos momentos da formação com a vida profissional, entre a reflexão e a ação, com vistas a firmar a posição como professor e reiterar a profissão docente em uma dinâmica de partilha e inovação. Aqui, os sujeitos são formados no encontro com o outro, na tensão entre realidade e conhecimento e de modo colaborativo para a construção do trabalho coletivo, em se tratando do próprio esclarecimento e da formação humana para a autonomia e cidadania.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 3 dez. 2025.

BRASIL. Lei n. 14.597, de 14 de junho de 2023. Institui a Lei Geral do Esporte. **Diário Oficial da União**, Brasília, 15 jun. 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/14597.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14597.htm). Acesso em: 3 dez. 2025.

BOLÍVAR, Antonio. Dimensiones epistemológicas y metodológicas de la investigación (auto) biográfica. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição (orgs.). **Coleção pesquisa (auto)biográfica**: temas transversais. Natal: Edufrn; Porto Alegre: Edipucrs; Salvador: Eduneb, 2012, p. 27-69.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução de Carlos Calvão, Maria da Conceição Passeggi e Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2012.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. Do Brasil para o mundo: a prática corporal da capoeira na articulação de processos formais e não-formais de educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, Aracaju, v. 11, n. 24, p. 73-86, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/7642>. Acesso em 21 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v1i24.7642>

GOMES, Fábio José Cardias. **O pulo do gato preto**: estudo das três dimensões educacionais das artes-caminhos marciais de uma linhagem de capoeira angola 2012. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-18072012-152109/pt-br.php>. Acesso em: 2 dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.48.2012.tde-18072012-152109>

GONÇALVES, Arisson Vinícius Landgraf; SILVA, Méri Rosane Santos da. Artes Marciais e Lutas: uma análise da produção de saberes no campo discursivo da educação física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 657-671, set. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/YsGKW4FXNnfkVQNKGhRRNFM/?lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32892013000300010>

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais de formação: processos de autoria e de (re)construção identitária. *In*: CONFERÊNCIA DE PESQUISA SOCIOCULTURAL, 3., 2000, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2000. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/br2000/trabs/1970.doc>. Acesso em: 5 jun. 2023.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elizabeth. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO. **Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física do Instituto de Biotecnologia**. Catalão: UFCat, 2023. Disponível em: <https://ibiotec.ufcat.edu.br/ppc-ef>. Acesso em: 2 dez. 2025.

**Parte 2**

**Histórias de Vida e identidade na Cultura das Lutas**

## NESTE CORPO TEM CAPOEIRA

Wolney Honório Filho<sup>12</sup>

### INTRODUÇÃO

Eu não tô nem aí  
Se você espalhar  
Que eu estou ficando velho  
Pra capoeira jogar, eu não tô<sup>13</sup>

No texto “Corpo encapoeirado”: mulheres angoleiras na prática da capoeira Angola”, que tem uma ideia de que o “*corpo encapoeirado* constitui-se no lugar do sagrado”, a autora investiga a conexão entre a prática da capoeira e a posição de ser mulher preta. “O *corpo encapoeirado* trata de diferentes estratégias interdisciplinares de desconstrução de representações estereotipadas sobre mulheres que seguem a lógica binária de divisão entre os gêneros” (DE OLIVEIRA, 2025, p.03).

Neste ensaio, utilizarei essa ideia do “corpo encapoeirado” como lugar do sagrado e de desconstrução de representações estereotipadas, não propriamente de mulheres, mas fazendo um recorte sobre o corpo de um idoso<sup>14</sup>, que diz respeito à minha própria experiência com a capoeira. Afinal, capoeira é para qualquer idade?

### DESCIDA BÁSICA

Meu encontro com a capoeira foi numa segunda-feira, meados do mês de fevereiro, de 2025, logo depois que completei 62 anos de idade. Lembro-me que a ideia germinou em mim quando ouvi do professor de meditação Marco Schultz<sup>15</sup> de que ele foi professor de Educação Física e fez capoeira. Creio que vontade de fazer capoeira já

---

<sup>12</sup> Doutor em História e Professor da FAE – Faculdade de Educação - Universidade Federal de Catalão, onde atua no Curso de Pedagogia e Educação do Campo. E-mail: [whonoriof@gmail.com](mailto:whonoriof@gmail.com)

<sup>13</sup> Música “Eu Não Tô Nem Aí” · Mestre Barrão - A Voz do Cantador, Vol. 9 © 2018. Released on: 2018-10-01. In: <https://youtu.be/vPcvgU68Py8?si=6WCKMvcQvLsLJVHz> Acesso em 30/11/2025.

<sup>14</sup> Idoso, como legalmente definido no Brasil, como alguém com 60 ou mais, conforme Estatuto do Idoso.

<sup>15</sup> Desde outubro de 2024, venho fazendo um curso online de Meditação com Marco Schultz, através do ICL – Instituto Conhecimento Liberta.

existia. Esta Re inspiração foi o suficiente para eu tomar iniciativa e buscar informações, em Catalão – GO, onde moro, sobre onde havia aulas de capoeira.

Ressalto, portanto, que essa motivação espiritual, vindo da prática da meditação, apesar de não ter estado claro naquele momento inicial, vem se compondo nesta jornada como elemento central, e, aqui, um recorte importante, entre tantas motivações e/ou relações possíveis, que me fazem justificar para mim mesmo, o porquê da capoeira em mim, e eu nela.

Através de uma Ex - orientanda de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, peguei informações sobre aulas no Bairro Santa Terezinha. Naquela noite de segunda-feira, encontrei com o Mestrando Treme Terra, líder do Gingado Capoeira em Catalão e, na mesma semana, comecei a treinar.

Minha inspiração inicial era praticar esporte, fazer exercícios e conhecer o jogo da capoeira. Eu, um homem branco, imergindo no mundo de uma prática de exercícios e lutas com uma forte herança africana. Lembrei do poeta Vinícius de Moraes, na música “Samba da benção”: “O branco mais preto do Brasil”. Certamente não chego a tanto, mas, posso dizer, passei a ser o branco mais idoso do grupo de capoeira do Gingado Capoeira de Catalão.

Praticamente, desconhecia capoeiristas. Sabia pouco de histórias da capoeira. Nunca tinha visto um filme inteiro sobre capoeira, seja ficção ou não. Mas, lentamente, assim como uma ginga de Benguela, fui me aproximando. Não sem dor, não sem vontade, com pouca fé no axé.

## CAPOEIRA NÃO TEM IDADE, TEM POSTURA

Talvez eu não seja mais tão forte  
 O quanto eu fui a algum tempo atrás  
 Mas te garanto com minha experiência  
 Ainda te boto no chão meu rapaz, eu não tô<sup>16</sup>

A capoeira mexe com todo o corpo e mente do sujeito. Posso dizer que senti essa mexida desde o aprendizado dos primeiros movimentos, com a ginga, descida básica, bem como os primeiros golpes. Não apenas possíveis golpes recebidos, mas aqueles que nós mesmos damos ao nosso corpo, quando não o tratamos adequadamente, do ponto de vista dos exercícios necessários ao longo de uma vida. Aprendizado dolorido, pois vim acumulando uma inflexibilidade corporal crescente. A intransigência do meu corpo, praticamente “brigando” com minhas vontades, ou seja, a mente quer, mas o corpo resiste, facilitou dores nas pernas, ombros, o que, ao conhecer melhor o grupo, vi que é muito comum até em pessoas mais jovens da capoeira.

Dei me conta de que minha atenção, foco aumentaram sobre mim mesmo.

No dia 04 de outubro de 2025, assisti na UFCAT o 2º Festival de Dança. Fiquei fascinado e, quando cheguei em casa, escrevi o seguinte:

### O CORPO PODE

Assisti “O que o corpo pode?”  
 2º Festival de Dança – UFCAT

Não conheço  
 Esse bailarino  
 Nem a narradora  
 Mas me impressionaram

Eles sensibilizaram  
 A pergunta título  
 Do festival:

“O que o corpo pode?”

Eis um mistério  
 Para a ciência

---

<sup>16</sup> Música “Eu Não Tô Nem Ai” · Mestre Barrão - A Voz do Cantador, Vol. 9 © 2018. Released on: 2018-10-01. In: <https://youtu.be/vPcvgU68Py8?si=6WCKMvcQvLsLJVHz> Acesso em 30/11/2025.

Para a arte

Talvez Manoel de Barros

Nos ajude:

“A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio. Falava que os vazios são maiores e até infinitos”

A pergunta

Do festival

É:

O que o corpo pode

Através da arte?

E indicam:

"cada um acontece como pode!"

Esse bailarino

Arrancou minhas lágrimas

Me fez mergulhar

No vazio de Manoel

E querer

Inventar infinitos<sup>17</sup>

## CADA UM ACONTECE COMO PODE

Olha que o tempo passa ligeirinho  
 Meu camarada é melhor se cuidar  
 Pois o passado, o presente e o futuro  
 São bem diferentes na Capoeira, eu não tô<sup>18</sup>

O dia a dia dos treinos, que acontecem às segundas e quintas-feiras no salão do Bairro Santa Terezinha<sup>19</sup>, vão nos ajudando a perfilar o corpo. E eu fiz questão, desde fevereiro, de vir participando de todos. Além de conhecer mais de perto a cultura capoeirista, reconheci mais e melhor, minhas próprias dores. Não apenas as minhas, mas

<sup>17</sup> WHF - Catalão, 04 de outubro de 2024 - Esta apresentação foi realizada durante o **2º Festival de Dança "O que o corpo pode?"**, dia 03 de outubro de 2024, no auditório da Universidade Federal de Catalão - UFCAT.

<sup>18</sup> Música “Eu Não Tô Nem Ai” · Mestre Barrão - A Voz do Cantador, Vol. 9 © 2018. Released on: 2018-10-01. In: <https://youtu.be/vPcvgU68Py8?si=6WCKMvcQvLsLJVHz> Acesso em 30/11/2025.

<sup>19</sup> Às terças-feiras acontecia no Parque Ecológico Severo Gomes. A partir de junho/2025, passou a ser na ONG Vida Mulher Viva, no Bairro Nossa Senhora de Fátima.

uma realidade de dor física dos praticantes em geral, que não me chamavam a atenção, dado meu sedentarismo<sup>20</sup>.

A capoeira é mais que uma luta, dança e esporte. Comungo com a ideia de que é uma expressão cultural de resistência. Resistência coletiva e individual. Ou seja, no campo coletivo, uma resistência à herança escravocrata e racista brasileira. No plano individual, um exercício de resistência à acomodação, à inatividade, ao sedentarismo do sujeito, de si.

No caso do mestrando Treme Terra, ele tem 42 anos e graves lesões na coluna: espondilolistese grau 2, fratura na coluna em dois lugares, três hernias de disco, fora outros agravantes, como falta de líquido na coluna. Porém, ele mesmo diz: “nada disso me impossibilita fazer com dedicação, amor”<sup>21</sup>.

Friedrich Nietzsche escreveu: “Da escola da guerra da vida. – O que não me mata me torna mais forte” (Nietzsche, 2025; p.19). Esta frase combina com um ditado que ouço frequentemente entre capoeiristas: “a capoeira cura”. Ou seja, a dor é inevitável, como em qualquer prática esportiva. O problema é o que o esportista faz com a dor, como ele a absorve no seu dia a dia.

Ora, isso depende tanto da gravidade da lesão, quanto da concepção de mundo de quem está com dor. Com a hegemonia da indústria do remédio, é bem comum o apelo à farmácia, à compra de analgésicos, etc. Porém, apesar de incomum, é fato que muitos capoeirista não tomam remédios. Desinformação? Eu não desconsidero isso, mas a concepção de que a dor passa, de que a capoeira cura, existe fortemente entre uma ginga e outra.

Começo a perceber que esta concepção, de que o exercício pode ser sim uma cura e que pode ser substituto para remédios, passou a me envolver no dia a dia. Porém, essa concepção tem uma amplitude para além do corpo. Indica que o movimento é constituinte também do crescimento do axé, da força vital.

---

<sup>20</sup> Desde a infância, pratiquei vários esportes. Na vida adulta reduzi devido a um alerta de um fisioterapeuta, quanto à minha possibilidade de desenvolver hérnia de disco. Deixei o futebol, fiz um tempo hidroginástica, pilates, e, mais frequentemente, caminhadas. Tudo para ir contornando dores na coluna.

<sup>21</sup> Entrevista com o Mestrando Treme Terra em julho de 2025.

## AXÉ COM BERIMBAU

Eu lhe confesso que ainda eu vou longe  
E muita coisa ainda eu vou ver mudar  
Mas não me conformo com tanta ganância  
Dessa juventude na Capoeira, eu não tô<sup>22</sup>

Axé indica força sagrada, bem como poder, energia ou forças presentes em cada ser ou em cada coisa. Aqui, relaciono a força da presença e som do berimbau ao facilitar a transposição do jogo da capoeira, do corpo ao sagrado. Esta é uma questão importante no dia a dia da capoeira, qual seja, a religiosidade.

Como percebi isso nessa comunidade de capoeiristas? Mediante o fato de que todo início e fim de treino, ou roda de capoeira, no Gingado Capoeira em Catalão, há o costume de rezar a oração do Pai Nosso.

Eu estranhei essa prática, talvez pelo meu ceticismo, ou ainda minha incompreensão da presença dessa oração numa comunidade de capoeiristas. Além do corpo incrédulo, teimoso em se movimentar, dei me conta de que minha espiritualidade também estava sem se exercitar, inerte mediante à vida acadêmica científica e profissional que venho exercendo nos últimos 37 anos de carreira docente.

Contudo, assim como os treinos diários vieram reorganizando meus movimentos, minha flexibilidade corporal, percebi que passei a relacionar mais o aprendizado da meditação, à minha formação católica e a esse encontro com uma espiritualidade<sup>23</sup> na capoeira. Essa relação ficou mais evidente quando me dei conta que estava lendo mais livros sobre significados e propósitos de vida<sup>24</sup>. Ou seja, passei a amaciar minha inflexibilidade espiritual ao som do berimbau.

Nesse campo mais subjetivo, Leonardo Boff define espírito como uma força vital que permeia o cosmos, o ser humano e Deus. Sua manifestação se dá na interação com a realidade. Em outras palavras, a manifestação espiritual se daria no encontro entre seres, seja entre o outro e eu, a comunidade viva<sup>25</sup> e eu, ou mesmo entre eu e eu mesmo.

---

<sup>22</sup> Música “Eu Não Tô Nem Ai” · Mestre Barrão - A Voz do Cantador, Vol. 9 © 2018. Released on: 2018-10-01. In: <https://youtu.be/vPcvGU68Py8?si=6WCKMvcQvLsLJVHz> Acesso em 30/11/2025.

<sup>23</sup> Prefiro chamar a essa presença do Pai Nosso de expressão de espiritualidade do que propriamente de religiosidade.

<sup>24</sup> Um desses livros que me chamou a atenção foi YOGANANDA, Paramahansa. **Autobiografia de um Iogue**. Traduzido para o Português pela Self-Realization Fellowship. 2008.

<sup>25</sup> Leonardo Boff adota a expressão Comunidade Viva em substituição a Meio Ambiente.

Meu encontro com a capoeira, no início de 2025, se deu frente a uma falta de reconhecimento de mim mesmo como alguém voltado para o sagrado. Ou seja, minha espiritualidade estava tão inflexível ou mais, que meu corpo.

Portanto, o encontro com a capoeira reverberou em mim dimensões para além do corpo físico. A prática da oração do Pai Nosso, na roda de capoeira da comunidade do Gingado Capoeira, manifesta uma prática de roda da comunidade com a ginga, deslocamento lateral, paralelo, circular. O corpo e a consciência vão se reaproximando, produzindo autoconhecimento, gerando uma integração sagrada de cuidado, respeito, lugar de experimento da alma.

### “NA PRÓXIMA AULA TEM RODA”

Hoje tu diz que eu tô ficando velho  
E que só canto e toco berimbau  
Mas me desculpe olha meu camarada  
Nas rodas que eu joguei, hoje tu passa mal, eu não tô<sup>26</sup>

Afinal, capoeira é para qualquer idade?

Aqui, não se trata de fazer recomendação. Como foi dito acima, neste ano de 2025, no Gingado Capoeira de Catalão sou o capoeirista mais idoso. Dos eventos que já participei, encontrei sim senhores um pouco mais velhos que eu, mas que começaram capoeira ainda jovens, diferentemente da minha experiência.

Tenho presenciado, por outro lado, crianças, meninas e meninos começando capoeira pela primeira vez, com apoio dos pais. Algumas, inclusive, passaram a gostar tanto, que até os pais já têm o abadá e também estão treinando.

Contudo, não ousou afirmar que capoeira é para qualquer idade, apesar de pensar que sim. Tudo depende de cada um, da ginga da vida que leva pessoas a assumir posições de aprendizagem corporal e espiritual, seja na capoeira ou não. Minha experiência, hoje, tem sido na capoeira. Salve!

---

<sup>26</sup> Música “Eu Não Tô Nem Ai” · Mestre Barrão - A Voz do Cantador, Vol. 9 © 2018. Released on: 2018-10-01. In: <https://youtu.be/vPcvGU68Py8?si=6WCKMvcQvLsLJVHz> Acesso em 30/11/2025.

## REFERÊNCIAS

DE OLIVEIRA, Sandy Cristine Prata; FERRACINI, Rosemberg. "Corpo encapoeirado": mulheres angoleiras na prática da capoeira Angola. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 83, 2025. DOI: 10.12957/teias.2025.85719. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/85719>. Acesso em: 8 nov. 2025.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo. Apresentação e notas de Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2025; P.19.

## **HISTÓRIA, IDENTIDADE E NARRATIVA DE FORMAÇÃO NO KARATÊ SHOTOKAN: UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DA ASSOCIAÇÃO DE KARATÊ GARRAS DO TIGRE (2010 - 2025).**

Bruno Vicentini Bussola  
bvussola@gmail.com

*O tempo muda, o mundo muda e obviamente as artes marciais também devem mudar.*

(FUNAKOSHI, 2010, p.47)

### **Introdução**

O Karatê se constitui como uma das artes marciais mais difundidas no Brasil e no mundo desde sua introdução em território brasileiro no início do século XX, processo que se intensificou com a formação das primeiras colônias japonesas. A historiografia sobre o Karatê no país tem privilegiado, de modo geral, dois eixos centrais: a trajetória migratória dos japoneses e a dimensão subjetiva das experiências dos praticantes. Embora essas abordagens contribuam significativamente para o entendimento sociocultural da modalidade, observa-se uma lacuna tanto em âmbito nacional quanto, de maneira mais acentuada, no Estado de Goiás, no que diz respeito às biografias institucionais<sup>27</sup> das academias, compreendidas aqui como espaços formais de sistematização, ensino e transmissão da arte marcial.

A literatura existente ainda não oferece a profundidade analítica necessária para compreender como essas instituições se consolidaram, se reorganizaram e se mantiveram ao longo das décadas, respondendo a transformações sociais, culturais e educacionais. Nesse sentido, torna-se relevante investigar as histórias institucionais dos Dojos, considerando-os não apenas como espaços de prática corporal, mas como ambientes formadores, marcados por pedagogias específicas, relações comunitárias e projetos identitários.

Diante desse cenário, o objetivo deste texto é apresentar uma leitura introdutória sobre a origem e o desenvolvimento do Karatê, para, em seguida, analisar a trajetória e o impacto sociocultural da Associação Garras do Tigre no contexto da comunidade

---

<sup>27</sup>Além de pesquisas de “investigação-ação-formação”, o método biográfico-narrativo nos possibilita a perspectiva de estudos de organizações a partir das histórias, narrativas e memórias que se tecem em torno delas, o que se denomina no contexto da Pesquisa auto(biográfica) como “biografia institucional” com base nas obras de Bolívar (2002a; 2002b; 2012 e 2014).

catalana, por meio de uma abordagem de caráter (auto)biográfico. Tal estratégia metodológica permite articular memória individual e memória institucional, evidenciando continuidades, rupturas e práticas pedagógicas construídas ao longo do tempo.

De maneira particular, busca-se resgatar as memórias do narrador Bruno Vicentini Bussola, bem como sua perspectiva pedagógica acerca do Karatê desenvolvido pela Associação Garras do Tigre em Catalão (GO). Como afirma Delory-Momberger (2012, p.524): “A postura específica da pesquisa biográfica é a de mostrar como a inscrição forçosamente singular da experiência individual em um *tempo biográfico* se situa na origem de uma percepção e de uma elaboração peculiar dos espaços da vida social.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.524)

Além disso, pretende-se mapear as transformações ocorridas no Dojo ao longo de seus quinze anos de existência, identificando aspectos estruturais, metodológicos e socioculturais que contribuíram para sua consolidação no cenário local e regional. Por fim, serão discutidos os impactos sociais, educacionais e comunitários produzidos pela instituição, compreendendo-a como parte integrante da dinâmica esportiva e cultural do município.

### **Do surgimento do TO-DE ao Karatê-do**

O Karatê, conforme apresentado por Gichin Funakoshi em *Karatê-Do Kyohan: o texto do mestre*, possui origens remotas associadas às práticas marciais indianas denominadas *Vajramushti*, datadas dos séculos V e VI a. C. Essas técnicas, posteriormente, difundiram-se para a China, onde se integraram ao *Chuan-Fa* (Shaolin Kempo). Somente séculos mais tarde alcançaram o arquipélago de Okinawa, território que, durante longo período histórico, esteve sob domínio chinês (FUNAKOSHI, 2014, p. 7).

Em Okinawa, a arte marcial nativa conhecida como *Okinawa-Te* incorporou elementos das lutas chinesas (*To-De* ou *Kenpo*). Os períodos de proibição do porte de armas, inicialmente decretados pelos governantes locais e, posteriormente, reforçados pelos japoneses do clã Shimazu a partir de 1609, impulsionaram o desenvolvimento clandestino dessas práticas de autodefesa desarmada (FUNAKOSHI, 2014, p. 7).

Entre o final do século XIX e o início do século XX, mestres como Itosu e Asato desempenharam papel fundamental na sistematização e na introdução do Karatê nas escolas públicas de Okinawa. Esse processo favoreceu o surgimento dos principais estilos

modernos: o *Shuri-te*, precursor dos estilos *Shotokan*, *Shito-Ryu* e *Isshin-Ryu*; e o *Naha-te*, difundido por Kanryo Higaonna e posteriormente desenvolvido por Chojun Miyagi no estilo *Goju-Ryu*. (FUNAKOSHI, 2010)

Entre os mestres mais influentes na história do Karatê destaca-se Gichin Funakoshi, discípulo direto de Itosu e Asato, amplamente reconhecido como o “pai do Karatê moderno”. Sua principal contribuição consistiu na disseminação da arte marcial por todo o Japão e, posteriormente, para diversos países. No campo filosófico, sua decisão de substituir o ideograma chinês *kara* pelo ideograma japonês representou não apenas a alteração semântica de “mãos chinesas” para “caminho das mãos vazias”, mas também um reposicionamento simbólico da arte, como afirma o próprio Funakoshi (FUNAKOSHI, 2010, p. 47).

Em primeiro lugar ele simbolizava o fato evidente de que essa arte de autodefesa não usa armas [...] Além disso, os estudantes de Karatê-do tem como meta não só aperfeiçoar a arte de sua escolha mas também esvaziar o coração e a mente de todo desejo e vaidade terrenos. (FUNAKOSHI, 2010, p. 47)

Funakoshi desempenhou papel decisivo na consolidação e expansão do Karatê. Atuando como professor da escola primária, seu objetivo central era difundir amplamente a arte marcial que aprendera com seus mestres, dedicando-se ao aperfeiçoamento tanto técnico quanto espiritual da prática.

No contexto brasileiro, o estilo *Shotokan* destaca-se como o mais difundido. Entretanto, conforme observa Costa (2021), não é possível determinar com precisão o momento exato da introdução do Karatê no Brasil nem identificar, de maneira conclusiva, seus primeiros professores, doravante denominados *sensei*. Sabe-se, historicamente, que a imigração japonesa para o país teve início em 1908, composta por imigrantes oriundos tanto do Japão quanto de Okinawa.

Bartolo (2008) aponta que, entre 1908 e 1954, a prática do Karatê permaneceu predominantemente restrita às comunidades nipônicas no Brasil. Segundo Costa (2021), o primeiro registro documentado de demonstração pública ocorreu em 1919, na cidade de Campo Grande (MT), durante uma celebração em homenagem ao “Dia do Imperador”.

A primeira academia moderna de Karatê da qual se tem registro, conforme Bartolo (2019), foi fundada pelo sensei Mitsusuke Harada, na cidade de São Paulo. A partir desse marco, outros mestres de grande relevância chegaram ao país, entre eles Koji Takamatsu em 1956, Seiichi Akamime e Juichi Sagara em 1959, Yoshihide Shinzato, Yasutaka Tanaka e Sadamu Uriu em 1962, além de Yoshizo Machida em 1968. Embora muitos

desses imigrantes viessem ao Brasil para exercer profissões vinculadas às suas áreas de formação (como economia, agronomia, engenharia e direito) acabaram sendo convidados a ensinar Karatê em razão da crescente popularização da arte, tornando-se pioneiros na difusão da modalidade no território nacional.

Entre esses mestres, destaca-se o sensei Juichi Sagara, nascido em Tóquio e graduado em Economia. Além de pesquisador e conferencista em temas relacionados à filosofia e às artes marciais, Sagara foi o fundador da Associação *Shotokan* de Karatê Tridimensional (ASKT) e tornou-se uma das principais referências do Karatê japonês no Brasil. (ISKF, 2025)

A Yobukan, fundada em 1977 na cidade de Curitiba (PR) pelo sensei Jonery Henrique dos Santos, sob orientação do sensei Sagara, desempenha papel relevante no desenvolvimento da prática estadual. Conforme relato de seu fundador, a Yobukan não se configura como um estilo, mas como um método estruturado de ensino, baseado em critérios rigorosos, tais como carga horária específica por faixa e sistematização progressiva do *kihon* (fundamentos), *kata* (formas) e *kumite* (luta). (YOBUKAN, 2025)

Entre as contribuições metodológicas da instituição destaca-se a implementação das faixas cinza e azul na sequência tradicional do Karatê *Shotokan*. As graduações nas artes marciais foram inicialmente concebidas por Jigoro Kano, mestre de Judô, e posteriormente incorporadas ao Karatê a partir de seu diálogo com Funakoshi. No Brasil, a ordem tradicional – branca, amarela, vermelha, laranja, verde, roxa, marrom e preta – foi organizada por sensei Sasaki. A introdução das faixas cinza e azul pelo sensei Jonery antecedendo a faixa amarela teve como objetivo atenuar a transição entre os níveis iniciais, uma vez que a passagem direta da faixa branca para a amarela envolvia carga técnica considerada excessiva, favorecendo a evasão de praticantes antes do primeiro ano (YOBUKAN, 2025; E-BOOK YOBUKAN, 2024).

No percurso histórico apresentado acerca do desenvolvimento do Karatê, chega-se à criação da Associação Garras do Tigre, fundada em 2010 pelos sensei Luiz Antonio Bussola e Bruno Vicentini Bussola, no município de Ouvidor, estado de Goiás.

### **História da Garras do Tigre**

Busca-se, inicialmente, explicitar que a pesquisa (auto)biográfica constituiu o principal recurso metodológico utilizado na elaboração deste estudo. Bolívar (2002<sup>a</sup>), p. 200) afirma que:

Rememorar a história institucional é, num dos seus registros, um modo de criar um sentido comunitário para a ação coletiva do centro escolar. Há uma forma de comunidade (“comunidade de memória”) que faz com que sobreviva o sentido da ação, apesar do conjunto de membros que foram passando ao longo do tempo. Essa memória social e compartilhada, normalmente ativada no processo conversacional, é a reconstrução do passado a partir do espaço existencial e do tempo vividos em comum. As lembranças, assim, apelam para a consciência coletiva do grupo, que vão modificando a percepção do passado em função das circunstâncias presentes. Por isso, a história institucional não tem um caráter fixo, vai mudando de acordo com o que vai acontecendo. Essa memória social compartilhada, normalmente ativada no processo conversacional, é uma reconstrução do passado a partir do espaço existencial vivido em comum (BOLÍVAR, 2002a, p.200 grifos do autor).

A partir dessa abordagem, procura-se apresentar a trajetória da instituição Garras do Tigre. É importante salientar, para um entendimento preliminar, que a consolidação dessa instituição resultou da atuação de múltiplos agentes e de sucessivos processos de formação e reformulação ao longo do tempo. Para compreender de forma mais aprofundada esse percurso institucional, torna-se necessário direcionar o olhar para a família Bussola, imigrante do estado do Paraná e originária da cidade de Goioerê, que se estabeleceu em Catalão no ano de 2005. Nesse sentido, daremos destaques a momentos que se constituíram como “marcadores identitários” que caracterizaram “maneiras de ser si mesmo” na história de vida desses sujeitos. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.28)

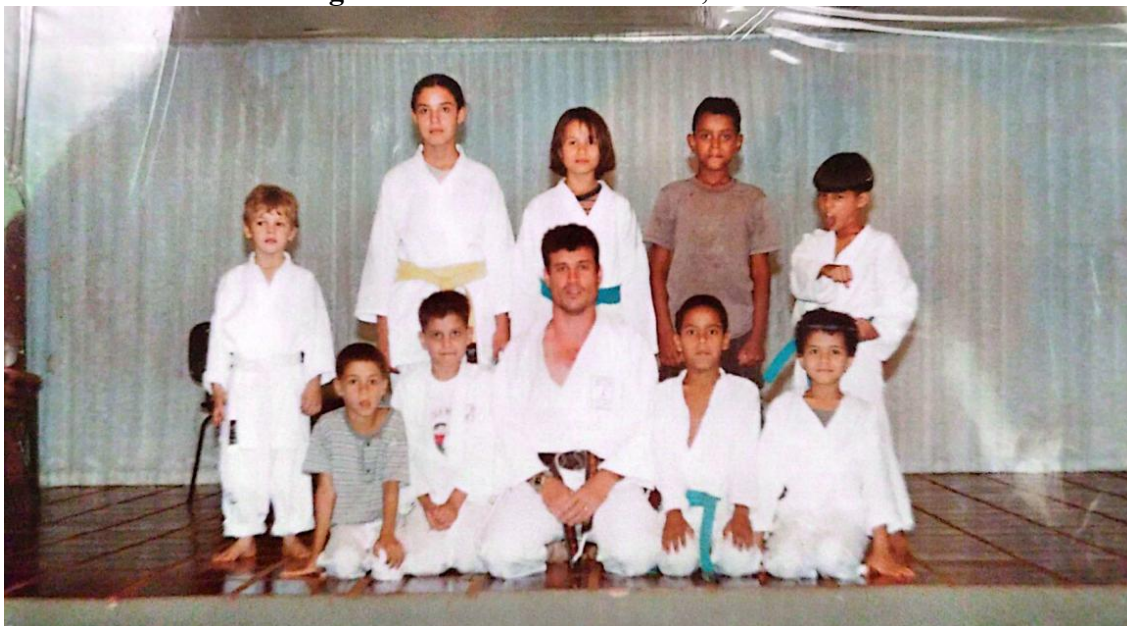
Nesta perspectiva a biografia é entendida não como curso real e efetivo da vida mas como a representação dela construída. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.31) Assim, afirma a autora: “[...] não existe um ‘curso natural’ da existência, nossas representações da vida são uma ‘construção’ com origem na história e na cultura. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p.334)

A trajetória do Sensei Luiz Antonio Bussola, faixa preta 6º Dan no estilo *Shotokan*, teve início em 1983 e culminou na obtenção da faixa preta em 1995. Foi discípulo do Sensei Jonery (Yobukan) e do Sensei Mário Ronei, da Academia Águas Claras, em Goioerê. Para fins de registro histórico, cabe destacar que o primeiro sensei de ambos (Mário Ronei e Luiz Bussola, contemporâneos na prática) foi Álvaro Luiz Martins, discípulo de Sensei Jonery. Martins, bancário de profissão, transferiu-se para o município de Moreira Sales (PR) por motivos laborais, onde fundou o primeiro *Dojo* de Karatê da cidade, expandindo posteriormente essa iniciativa para Goioerê.

No âmbito de sua experiência profissional, o Sensei Bussola atuou como instrutor na Academia Águas Claras, no Paraná, e coordenou um projeto social na Aldeia SOS de Goioerê. Esse projeto, idealizado por um sacerdote local, culminou na doação de uma

chácara, onde foram construídas doze casas-lares destinadas ao acolhimento de crianças em situação de abandono.

**Imagem 01.** Sensei Luiz Bussola, Aldeia SOS



Fonte: arquivo pessoal

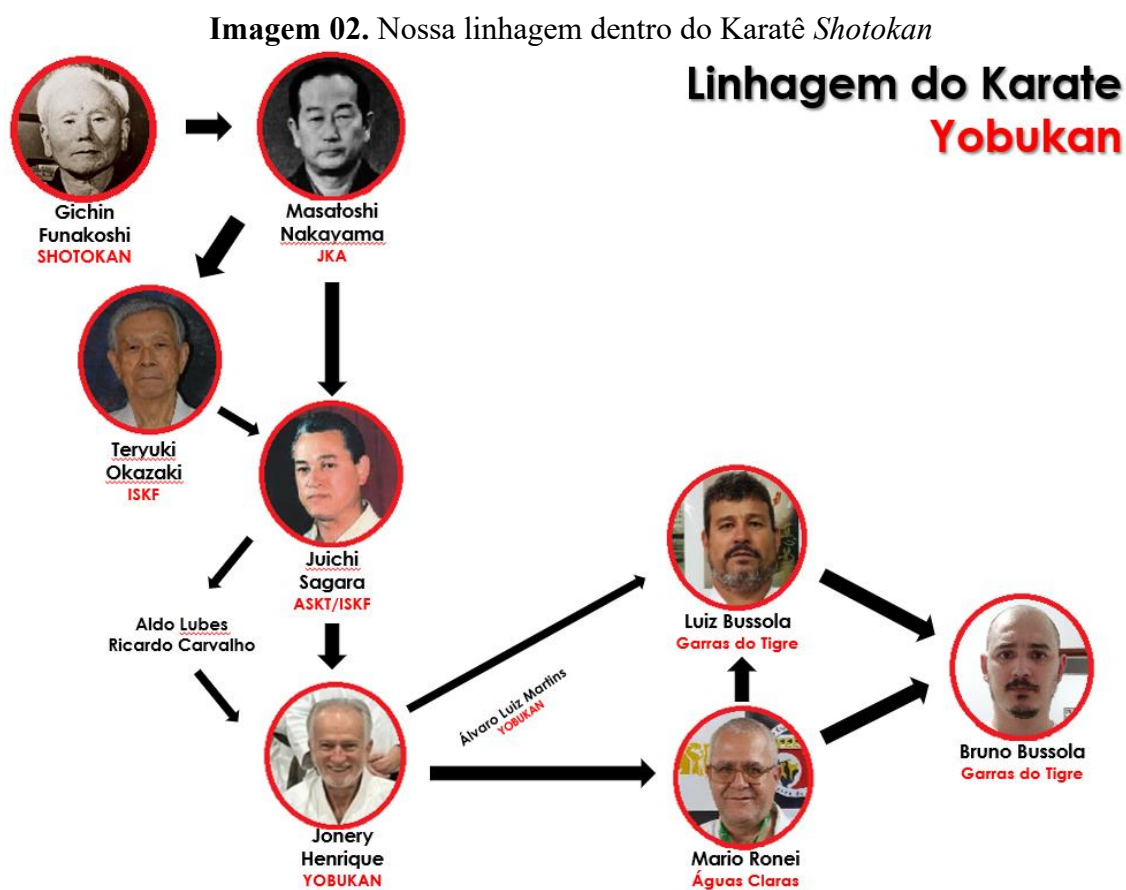
A imagem apresentada retrata o Sensei Luiz Bussola juntamente com a turma de Karatê da Aldeia SOS. Conforme frequentemente mencionado por ele, o trabalho realizado neste contexto era desafiador, uma vez que as crianças atendidas apresentavam diferentes tipos de dificuldades; ainda assim, as aulas mantinham-se dinâmicas e motivadoras.

Em julho de 2005, o Sensei Luiz Bussola e sua família mudaram-se para Catalão por motivos profissionais. Nesse mesmo ano, recebeu o convite de uma academia de musculação local para inaugurar, em regime de parceria, o seu primeiro *Dojo* na cidade. O projeto perdurou por dois anos, sendo posteriormente encerrado em razão de incompatibilidades entre a carga de trabalho do Sensei Bussola e a gestão administrativa da academia.

No que se refere à minha trajetória, sou faixa preta 4º Dan no estilo *Shotokan*. Iniciei minha prática em Goioerê (PR), na Academia Águas Claras, em 1996, sob orientação do Sensei Mário Ronei, com quem permaneci até a obtenção da faixa marrom. A graduação em faixa preta ocorreu em 2005, sob a supervisão de meu pai e Sensei, Luiz Bussola, em exame realizado pela Federação Goiana de Karatê Interestilos. A banca avaliadora era composta por nomes de destaque do Karatê goiano e nacional, como Marcelo Kanashiro, Sinval Bittencourt, Juliana Braga e Dimas de Paula. No âmbito

esportivo, construí uma trajetória consolidada, acumulando diversos títulos estaduais, nacionais e internacionais, compreendendo o Karatê esportivo como uma prática pedagógica voltada à educação para a vida.

Dedico-me ao estudo do Karatê *Shotokan*, com ênfase em sua história e em sua metodologia de ensino, tendo como referência os princípios do Karatê Yobukan, desenvolvidos pelo Sensei Jonery. Cabe destacar que a instituição mantém uma linhagem bem definida dentro do estilo *Shotokan*, conforme ilustrado na imagem subsequente.



Fonte: arquivo pessoal

Minha trajetória associa-se diretamente à história da Garras do Tigre e ao retorno do Sensei Bussola às atividades do Karatê. Em outubro de 2010, recebi a visita de Guilherme e de Hudson, faixas marrons, ambos residentes na cidade de Ouvidor/GO e responsáveis pela iniciativa de um projeto local de Karatê. Eles buscaram o apoio técnico e pedagógico do Sensei Bussola para o fortalecimento da proposta que vinha sendo desenvolvida.

Em um primeiro momento, o Sensei Bussola não conseguiu assumir diretamente esse suporte, razão pela qual passei a realizar os treinamentos com o grupo ao longo do

restante de 2010 e no início de 2011. Posteriormente, o Sensei conseguiu reorganizar sua agenda, possibilitando o deslocamento para Ouvidor duas vezes por semana, conforme ilustrado na imagem apresentada.

**Imagem 03.** Primeiras aulas com Sensei Bussola em Ouvidor/GO



Fonte: arquivo pessoal

Na imagem, observa-se o grupo em posição de *zarei*, composto por Guilherme, Bruno Bussola, João, Sensei Luiz Bussola e Elizete Bussola, esposa do Sensei (e entre eles, o filho mais novo Douglas Bussola). Esses primeiros encontros eram dedicados ao desenvolvimento dos fundamentos técnicos do Karatê, com ênfase no *kihon*, etapa essencial para a construção da base motora, disciplinar e postural dos praticantes iniciantes.

Nota-se que a infraestrutura era precária. O espaço alugado era reduzido e não contava com piso emborrachado (*tatame*). Alguns praticantes da comunidade de Ouvidor dedicavam-se às aulas mesmo sem ter a vestimenta convencional, o *karate-gi* (kimono).

Algumas vezes o grupo realizava a aula em espaço aberto (*bosque*) e também eram feitas corridas nas calçadas e ruas da cidade, buscando uma projeção, visibilidade. “Agir é, indissociavelmente, agir no espaço e no tempo.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.78)

Delory-Momberger (2012, p.66) chama atenção para a “complexidade da dimensão espacial de nossas experiências”. A autora ressalta que “[...] nós não somente vivemos num espaço ou sobre ele, mas também *do* e *com* o espaço. Muitas produções de autores da Geografia nos ajudam a pensar sobre essa materialidade do espaço e despertar

nossa consciência da produção humana *no* espaço. Podemos ir um pouco mais além nessa reflexão, já que como Delory-Momberger enfatiza: “[...] nós mesmos somos *espaço*; nosso ser corporal pertence à extensão e a materialidade do espaço; somos, portanto, *espaço no espaço*.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.66)

Nas palavras da referida autora: “[...] o espaço é constitutivo da nossa experiência na medida em que nos oferece recursos, em que se encontra aberto à nossa ação e ao nosso pensamento e em que, agimos *sobre* ele e *com* ele pela ação e pelo pensamento. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.68)

Assim como toda *biografia* se inscreve numa *escritura do tempo*, toda biografia se inscreve numa *escritura do espaço* ou numa *Geografia*. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.69-70) Nesse sentido, a narrativa nos permite “[...] indagar sobre o modo como o espaço significa para nós e como nós o fazemos significar.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.75)

**Imagem 04.** Primeiro exame de faixa – Ouvidor/GO - julho de 2011



Fonte: arquivo pessoal

A imagem subsequente registra o conjunto de alunos reunidos, em um domingo, em frente à sede da Garras do Tigre, no município de Ouvidor, durante a realização do primeiro exame oficial de graduação de faixas promovido pela instituição. Nota-se, na fotografia, a participação de praticantes que, posteriormente, alcançariam a faixa preta, entre os quais se destacam Iury Goulart, José Augusto e Douglas Bussola. Tal registro evidencia não apenas o crescimento inicial do *Dojo*, mas também o compromisso formativo que se consolidaria ao longo dos anos.

**Imagem 05.** Sensei Dimas de Paula

Fonte: arquivo pessoal

A primeira visita do Sensei Dimas de Paula à Garras do Tigre marcou a retomada do vínculo federativo da instituição. Após quatro anos afastado das entidades oficiais, o reencontro ocorreu em um momento no qual Sensei Dimas exercia as funções de presidente da Federação Goiana de Karatê Interestilos (FGKI) e vice-presidente da Confederação Brasileira de Karatê Interestilos (CBKI), além de ser proprietário da Academia Banzai, sediada em Goiânia/GO. A aula ministrada aos alunos do *Dojo* Garras do Tigre em Ouvidor caracterizou-se por sua atmosfera dinâmica, contemplando as três dimensões fundamentais do Karatê: *kihon*, *kata* e *kumite*. Ademais, a visita representou uma oportunidade importante para demonstrar à comunidade de Ouvidor que a Garras do Tigre possuía respaldo federativo formal.

Em 2011, após o retorno de Sensei Dimas, a instituição retomou sua participação em competições de Karatê. A última participação havia ocorrido em 2006, quando o Sensei Luiz Bussola e eu representamos a cidade de Catalão em Goiânia, desfilando e competindo pela Academia Banzai, conforme ilustrado na imagem a seguir.

**Imagem 06.** Campeonato Goiano 2006 - FGKI



Fonte: arquivo pessoal

A imagem sete apresenta a delegação de atletas que participou do Campeonato Goiano, realizado na cidade de Goiânia, em 2011. Compunham o grupo: Sensei Luiz Bussola, João Renato, José Augusto, João Otavio, Maurício Renato, Bruno Vicentini Bussola, Iury Santana Goulart, Barkley, um aluno não identificado que segurava a bandeira, e Douglas Vicentini Bussola. Nesse primeiro campeonato, a equipe obteve diversos resultados positivos, com conquistas expressivas em *kata* e *kumite*, além de títulos de vice-campeões e terceiros colocados em múltiplas categorias.

**Imagem 07.** Campeonato Goiano 2011 - FGKIA



Fonte: arquivo pessoal

O ano de 2012 constituiu-se como um período de recomeço em Catalão. A convite do proprietário da academia de artes marciais *Body Fight* (que já oferecia modalidades como Jiu-Jitsu, Muay Thai e Boxe) surgiu a oportunidade de iniciar uma nova trajetória do Karatê na cidade. As atividades tiveram início com uma turma reduzida, com aulas às segundas, quartas e sextas-feiras. Ao longo daquele ano, entretanto, o número de praticantes cresceu de forma consistente, de modo que, no início de 2013, já havia três horários de treinamento estabelecidos.

Em 2013, a Associação Garras do Tigre transferiu-se definitivamente para Catalão em razão da aquisição da academia *Body Fight* pelo Sensei Luiz Bussola, que passou a administrar todas as modalidades ofertadas. Essa estrutura permaneceu até 2018, quando a Garras do Tigre foi reorganizada para dedicar-se exclusivamente ao ensino do Karatê.

**Imagem 08.** Yobukan em Ouvidor/Catalão



Fonte: arquivo pessoal

Ainda nesse mesmo ano, a Garras do Tigre teve a oportunidade de receber seu Sensei, Jonery Henrique dos Santos, fundador da Yobukan, para atividades em Catalão. A visita ocorreu durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, o que proporcionou um contexto singular, permitindo apresentar aspectos da cultura local e, simultaneamente, reencontrar o caminho formativo proposto pela Yobukan. Entre as mudanças implementadas a partir desse retorno, destaca-se a incorporação das faixas cinza e azul ao sistema de graduação da Garras do Tigre. Conforme enfatiza Sensei Jonery:

No Yobukan Dojo, as graduações consistem em nove níveis (*kyu*) até chegar à faixa preta primeiro dan (*shodan*). A sequência de faixas apresenta diferenças em relação a outras escolas, sendo que a principal delas é a implementação das faixas cinza e azul antes da amarela, que geralmente é a primeira faixa colorida no karate. Jonery sensei, após um período como instrutor, percebeu que os alunos tinham que ficar um período muito grande na faixa branca antes de passar de nível e a quantidade de técnicas a se aprender na amarela, após a branca, era muito grande gerando dificuldades e desistências. Foi então que reformulou a forma de ensino e incluiu dois níveis de evolução intermediários após a branca, o que fez com que o aprendizado fosse melhor distribuído, mantendo os alunos constantemente motivados. (YOBUKAN, 2025, n.p.)

A reestruturação dos *kyu* orientou, também, uma revisão dos critérios avaliativos nos exames de graduação, bem como uma reorganização dos conteúdos relativos aos *katas*, ao *kihon* (formas básicas) e às diferentes modalidades de *kumite* (luta), como *gohon*, *sanbon* e *ippon kumite*.

Cabe ressaltar que, em 2013, o Sensei Bruno representou a Garras do Tigre, o estado de Goiás e o Brasil no Mundial da IKU, realizado na cidade de Portorož, na Eslovênia, conquistando o terceiro lugar, na modalidade *kumite*. Tal feito ampliou significativamente a visibilidade da instituição tanto em Catalão quanto no estado.

Outro marco relevante na trajetória da Garras do Tigre foi a formação de sua primeira turma de faixas pretas pela Federação (FKIG/CEEBK). Integravam essa turma os alunos Luiz Fernando, José Augusto, Iury Santana, João e Ingrid. Registra-se que Iury e José iniciaram sua prática na Garras do Tigre ainda como faixas brancas, enquanto Luiz, João e Ingrid ingressaram na instituição já com graduações avançadas (faixa marrom), oriundos de outras cidades.

**Imagem 09.** Primeiros faixas pretas – 2015



Fonte: arquivo pessoal

Pode-se afirmar que a trajetória da Garras do Tigre foi construída por meio de conquistas e reencontros significativos. A imagem a seguir ilustra o primeiro treinamento realizado com o Sensei Edson Fujinori Nakama, discípulo de Sensei Sagara. Por recomendação de Sensei Jonery, a instituição passou a integrar a *International Shotokan Karate Federation* (ISKF), organização dedicada à promoção e difusão do Karatê Shotokan.

**Imagem 10.** Sensei Nakama reencontro 2015



Fonte: arquivo pessoal

Atualmente, a Garras do Tigre configura-se como uma instituição amplamente consolidada no cenário local e estadual, sendo reconhecida pela promoção do desenvolvimento do Karatê entre crianças, jovens e adultos. Nos últimos dez anos, foram formados mais de vinte faixas pretas, além de diversos atletas que se destacaram em competições estaduais, nacionais e internacionais.

É importante salientar, ainda, que como o karatê adota uma perspectiva integral de formação humana, ao longo de sua trajetória, a Garras do Tigre contribuiu para a formação de profissionais atuantes em distintas áreas do conhecimento, consolidando-se como espaço de desenvolvimento técnico, educacional e humano.

**Imagem 11. Garras do Tigre 2025**



Fonte: arquivo pessoal

O poder de formação, de formação no ato, reside na narrativa e está em nós por sermos os *relatores* de nossa própria vida. Pela narrativa transformamos os acontecimentos, as ações e as pessoas de nossa vida em *episódios, intrigas e personagens*; pela narrativa organizamos os acontecimentos no tempo, construímos relações entre eles, damos um lugar e um significado as situações e experiências que vivemos. É a narrativa que faz de nós o próprio *personagem* de nossa vida e que dá uma *história* a nossa vida. Em outros termos, *não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; pelo contrário, temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.* (DELORY-MOMBERGER, 2011, p.341, *grifos da autora*)

As narrativas aqui apresentadas configuram-se como narrativas de formação ao longo da vida. Nos dizeres da autora: “[...] narrativa que relata o devir e o desenvolvimento de um ser através daquilo que ele aprende com suas experiências.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.86)

Comprendemos que as trajetórias pessoais aqui narradas são constitutivas de “um indivíduo que forma o mundo enquanto forma a si mesmo”. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.144)

Diante da relevância destas narrativas e da maneira como elas constituem uma biografia institucional, destacamos o conceito de “condição biográfica”:

“Essa figura de um sujeito que não pode *constituir lugar* senão em si mesmo e que não pode *religar o mundo* a não ser na reflexividade e na historicização de sua experiência é o que chamamos de *a condição biográfica.* (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.144)

Temos a expectativa de que este exercício de pesquisa possa contribuir para o reconhecimento das trajetórias individuais e coletivas dos nossos karatecas e desta instituição especificamente, compreendendo como cada singularidade se insere nos

contextos mais amplos, situando o passado, numa avaliação no presente, o que suscita antecipação de futuros possíveis. (BOLÍVAR, 2002, p.17)

### **Considerações finais**

A reflexão acerca da trajetória da Garras do Tigre evidencia a continuidade de um legado que remonta a Funakoshi Gichin, reconhecido como o pai do karatê moderno. Tal legado, transmitido de geração em geração, fundamenta-se nos princípios do Dōjō Kun, que incluem o esforço, a verdade, o espírito, o respeito e a contenção da agressividade. Na obra *Karatê-dō Kyohan*, Funakoshi (FUNAKOSHI, 2014, p. 17) apresenta o poema em que afirma: “buscar o antigo para entender o novo. O antigo, o novo: essa é uma questão para o tempo. Em todas as coisas, o homem deve manter a mente limpa. O caminho: quem irá passar bem por ele e com retidão?”.

A constituição da Garras do Tigre articula-se diretamente a esses ensinamentos, integrando o “velho e o novo”, isto é, a vivência do tempo presente e as demandas contemporâneas sem ruptura com os valores essenciais que orientam as artes marciais. Sensei Luiz Bussola, incorpora esse movimento ao enfatizar a paciência como princípio formativo, elemento que, além de constituir sua prática pessoal, molda a dinâmica pedagógica e ética da Garras do Tigre.

No que se refere ao legado institucional, observa-se que a Garras do Tigre constitui uma continuidade da Yobukan no município de Catalão-GO, sendo reconhecida pelo Sensei Jonery Henrique dos Santos como “Yobukan IV”. Em consonância com essa perspectiva histórico-organizacional, durante o período em que residi na cidade de Anápolis, por quatro anos, estive vinculado às academias Senshin e Associação Amor ao Próximo. Em decorrência da representação federativa e técnica dessas instituições, foi-me conferido pelo Sensei Jonery o título de “Yobukan X”.

Cumprе salientar que a produção textual sobre o karatê não constitui uma atividade inédita em minha trajetória. Em 2014, iniciei um projeto de registro e divulgação ao criar um blog da Garras do Tigre na plataforma Blogspot (<https://karategarrasdotigre.blogspot.com/>), no qual documentava os eventos e atividades realizados pela academia. Nesse espaço, produzi textos sobre diversos temas, tais como “Kata, Kihon e Kumite”, “Ser o exemplo: uma prioridade para a nossa geração” e “Regras de competição”, entre outros assuntos pertinentes à prática marcial. O blog funcionou não apenas como um instrumento de expressão pessoal, mas também como um repositório de memória institucional.

Durante determinado período, a Garras do Tigre foi identificada na cidade de Catalão como uma “academia de competição”, sendo alvo de críticas relacionadas à suposta ausência de alinhamento ao chamado “karatê tradicional”. Entretanto, como demonstrado ao longo deste trabalho, a linhagem da instituição está intrinsecamente vinculada a essa ideia de karatê tradicional, mais especificamente à *Japan Karate Association* (JKA), fundada por Masatoshi Nakayama, primeiro faixa preta de Funakoshi. Tal corrente consolidou-se no Brasil por intermédio de Juichi Sagara e, posteriormente, de seu discípulo Jonery, ambos representantes da tradição do estilo *Shotokan*.

A dicotomia frequentemente apresentada entre karatê tradicional e esportivo revela-se, em grande medida, esvaziada. De um lado, os defensores da tradição enfatizam aspectos como filosofia, disciplina e desenvolvimento integral; de outro, o karatê esportivo destaca o rendimento, as competições e os métodos de treinamento de alta performance. Todavia, conforme indicam os próprios ensinamentos de Funakoshi, é possível articular o “antigo” e o “novo”, reconhecendo que a competição pode constituir-se como instrumento legítimo para o aprimoramento físico, mental e espiritual do praticante, sob a orientação correta dentro e fora do Dojo.

Assim, considera-se que o presente estudo oferece uma contribuição reflexiva para o entendimento do karatê em Catalão e no estado de Goiás. Os próximos passos consistem na continuidade do trabalho realizado pela Garras do Tigre, com vistas a fortalecer a difusão dessa arte marcial, cuja relevância se estende ao cenário nacional e internacional. Oss!

## REFERÊNCIAS

BARTOLO, Paulo. *Karate-Do. As lições que aprendi com o sensei Sasaki*. Santos, SP, Bueno Editora 2019.

BARTOLO, Paulo. *Karate-Do. História geral e no Brasil*. Santos, SP, Bueno Editora 2008.

BOLÍVAR, Antonio. Narrar la organización educativa: memoria institucional y constitución de la identidad. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BOLÍVAR, Antonio. (orgs.) *La Investigación (Auto)Biográfica em Educación: miradas cruzadas entre o Brasil y España*. Granada: EUG; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 330-355.

\_\_\_\_\_. *Profissão Professor: o itinerário profissional e a construção da escola*. Bauru, SP: EDUSC, 2002a. 236p. (Coleção Educar)

\_\_\_\_\_. Dimensiones epistemológicas y metodológicas de la investigación (auto)biográfica. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição (orgs.) **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**: Tomo I. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPURCS; Salvador: EDUNEB, 2012. p.27-69. (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: Temas Transversais)

\_\_\_\_\_. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa em educación. In: **Revista Eletrónica de Investigación Educativa**. vol. 4, No. 1, 2002b. p.1-26

COSTA, Paulo Ricardo Gayer Pereira da. **Um olhar histórico-cultural sobre as obras escritas de Yasuyuki Sasaki: registros do karate brasileiro entre 1987 e 1995**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Natal-RN: EDUFRN, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens Metodológicas na pesquisa biográfica. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n.51, p.523-536, set-dez. 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 27, n.01, p.333-346, abr. 2011.

**EBOOK YOBUKAN**, 2024. Disponível em: <<https://karatecomciencia.store/>>. Acesso em: 30 nov. 2025.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karatê-dô Kyohan**: o texto mestre. São Paulo: Cultrix, 2014.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karatê-dô: o meu modo de vida**. Tradução de Euclides Luiz Calloni. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2010. 136 p.

**GARRAS DO TIGRE**. Disponível em: <<https://karategarrasdotigre.blogspot.com/>>. Acesso em: 30 nov. 2025.

**ISKF**, 2025. Disponível em: <<http://www.iskf.com.br/site/>>. Acesso em: 30 nov. 2025.

**YOBUKAN**, 2025. Disponível em: <<http://yobukan.com.br/blog/>>. Acesso em: 30 nov. 2025.

## FORMAÇÃO E ATUAÇÃO NO *JIU-JITSU*

Entrevista com Alex Boer  
Por Luara Faria dos Santos e Ana Carla Dias Carvalho

### APRESENTAÇÃO

A presente entrevista ocorreu no contexto de produção dessa coletânea dedicada à tematização de lutas e artes marciais. Concedida por Alex Boer às professoras Ana Carla Dias Carvalho e Luara Faria dos Santos, em 3 de dezembro de 2025, na sala 14 do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), esta “conversa” pode ser entendida como um registro do trabalho com o *Jiu-Jitsu* em espaços de educação não formal na cidade de Catalão (GO).

Conforme Brandão (1981), a educação é um constructo social e cultural, cuja manifestação não se restringe às instituições escolares, mas se realiza em todo lugar onde há convivência humana, seja nas práticas cotidianas, seja nos modos sistematizados de transmissão de saberes. Trata-se de um processo permanente e coletivo, consciente ou não, que envolve formas de viver, interagir e se (des)envolver no mundo.

A justificativa para a realização desta entrevista se insere no reconhecimento da importância da trajetória de Alex Boer no contexto ampliado de educação, no qual as lutas se apresentam não apenas como técnicas de combate, mas como possibilidade de convivência, inclusão social e participação comunitária.

Praticadas no contexto escolar ou em academias, projetos sociais e iniciativas comunitárias, as lutas são práticas potencialmente capazes de produzir aprendizagens técnicas e socioculturais, ao favorecerem o desenvolvimento individual e coletivo mediante a perspectiva que envolve tanto o conhecimento específico das lutas, quanto a forja de uma disposição subjetiva com vistas ao autoconhecimento e à formação. Aqui, optou-se por um roteiro semiestruturado disponibilizado ao entrevistado um dia antes do encontro. Houve a leitura sobre a entrevista, e não uma transcrição literal, a qual foi apreciada e aprovada pelo entrevistado.

Os dados obtidos se organizaram a partir de três eixos estruturantes: trajetória e formação no *Jiu-Jitsu* e *Muay Thai*, marcadas por experiências com mestres que contribuíram para a construção da própria identidade no campo das lutas; atuação em ambientes não formais de educação, na qual desenvolve uma filosofia de ensino baseada no acolhimento, na disciplina e concepção das artes marciais como possibilidade de

formação integral dos praticantes; e atuação no desenvolvimento do *Jiu-Jitsu* em Catalão (GO), com a difusão da modalidade por meio de academias, projetos sociais e ações comunitárias. Nesse processo, Boer se consolida como referência local e contribui para a afirmação das lutas como práticas educativas, profissionais, culturais e de lazer.

## A Travessia

Nascido em Morro Agudo, interior de São Paulo, Boer, de 45 anos, encontrou nos tatames um lugar de pertencimento antes mesmo de entender que ali também seria sua profissão, projeto de vida e forma de existir no mundo.

Chegou a Catalão (GO) em 2020, no contexto da pandemia de *Coronavirus Disease 2019* (Doença do Novo Coronavírus 2019 – COVID-19), com mais dúvidas do que certezas e uma convicção silenciosa na potência transformadora das artes marciais. No início, o cenário não parecia promissor: “Fiquei seis meses sem nenhum aluno” (Entrevistado Boer, 2025).

Hoje, o riso que acompanha essa frase é de quem testemunhou o tempo virar cúmplice. Cinco anos depois, são cerca de 140 alunos na academia, crianças em projetos sociais, mulheres com maior ocupação desse espaço e um professor que transita em diferentes lugares, abre portas, organiza os tatames e termina as noites respondendo mensagens de quem precisa conversar sobre treino, ansiedade, dor ou vitória.

**Figura 1.** Alex Boer



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado (2025).

## **O começo: o aluno antes do professor**

Antes de se tornar mestre, Boer foi (e insiste em continuar sendo) aluno. Sua formação está atravessada pela figura do mestre Flávio Rodrigues, a quem atribui não apenas técnica, mas cuidado. Ao recordar sua iniciação no *Jiu-Jitsu*, afirma: “O que ele [mestre Rodrigues] fez comigo lá atrás, eu tento fazer hoje aqui também” (Entrevistado Boer, 2025).

Com Flávio, aprendeu que ensino é responsabilidade e que a ética se mostra nos detalhes: não machucar o parceiro, saber o momento certo de elevar a intensidade, reconhecer os limites do corpo, respeitar o tempo do outro. Essa atmosfera de segurança contrasta com experiências anteriores, marcadas por treinamentos que beiravam a violência. “Com o Flávio eu nunca me machuquei” (Entrevistado Boer, 2025); logo, revela um princípio fundamental: ninguém aprende com medo.

No *Muay Thai*, a formação ocorreu com o professor Júlio Rodrigues, que o introduziu à lógica dos golpes e à estratégia da luta em pé. Mas foi no *Jiu-Jitsu* que encontrou uma linguagem própria, “a minha luta”, como ele define (Entrevistado Boer, 2025).

## **A forja do professor**

Competir foi, por muitos anos, uma maneira de testar os limites, quando Boer participava de campeonatos e não escolhia adversários, pois queria mensurar o próprio desempenho com os melhores: “Tinha em mente que, em toda faixa que trocava, tinha que participar de uma competição. Não que todas as pessoas tenham que fazer isso, mas eu precisava me testar [...] mesmo que eu perdesse, sabia que estava bem” (Entrevistado Boer, 2025), explica, ao se referir à participação em campeonatos após cada exame de graduação para testar o conhecimento acumulado no *Jiu-Jitsu*. Para ele, a competição não envolvia vaidade, mas métrica interna.

Além disso, deslocava-se para Ribeirão Preto (SP), aos finais de semana, para participar dos treinos com atletas profissionais da equipe Cicero Costa, da qual faz parte até os dias atuais. “O pessoal de várias cidades se reunia em um dia para treinar na sede, e eu ia lá para treinar com eles. Apanhava? Apanhava, mas eu aprendia muito com eles, e isso fez com que eu me desenvolvesse cada vez mais no *Jiu-Jitsu*” (Entrevistado Boer, 2025).

A transição para o ensino começou de forma casual. O professor que viajava para ensinar, quando não podia fazê-lo, contava com o apoio de Boer e de outros companheiros para que realizar o treino. Mas, qual conhecimento deveria ser ensinado na ausência do mestre? Eles faziam o que achavam que tinham que fazer. Sob essa afirmação, Boer e o grupo ainda iniciante no *Jiu-Jitsu* eram instados a planejar e propor o processo educativo comunitário.

O impacto ocorreu com o entusiasmo em ver o aprendizado do aluno e o conhecimento emergir no corpo do outro, o que transformou a relação com a prática: “Achava muito legal quando eu ensinava e a pessoa conseguia fazer [...] ali que comecei a gostar de dar aula” (Entrevistado Boer, 2025).

Todavia, a constituição do professor não aconteceu de maneira repentina. Apesar da alegria em ensinar, foi um longo processo de forja que passou a diferenciar o atleta do professor. Somente ao conquistar a faixa roxa, Boer pôde tomar consciência e se posicionar: “até a faixa roxa, eu competia mais e puxava treino para o meu professor. Quando eu vim para Catalão (GO), precisei parar, pensar, refletir e falei: ‘não, agora eu tenho que dar aulas, não sou mais competidor, sou professor’” (Entrevistado Boer, 2025).

**Figura 2.** Alex Boer, quando era faixa roxa, ao lado de mestre Flávio



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado (2025).

### **Catalão (GO) e a construção de uma comunidade**

Em Catalão (GO), Alex Boer encontrou um território em potencial para investir em uma academia de artes marciais e musculação. A convite de sua irmã, se mudou para

a referida cidade e, juntos, se dedicaram ao novo empreendimento. Decidiu não competir com outras academias, mas sim estabelecer parcerias e promover as artes marciais em diversos espaços, o que permitiu ser reconhecido pela dedicação, responsabilidade e profissionalismo. “Não vejo concorrência; vejo que o *Jiu-Jitsu* está crescendo” (Entrevistado Boer, 2025). Nesse processo, Boer se graduou em Educação Física para ampliar a atuação profissional na região e o desenvolvimento da equipe Cicero Costa.

Sua academia se tornou ponto de encontro, mais do que espaço de treino. Aos sábados, os alunos, vinculados a diferentes espaços, são convidados a treinarem juntos para compartilhar conhecimentos e uma sociabilidade que converge à consolidação da equipe, para o aprofundamento dos processos de aprendizagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento dessa arte marcial na cidade.

Ali, ele trata os alunos como uma família: “vejo todos eles como meus filhos”, confessa. Mas o carinho não exclui rigor: “Posso cobrar deles, mas ninguém de fora pode”, reforça. “Quero, com eles, superar a estatística de que apenas 1% chega à faixa preta no *Jiu-Jitsu*. E acredito que vai dar certo, porque eu vejo isso com o pessoal que vem treinando. A ética do cuidado, herdada por seus mestres, se mantém como alicerce do trabalho” (Entrevistado Boer, 2025).

**Figura 3.** Exame de faixa realizado na Academia Athletica em 2025



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado (2025).

### **A didática**

Por um lado, a didática de Boer preza pelo conhecimento e pelo desenvolvimento mútuo. Para ele, ninguém está pronto; todos estamos aprendendo. “A faixa é só para

amarrar no cinto” (Entrevistado Boer, 2025), diz, relativizando hierarquias. Por outro lado, independentemente do interesse de cada um de seus alunos ao buscar as lutas, um aconselhamento serve para todos: “se dedicar para evoluir cada vez mais” (*idem*). Com isso, o exame de grau e a troca de faixa, por exemplo, se tornam momentos de reconhecimento e incentivo para os praticantes se engajarem em um treino conjunto.

Boer também separa turmas por níveis, protege iniciantes, ajusta intensidade, controla pares e reflete sobre gênero e segurança. De modo geral, todos precisam vivenciar a lógica da luta e, para ampliar a participação das mulheres, propôs uma ambiência de respeito e segurança, em que elas treinam prioritariamente com outras do mesmo gênero. Segundo ele, essa estratégia tem favorecido o engajamento feminino e o crescimento da equipe que hoje conta com cerca de 30 mulheres.

Seu método de ensino valoriza o fundamento, o respeito e a confiança, em que aparece uma de suas máximas: “Se você não está pronto para o básico, como quer fazer o difícil?” (Entrevistado Boer, 2025). Ensinar, para ele, é mais do que transmitir técnica; é ler pessoas, ou seja, conhecer quem busca uma formação para o lazer e quem quer competir para, então, equilibrar o treino e promover um jogo justo para todos. Convém salientar que, para o conforto dos praticantes, exige-se o uso de *rash guard* para homens e mulheres<sup>28</sup>.

**Figura 4.** Bianca, Luana e Dyemille no II Catalão *Open* de *Jiu-Jitsu*



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado (2025).

---

<sup>28</sup> Camiseta, segunda pele, que, dentre outras funções, protege a pele de lesões e absorve o suor.

## **O *Jiu-Jitsu* como estilo de vida**

A filosofia de Boer é simples e profunda, pois acredita na disciplina que cura, no respeito que organiza relações, na persistência que atravessa dificuldades e no aprendizado contínuo: “ninguém fica para trás, não é porque você está mais evoluído que vai deixar alguém para trás. Eu trabalho assim: se necessário, voltamos todos para buscar” (Entrevistado Boer, 2025).

Complementarmente: “O *Jiu-Jitsu* é para a vida toda. Se você souber usar a filosofia desse esporte para a vida, você consegue se desenvolver muito, porque a pressão de uma luta é a mesma da vida. Você tem que parar, pensar e respirar para sair de uma situação difícil” (Entrevistado Boer, 2025). Nesse sentido, o professor parece conhecer os desafios do desenvolvimento do *Jiu-Jitsu*; afinal, as pessoas buscam vários objetivos, mas a centralidade da adesão parece se conectar com esse conjunto de interesses e a disponibilidade para o aprendizado.

Talvez, a frase que melhor sintetize sua visão seja também a mais íntima: “O *Jiu-Jitsu* é um estilo de vida” (Entrevistado Boer, 2025). Ele fala com a convicção de quem viveu essa transformação e agora se dedica a compartilhá-la de fato.

## **O agora e o depois**

Hoje, Boer se divide entre a academia, os projetos sociais e o crescimento contínuo de sua equipe, com um orgulho especial das crianças e mulheres: “É lindo ver as crianças crescendo comigo, assim como as mulheres que, muitas vezes, chegam tímidas e encontram ali força, segurança e liberdade” (Entrevistado Boer, 2025).

O futuro é imaginado com mais alunos, inclusão, *Jiu-Jitsu* pela cidade e, principalmente, vidas transformadas pelo que aprendeu no próprio corpo. O professor que um dia ficou seis meses sem alunos hoje fala com tranquilidade sobre a espera: “Se a pessoa quer treinar, ela vai treinar. Sempre dou um jeito” (Entrevistado Boer, 2025).

Enfim, Alex Boer não ensina apenas golpes, pois há pertencimento e chama a atenção para a lógica observada nas aulas, em que os mais aptos e técnicos auxiliam, “jogam” com os recém-chegados, ou seja, todos devem aprender, e isso parece fazer parte do cotidiano do ensino e precisa ser socializado para os tempos-espacos de educação do

corpo eivados dos princípios do rendimento e da aptidão. Todavia, a centralidade do trabalho do entrevistado se pauta a ensinar a lutar e a viver.

#### **REFERÊNCIA**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981

### **Parte 3**

## **Lutas, Artes Marciais e Esportes de combate: Processos formativos e dispositivos de poder**

## OS ESPORTES DE COMBATE NA PREVENÇÃO E NO TRATAMENTO DA SAÚDE MENTAL

Reginaldo Victor da Silva<sup>29</sup>  
Augusto César da Fonseca Neto<sup>30</sup>  
Maristela Vicente de Paula<sup>31</sup>

### Introdução

A prática de esportes de combate tem uma história longa e diversa, que remonta a civilizações antigas em todo o mundo. Muitos desses esportes possuem raízes culturais profundas e são uma parte importante da história e da identidade das sociedades em que se originaram.

Na Grécia Antiga, os Jogos Olímpicos incluíam eventos de luta livre e boxe, que eram considerados tão importantes quanto os eventos atléticos. O boxe também era popular entre os romanos, que o viam como uma forma de treinamento militar. Na China, o kung fu é uma prática que remonta a milhares de anos, com uma tradição que se estende desde a dinastia Han até os dias atuais (Mocarzel, 2018). O Muay Thai, uma forma de kickboxing tailandês, é outra prática antiga que se tornou um esporte popular em todo o mundo.

Além de suas raízes culturais, muitos esportes de combate foram desenvolvidos como uma forma de treinamento militar e autodefesa. Por exemplo, o jiu-jitsu brasileiro foi desenvolvido a partir do judô japonês no início do século XX e foi adaptado para ser usado em situações de combate real. Hoje, o jiu-jitsu é um esporte popular em todo o mundo e é frequentemente usado como uma forma de treinamento para Artes Marciais Mistas (MMA).

A popularidade dos esportes de combate cresceu muito nas últimas décadas, com a criação de organizações como o Ultimate Fighting Championship (UFC) e o Bellator, que trouxeram o MMA para o *mainstream*. Embora o MMA tenha sido criticado por sua

---

<sup>29</sup> Acadêmico de Licenciatura em Educação Física – IBiotec/Universidade Federal de Catalão. [E-mail: reginaldoufg@gmail.com](mailto:reginaldoufg@gmail.com).

<sup>30</sup> Professor Mestre do curso de Bacharelado em Medicina – IBiotec/Universidade Federal de Catalão. E-mail: [augusto\\_fonseca@ufcat.edu.br](mailto:augusto_fonseca@ufcat.edu.br)

<sup>31</sup> Professora Mestre do curso de Bacharelado em Medicina – IBiotec/Universidade Federal de Catalão orientador do TCC. E-mail: [maristela.paula@discente.ufcat.edu.br](mailto:maristela.paula@discente.ufcat.edu.br)

violência e falta de regulamentação no passado, ele agora é altamente regulamentado em muitos países e visto como um esporte legítimo (Vasques, 2021).

A composição dos esportes de combate inclui uma variedade de disciplinas, cada uma com suas características únicas. O boxe, por exemplo, é um esporte que se concentra em socos com os punhos, enquanto o muay thai tailandês incorpora golpes com os pés, joelhos e cotovelos; já o judô é uma arte marcial japonesa baseada em projeções e imobilizações, e o jiu-jitsu brasileiro, por sua vez, possui em técnicas de solo e finalizações.

O boxe tem sido praticado há mais de 2000 anos, com registros históricos na Grécia e em Roma. No século XVIII, esse esporte se tornou organizado na Inglaterra, com regras padronizadas e lutas realizadas em ringues cobertos (Monteiro, 2017). Já o kickboxing surgiu na década de 1960 de uma combinação de técnicas de chutes de artes marciais orientais com o boxe ocidental (Lelles, 2017) e desde então vem se popularizando no Brasil, sendo praticado tanto com fins competitivos quanto como uma prática repleta de benefícios para a saúde (Duarte *et al.*, 2021).

A chegada do boxe no Brasil ocorreu na segunda metade do século XIX, com a imigração de europeus para o país. Inicialmente, o esporte era praticado principalmente por imigrantes ingleses e irlandeses (Monteiro, 2017).

Com o passar do tempo, o boxe foi ganhando popularidade no Brasil e se tornou um dos esportes mais conhecidos. De modo geral, foi a partir da década de 1930 que ele ganhou notoriedade no país, deixando de ser visto como mera fonte de entretenimento (Macedo, 2019).

Desde então, o boxe tem sido uma parte importante da cultura esportiva brasileira, produzindo vários campeões nacionais e internacionais. Além disso, o esporte também tem sido objeto de estudos acadêmicos no país, com o objetivo de compreender melhor sua evolução, popularidade, impacto social e econômico, entre outros aspectos (Macedo, 2019).

Além dos benefícios físicos óbvios, como melhora na aptidão cardiovascular, força muscular e flexibilidade, a prática de esportes de combate também pode apresentar inúmeros benefícios relacionados a aspectos mentais e cognitivos. Esses esportes exigem disciplina, concentração e habilidades de resolução de problemas, além de promoverem a autoconfiança e a resiliência.

Embora muitas pessoas tenham uma visão errada que associa os esportes de combate à violência e à agressão, é fundamental destacar que a premissa dos mesmos

prega o contrário, fazendo com que os indivíduos sejam desencorajados a utilizar qualquer golpe ou ensinamento como forma de briga. Muitos praticantes afirmam que eles podem ser uma forma de construir autoconfiança, disciplina e respeito pelos outros. A prática de artes marciais também é frequentemente usada como uma forma de tratamento complementar para distúrbios psicológicos, como ansiedade e depressão.

Distúrbios psicológicos, também conhecidos como transtornos mentais ou psiquiátricos, são condições clínicas que afetam a cognição, as emoções e o comportamento de uma pessoa, interferindo em sua capacidade de funcionar de maneira adequada em diferentes áreas da vida, como trabalho, estudo, relacionamento social e familiar, entre outras (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020). Esses distúrbios podem ser causados por uma variedade de fatores - biológicos, ambientais e psicológicos.

De acordo com uma revisão mundial sobre saúde mental publicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em junho de 2022, em 2019 quase um bilhão de pessoas, dentre as quais 14% eram adolescentes ao redor do mundo, viviam com algum tipo de transtorno mental. Além disso, uma pesquisa divulgada pela OMS e pela OIT publicada em 2022 revelou que aproximadamente 15% dos trabalhadores em todo o mundo vivem com algum transtorno mental, ressaltando a necessidade de mecanismos de controle e prevenção em todas as esferas da vida.

Existem vários tipos de transtornos mentais, conforme especifica o DSM-5 (2014), como transtornos de ansiedade, do humor, alimentares, de personalidade, psicóticos, entre outros. Cada um desses transtornos apresenta sintomas característicos, entretanto, conforme destaca o manual de diagnóstico, os transtornos mentais nem sempre se encaixam totalmente dentro dos limites de um único transtorno. Alguns domínios de sintomas, como depressão e ansiedade, envolvem múltiplas categorias diagnósticas e podem refletir vulnerabilidades subjacentes comuns a um grupo maior de transtornos (DSM-V, 2014, p. 41).

O tratamento dos distúrbios psicológicos pode envolver diferentes abordagens, como a psicoterapia, o uso de medicamentos psicotrópicos e outras intervenções psicossociais. A escolha do tratamento dependerá do tipo de transtorno, da gravidade dos sintomas e das características individuais de cada paciente.

É importante ressaltar que os distúrbios psicológicos não devem ser vistos como fraquezas ou falhas de caráter, mas sim como condições médicas que requerem atenção e cuidados profissionais adequados. O tratamento precoce e efetivo pode ajudar a melhorar a qualidade de vida dos pacientes e a reduzir o impacto desses transtornos em suas vidas.

Além disso, o sedentarismo, caracterizado pela falta de atividade física regular, tem sido associado a diversos problemas de saúde, incluindo problemas de saúde mental. Estudos científicos publicados em revistas especializadas, como os artigos disponíveis no PubMed, mostram consistentemente que ele está relacionado a uma piora na saúde mental. Por exemplo, uma revisão sistemática de estudos publicada em 2019 no *Journal of Clinical Psychiatry* concluiu que o sedentarismo está associado a um maior risco de desenvolver depressão e ansiedade em adultos. Outro estudo, de 2021, publicado no *Journal of Affective Disorders*, encontrou uma associação significativa entre o sedentarismo e a presença de sintomas depressivos em adultos mais velhos.

Por outro lado, a prática regular de exercício físico tem sido diretamente relacionada à melhora da saúde mental. Vários estudos demonstram que a atividade física regular pode ter efeitos positivos na saúde mental, incluindo a redução dos sintomas de ansiedade e depressão. Por exemplo, um estudo publicado em 2018 no *American Journal of Psychiatry* mostrou que a prática de exercícios aeróbicos está associada a uma redução significativa do risco de desenvolver depressão em adultos; outro estudo, publicado em 2021 no *Journal of Clinical Psychology*, mostrou que a prática de exercícios físicos está relacionada a uma melhora dos sintomas de ansiedade em adultos jovens.

Nesse sentido, vale destacar que os esportes de combate têm sido reconhecidos por sua capacidade de melhorar a saúde física e mental de seus praticantes. Além de ajudar a desenvolver habilidades técnicas, eles também promovem a saúde mental por meio do trabalho de respiração, meditação e autocontrole. Essa combinação de benefícios torna os esportes de combate uma alternativa interessante para o tratamento de transtornos mentais, como ansiedade, estresse e depressão.

Os aprimoramentos concedidos pelos esportes de combate no tratamento de distúrbios psicológicos são amplamente estudados na literatura científica, conforme exemplificado no desenvolvimento da metodologia a seguir. De acordo com Roeder (1999), as atividades físicas como uma resposta intencional do organismo provocam um estímulo capaz de gerar força física, que é proveniente de uma rede de reações bioenergéticas, originando, entre outras coisas, a capacidade de fazer atividades diárias. O córtex motor é o responsável por capacitar os indivíduos para realizarem os exercícios, ficando próximo, inclusive, da área que concentra os sentimentos e as emoções, o que pode explicar os efeitos paralelos sobre o estado emocional, cognitivo e psicológico quando há a prática de atividades físicas (Nieman, 1993 *apud* Roeder, 1999, p. 68).

A teoria do modelo biopsicossocial de Engel (1977) propõe que os indivíduos devem ser tratados em sua integralidade, buscando não apenas se focar nas doenças, mas sim atuar em uma perspectiva mais preventiva e integralizadora para que eles encontrem o equilíbrio corporal e emocional, o que aponta para a inserção dos esportes de combate na rotina de pacientes com transtornos mentais, visto que eles podem ajudar a equilibrar as funções fisiológicas e psicológicas do corpo, reduzindo assim os sintomas dos distúrbios psicológicos. Além disso, os esportes de combate também podem promover o desenvolvimento de habilidades de autocontrole, autoconfiança e resiliência, o que é importante para o tratamento desses distúrbios (Southwick; Charney, 2012).

Os tratamentos complementares têm sido cada vez mais utilizados na abordagem de distúrbios psicológicos, complementando o tratamento convencional com medicamentos e psicoterapia. De acordo com a teoria da medicina integrativa, a utilização de tratamentos complementares pode aumentar a eficácia do tratamento convencional (Otani; Barros, 2011).

A medicina integrativa é uma abordagem de cuidados com a saúde que busca unir terapias convencionais com práticas complementares, como a acupuntura, a meditação e a terapia nutricional, para tratar a pessoa de forma integral, levando em consideração aspectos físicos, mentais, emocionais e espirituais (Kracik; Pereira; Iser, 2020). A abordagem integrativa valoriza o poder de cura inerente ao corpo humano e busca promover a saúde e a prevenção de doenças, além de tratar condições já existentes.

Nesse sentido, aqui se pretende destacar a atuação de diversos esportes de combate na perspectiva de tratamento complementar, dando ênfase principalmente ao Kickboxing, incluído no rol de esportes de combate chamados de Artes Marciais Mistas, que tem se mostrado eficaz como parte do tratamento de distúrbios psicológicos, conforme demonstram os estudos de Moore, Dudley e Woodcock (2019), Xu *et al.* (2020), entre outros.

O presente estudo pretende explorar, por meio da revisão sistemática de literatura, esse potencial, avaliando os resultados obtidos por indivíduos que incluíram os esportes de combate em seu tratamento. A pesquisa buscou compreender como esses esportes podem ser integrados de maneira eficaz ao tratamento de transtornos mentais e como se comparam a outras formas de tratamento.

Para desenvolver esta pesquisa, definiu-se como objetivo geral: investigar na revisão bibliográfica a ação dos esportes de combate como tratamento complementar no cuidado com a saúde mental e no desenvolvimento de capacidades e habilidades para

lidar com transtornos psicológicos. Dentre os objetivos específicos, destacam-se: a) analisar o potencial dos esportes de combate como tratamento complementar para o cuidado com a saúde mental, incluindo seus efeitos na liberação de tensões acumuladas, na melhoria do humor, no aumento da autoestima, entre outras características, b) analisar os efeitos da prática de esportes de combate na saúde mental, incluindo melhora do humor, aumento da autoestima e redução de estresse e c) verificar o impacto da prática de esportes de combate na construção de habilidades de autocontrole e resiliência, importantes no tratamento de distúrbios psicológicos

A metodologia utilizada neste trabalho foi a revisão sistemática de literatura, uma metodologia rigorosa que busca identificar, avaliar e sintetizar toda evidência disponível em torno de uma questão de pesquisa específica. Sobre isso, Galvão e Ricarte (2019, p. 57) observam que:

realizar uma revisão sistemática de literatura vai além da atividade usual de fazer revisão de literatura como parte de um trabalho de pesquisa acadêmica. A revisão sistemática é uma modalidade de pesquisa, que segue protocolos específicos e busca dar alguma logicidade a um grande corpus documental.

Essa metodologia é considerada rigorosa e confiável, pois segue um passo a passo e se baseia em uma ampla busca de evidências. Além disso, é uma maneira eficaz de produzir uma visão geral coerente e atualizada sobre um determinado assunto, o que pode colaborar para futuras pesquisas e decisões baseadas em evidências.

## **2. Apresentação dos dados da pesquisa**

Foram pesquisadas as seguintes bases de dados PUBMED, LILACS E WEB OF SCIENCE, usando as palavras-chave saúde mental, esportes de combate, artes marciais e esportes de contato, além de seus equivalentes em inglês *mental health*, *combat sports*, *martial arts* e *contact sports*. Os critérios de inclusão foram: ter sido publicado em português, inglês ou espanhol nos últimos cinco anos; ser artigo primário; e estudar sobre a questão do efeito da prática de artes marciais na saúde mental.

Os resultados das pesquisas nas bases de dados foram colocados na plataforma RAYYAN (<https://rayyan.ai/>) para a seleção com base na leitura do título e do resumo com foco nos critérios de inclusão e exclusão. Após uma primeira leitura foram selecionados nove artigos que se encaixavam em todos os critérios propostos, e ainda sobre as palavras-chave, apenas o termo saúde mental era indexado, os demais não.

Tabela 1 - Lista de palavras-chave e suas ocorrências

PUBMED	LILACS	WEB OF SCIENCE
352	3	280

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

A seguir, é possível verificar a relação de artigos encontrados.

Tabela 2 - Principais dados da Revisão de Literatura

Título	Autor	Ano	Revista	Tema principal	Arte Marcial	Nível Evidência	Instrumento de avaliação
Exploring the Effectiveness of an Integrated Mixed Martial Arts and Psychotherapy Intervention for Young Men's Mental Health	N.Bird; G. McCarthy e K. O'Sullivan	2019	American Journal of Men's Health	Explora a combinação das artes marciais mistas (MMA) e psicoterapia no desenvolvimento da saúde mental em homens jovens.	Artes marciais mistas (MMA)	Nível IV	Entrevistas semiestruturadas respondidas pelos alunos
Mindfulness and psychological health in practitioners of Japanese martial arts: a cross-sectional study	Hiroimitsu Miyata; Daisuke Kobayashi; Akifumi Sonoda; Hibiki Motoike e Saki Akatsuka	2020	BMC Sports Science, Medicine and Rehabilitation.	Promove a associação entre corpo e mente como uma forma de provocar boas mudanças em traços psicológicos e aspectos cerebrais em atletas praticantes de artes marciais.	Artes marciais mistas (MMA)	Nível V	Questionário usando desenho transversal para verificação e validação do estudo
Determinants of life satisfaction in martial arts practitioners and team-sports players	Cezary Kuśnierz; Paweł Fryderyk Nowak e Karol Görner	2020	Archives of budo: health promotion and prevention	Procura analisar a relação entre bem-estar e satisfação pessoal que podem ser conquistados por meio da atividade física, identificando, principalmente os determinantes em praticantes de karatê.	Karatê	Nível V	Adaptação da escala polonesa Satisfaction With Life Scale (SWLS)
Effect of physical activity volume on active coping style among martial arts practicing adolescents: the mediating role of self-efficacy and positive affect	Ting Xu; Yun Li; Xin Chen; Jinliang Wang e Guodong Zhang	2020	Archives of budo: health promotion and prevention	Busca analisar os benefícios da prática de esportes marciais em adolescentes, considerando o estilo de enfrentamento como um fator psicológico nessa etapa da vida.	Artes marciais	Nível V	Questionários aplicados a 403 praticantes de artes marciais
Projeto Pais Apoiadores: um programa de orientação aos pais de judocas nas categorias de base	Jaqueline Puquevis de Souza e Délcio Mores	2019	Psicologia em Revista	Enfoca na perspectiva dos pais de judocas, por meio da psicologia do esporte, como uma forma de auxiliar pais na	Judô	Nível II	Intervenções quinzenais – treinamentos de habilidades cognitivas em psicologia do esporte

				tratativa e conhecimento da conduta dos filhos como uma forma de manutenção da saúde mental.			
The effects of martial arts participation on mental and psychosocial health outcomes: a randomised controlled trial of a secondary school-based mental health promotion program	Brian Moore; Dean Dudley e Stuart Woodcock	2019	BMC Sports Science, Medicine and Rehabilitation.	Destaca o potencial que os esportes como artes marciais e esportes de combate de modo geral tem de ser uma intervenção eficaz para a saúde mental.	Artes marciais	Nível I	Intervenção de 10 semanas – grupo presencial nas escolas participantes em 10 sessões de 50 a 60 minutos.
Intensity of Health Behaviors in People Who Practice Combat Sports and Martial Arts	Katarzyna Kotarska; Leonard Nowak; Mirosława Szark-Eckardt e Maria Alicja Nowak	2019	International Journal of Environmental Research and Public Health	Visa analisar como os esportes de combate e artes marciais podem influenciar aspectos como estilo de vida, atitude mental positiva, além de potencial educativo muito grande	Boxe, jiu-jitsu brasileiro, karatê, artes marciais mistas e muay thai	Nível IV	Inventário de comportamento de saúde padronizado (HBI).
A Phenomenological Study of Mental Health Enhancement in Taekwondo Training: Application of Catharsis Theory	Won-Chul Bing e Soo-Jung Kim	2021	International Journal of Environmental Research and Public Health	Destaca o potencial da atividade física, sobretudo o taekwondo, como uma forma de promoção de saúde mental capaz de fazer o atleta alcançar o sentido catártico de tal prática	Taekwondo	Nível IV	Entrevistas individuais com profundidade.
Exploring the Effects of Coaching Behavior on the Mental Conditioning Process of Taekwondo Poomsae Athletes: A Moderated Mediation Effect of Psychological Needs	Jaeyoun Jeong; Yunsik Shim e Myoungjin Shin	2022	International Journal of Environmental Research and Public Health	Faz um recorte entre homens e mulheres praticantes de taekwondo poomsae, verificando se existe diferença no potencial de cuidado mental e no suprimento de necessidades biológicas básicas em ambos os gêneros	Taekwondo poomsae	Nível V	Seis itens da versão coreana do Sport Climate Questionnaire de Amorose e Anderson-Butcher, sendo medido pela escala Likert de 7 pontos.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Todos os artigos selecionados cumpriam os critérios previamente estabelecidos, além de traçarem uma relação clara entre esportes de combate/artes marciais e cuidados com a saúde mental, incluindo a perspectiva de gênero na questão. A partir dessa seleção foi construída a argumentação principal e o referencial teórico.

Quanto ao ano de publicação, quatro artigos (44,44%) foram publicados em 2019, três (33,33%) em 2020, um (11,11%) em 2021 e um (11,11%) em 2022.

Com respeito à arte marcial estudada, quatro artigos (44,44%) foram relacionados a artes marciais mistas, dois (22,22%) ao karatê, um (11,11%) ao taekowndo e dois (22,22%) a um conjunto de artes marciais ou a artes marciais não identificadas.

Com respeito à ferramenta de avaliação de impacto em saúde mental, quatro artigos usavam questionários e aplicação de entrevistas como instrumento de avaliação, verificando a partir da perspectiva dos alunos/praticantes dos esportes de combate os reflexos da associação entre o esporte e outras formas de cuidado com a saúde mental. Entretanto, é fundamental destacar que a outra parte dos artigos (5) se baseavam em observações empíricas e comportamentais para sua análise.

Quanto ao nível de evidência dos artigos primários, um (11,11%) era de nível de evidência I, um (11,11%) era de nível de evidência II, três (33,33) eram de nível de evidência IV e quatro (44,44%) eram de nível de evidência V.

Quanto às conclusões dos estudos, os artigos selecionados evidenciaram o potencial dos esportes de combate, como MMA, judô, karatê, taekwondo, kickboxing e outras Artes Marciais, como fortes aliados no processo de cuidado com a saúde mental, sobretudo se combinados com práticas de terapia e outros cuidados psicológicos. Os estudos evidenciaram que os atletas que associavam ambas as práticas mostraram uma melhora na autoestima, nos níveis de concentração e em sua relação consigo mesmo, melhorando ainda questões como transtornos de ansiedade e depressão.

#### **4. Considerações Finais**

Na contemporaneidade, muito se fala sobre os esportes não só como uma categoria que promove distração e benefícios físicos; há inúmeras pesquisas que procuram associar a sua prática aos cuidados com a saúde mental. Diante disso, este trabalho procurou promover uma reflexão, com base em uma metodologia científica, sobre o potencial da prática de esportes de combate no cuidado com a saúde mental.

Nesse sentido, é possível verificar que eles são elementos culturais e especificamente da cultura corporal eficazes para promover o cuidado com a saúde mental, visto que ao praticá-los é possível liberar a tensão acumulada no corpo e na mente, reduzindo os níveis de estresse e ansiedade.

Além disso, a prática desses esportes pode ajudar a desenvolver habilidades como disciplina, autocontrole e resiliência, que são fundamentais para lidar com os desafios da vida diária e promover o bem-estar emocional.

Os esportes de combate possuem grande potencial de cuidado com a saúde mental em várias faixas etárias, sobretudo em homens mais jovens que, além de aprenderem disciplina, apresentam melhora em relação à própria imagem corporal, reduzindo também problemas com ansiedade.

É fundamental destacar ainda que a mídia tem um papel muito importante na propagação desses esportes, desmistificando o imaginário da população que comumente os associa à violência, mostrando que os esportes de combate possuem benefícios além do que se pode ver fisicamente.

Desta maneira, esse estudo é apenas um recorte que ressalta os benefícios de práticas como essa, sobretudo nos dias atuais, em um mundo atravessado por tantos acontecimentos que nos abalam emocionalmente. Como sugestão para estudos futuros, pode-se ampliar não só o campo de análise como também ampliar os tipos de esportes de combate trabalhados.

## Referências

DUARTE, Jonatas Deivyson Reis da Silva *et al.* Aspectos motivacionais para a prática do Jiu-Jitsu brasileiro e o Kickboxing em indivíduos do sexo masculino/Motivational aspects of male brazilian Jiu-Jitsu and Kickboxing practitioners. **Brazilian Journal Of Health Review**, [S.L.], v. 4, n. 3, p. 12247-12256, jun. 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Jonatas-Duarte-2/publication/354062741\\_Aspectos\\_motivacionais\\_para\\_a\\_pratica\\_do\\_Jiu-Jitsu\\_brasileiro\\_e\\_o\\_kickboxing\\_em\\_individuos\\_dosexo\\_masculino/links/6122ad5b1e95fe241aed5172/Aspectos-motivacionais-para-a-pratica-do-Jiu-Jitsu-brasileiro-e-o-kickboxing-em-individuos-do-sexo-masculino.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Jonatas-Duarte-2/publication/354062741_Aspectos_motivacionais_para_a_pratica_do_Jiu-Jitsu_brasileiro_e_o_kickboxing_em_individuos_dosexo_masculino/links/6122ad5b1e95fe241aed5172/Aspectos-motivacionais-para-a-pratica-do-Jiu-Jitsu-brasileiro-e-o-kickboxing-em-individuos-do-sexo-masculino.pdf). Acesso em: 18 mar. 2023.

ENGEL, George L. The Need for a New Medical Model: a challenge for biomedicine. **Science**, [S.L.], v. 196, n. 4286, p. 129-136, abr. 1977. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.847460>. Acesso em: 8 abr. 2023.

JEONG, Jaeyoun; SHIM, Yunsik; SHIN, Myoungjin. Exploring the Effects of Coaching Behavior on the Mental Conditioning Process of Taekwondo Poomsae Athletes: a moderated mediation effect of psychological needs and gender. **International Journal Of Environmental Research And Public Health**, [S.L.], v. 19, n. 12, p. 7016-7027, jun. 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35742267/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

KOTARSKA, Katarzyna *et al.* Intensity of Health Behaviors in People Who Practice Combat Sports and Martial Arts. **International Journal Of Environmental Research And Public Health**, [S.L.], v. 16, n. 14, p. 2463-2453, jul. 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6679122/>. Acesso em: 1 mar. 2023.

KRACIK, Maria Luiza Amaral; PEREIRA, Pablo Michel Barcelos; ISER, Betine Pinto Moehlecke. Medicina Integrativa: um parecer situacional a partir da percepção de médicos no sul do Brasil. **Saúde em Debate**, [S.L.], v. 43, n. 123, p. 1095-1105, out. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/jm7k5yJ6BmcsMRfpK7ZT39g/abstract/?lang=en>. Acesso em: 12 abr. 2023.

KUŚNIERZ, Cezary; NOWAK, Paweł Fryderyk; GÖRNER, Karol. Determinants of life satisfaction in martial arts practitioners and team-sports players. **Archives Of Budo**, [S.I.], v. 16, n. 1, p. 83-89, dez. 2020. Disponível em: <https://archbudo.com/view/abstract/id/13541>. Acesso em: 1 fev. 2023.

LELLES, Carina. No "país do kickboxing", lutador mineiro supera fuso e dedo quebrado por vitória. 2017. In: GE. Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/zona-da-mata-centro-oeste/noticia/no-pais-do-kickboxing-lutador-mineiro-supera-fuso-e-dedo-quebrado-por-vitoria.ghtml>. Acesso em: 1 mar. 2023.

MACEDO, Breno Costa de. **Sangue, suor e lágrimas**: o boxe em São Paulo de 1928 a 1953. 2019. 300 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-21022020-171305/publico/2019\\_BrenoCostaDeMacedo\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-21022020-171305/publico/2019_BrenoCostaDeMacedo_VCorr.pdf). Acesso em: 1 fev. 2023.

MIYATA, Hiromitsu *et al.* Mindfulness and psychological health in practitioners of Japanese martial arts: a cross-sectional study. **Bmc Sports Science, Medicine And Rehabilitation**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 7-12, dez. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33372628/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. Sobre o estilo de kung-fu garra de águia. **Dialnet**, [S.I.], v. 16, n. 1, p. 167-178, dez. 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6722982>. Acesso em: 09 abr. 2023.

MONTEIRO, Fabrício Pinto. Transformações técnicas das lutas sob uma óptica da História Social: o boxe inglês entre os séculos XVIII e XIX. **Temporalidades**: Revista de História, [S.I.], v. 9, n. 2, p. 178-203, ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5865/pdf>. Acesso em: 12 fev. 2023.

MOORE, Brian; DUDLEY, Dean; WOODCOCK, Stuart. The effects of martial arts participation on mental and psychosocial health outcomes: a randomised controlled trial of a secondary school-based mental health promotion program. **Bmc Psychology**, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 60-75, set. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31511087/>. Acesso em: 09 mar. 2023.

NIEMAN, D. C. Como controlar as tensões da vida moderna. **Revista Vida e Saúde**, [S.I.], v. 1, n. 1, p. 4-9, dez. 1993.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **World mental health report**: transforming mental health for all. [S.I.]: Opas, 2022. 296 p. Disponível em:

<https://bvsmms.saude.gov.br/oms-divulga-informe-mundial-de-saude-mental-transformar-a-saude-mental-para-todos/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Transtornos mentais**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais>. Acesso em: 12 fev. 2023.

OTANI, Márcia Aparecida Padovan; BARROS, Nelson Filice de. A Medicina Integrativa e a construção de um novo modelo na saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.I.], v. 16, n. 3, p. 1801-1811, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9QPwFdccDdPTSb633rbJVBq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 1 abr. 2023.

RODRIGUEZ-AYLLON, María *et al.* Role of Physical Activity and Sedentary Behavior in the Mental Health of Preschoolers, Children and Adolescents: a systematic review and meta-analysis. **Sports Medicine**, [S.L.], v. 49, n. 9, p. 1383-1410, abr. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30993594/>. Acesso em: 03 mar. 2023.

ROEDER, Maika Arno. Benefícios da atividade física em pessoas com transtornos mentais. **Revista Brasileira Atividade Física & Saúde**, [S.I.], v. 4, n. 2, p. 62-76, dez. 1999. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/download/1054/1217/1737>. Acesso em: 12 fev. 2023.

SOUTHWICK, Steven M.; CHARNEY, Dennis S. Resilience. **Cambridge University Press**, [S.L.], p. 21-39, jul. 2012. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2012-22073-000>. Acesso em: 26 mar. 2023.

SOUZA, Jaqueline Puquevis de; MORES, Délcio. Projeto Pais Apoiadores: um programa de orientação aos pais de judocas nas categorias de base. **Psicologia Revista**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 175-192, ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/37831>. Acesso em: 1 fev. 2023.

VASQUES, Daniel Giordani. As artes marciais mistas (MMA) como esporte moderno: entre a busca da excitação e a tolerância à violência. **Esporte e Sociedade**, [S.I.], v. 22, n. 8, p. 1-23, set. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48445>. Acesso em: 09 fev. 2023.

XU, Ting *et al.* Effect of physical activity volume on active coping style among martial arts practicing adolescents: the mediating role of self-efficacy and positive affect. **Archives Of Budo**, [S.I.], v. 16, n. 1, p. 315-324, dez. 2020. Disponível em: <https://archbudo.com/view/abstract/id/13987>. Acesso em: 12 fev. 2023.

## O MUAY THAI EM AMBIENTES NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO DO CORPO EM CATALÃO (GO)

Gabriel Gonçalves Júnior<sup>32</sup>

Ana Carla Dias Carvalho<sup>33</sup>

### INTRODUÇÃO

O Muay Thai se tornou uma das artes marciais mais praticadas no país após o destaque dos lutadores brasileiros nos eventos de *Mixed Martial Arts* (Artes Marciais Mistas – MMA) a partir da década de 1990. Internacionalmente reconhecido como a arte marcial nacional da Tailândia, constitui um importante produto de exportação cultural daquele país (Jukping, 2020 *apud* Müller Junior; Vargas; Capraro, 2021). No Brasil, foi introduzido na década de 1970 por Nélio Naja, a partir de mestres do *taekwondo*, e se fortaleceu nas academias de ginástica ao final dos anos 1990, impulsionado pelo discurso da “conquista da saúde” e do corpo ideal (Escudero; Oliveira Junior, 2014).

Apesar da crescente popularização, ainda são escassas as investigações que analisam o Muay Thai como prática corporal em cidades do interior, bem como a presença desse esporte em espaços não formais de educação do corpo. Predominam estudos voltados à performance esportiva e ao treinamento físico (Mortatti *et al.*, 2013), o que evidencia uma lacuna na literatura sobre os sentidos socioculturais atribuídos à modalidade por praticantes e professores em contextos cotidianos; logo, o estudo se justifica pela necessidade de compreender a significância do Muay Thai no âmbito local, especialmente diante dos estigmas que o associam à violência e da relevância crescente das lutas como práticas educativas, formativas e culturais no campo da Educação Física.

Esta pesquisa possui caráter qualitativo (Gil, 2008), delineada como estudo de casos múltiplos em três academias de Muay Thai de Catalão, Goiás (GO). A amostragem foi intencional e contemplou seis praticantes (dois por academia), o que inclui iniciantes e praticantes avançados; e três docentes e uma professora com mais de um ano de experiência no ensino da modalidade.

---

<sup>32</sup> Professor de Educação Física e egresso do Curso de Educação Física do Instituto de Biotecnologia da Universidade Federal de Catalão (IBITEC/UFCAT). E-mail: [gabrieljr.10@hotmail.com](mailto:gabrieljr.10@hotmail.com)

<sup>33</sup> Professora Doutora do curso de Educação Física do IBIOTEC/UFCAT. E-mail: [ana\\_carla\\_carvalho@ufcat.edu.br](mailto:ana_carla_carvalho@ufcat.edu.br)

A organização e a sistematização dos dados ocorreram por meio de entrevistas semiestruturadas e organizadas em três eixos principais: (a) motivos e objetivos da prática; (b) dinâmicas de treino e combate; e (c) sentidos atribuídos ao Muay Thai no contexto local. Cumpre afirmar que as entrevistas foram gravadas em áudio, mediante autorização dos participantes, e posteriormente transcritas na íntegra (transcrição *verbatim*).

Para o tratamento e a interpretação dos dados, adotou-se a análise temática, conforme a abordagem qualitativa que permite identificar, organizar e interpretar padrões de sentido emergentes nas narrativas dos participantes. Esse procedimento possibilitou compreender as convergências e especificidades entre as academias investigadas, ao articular práticas, significados e motivações relacionadas ao Muay Thai como prática corporal em espaços não formais de educação do corpo.

O objetivo geral é analisar os sentidos atribuídos ao Muay Thai por professores e praticantes em academias de Catalão (GO). Especificamente, busca-se: (a) identificar a articulação entre tradição, filosofia e treinamento contemporâneo pelos sujeitos; (b) compreender os fatores que motivam a adesão e/ou evasão; e (c) examinar o atravessamento de questões de gênero, disciplina e preconceitos sociais na prática.

Ao investigar essas dimensões, contribui-se sobremaneira para desmistificar a associação entre Muay Thai e violência, com valorização das narrativas dos sujeitos que vivenciam essa arte marcial e evidências de seu potencial educativo no cenário local.

## **2 CONCEITOS, SIGNIFICADOS E MOTIVOS DO MUAY THAI EM CATALÃO (GO)**

Neste item, aborda-se o tratamento dos dados obtidos nas entrevistas com os praticantes e professores de Muay Thai, cujas identidades foram ocultadas por meio de nomes fictícios. Reflete-se sobre essa arte marcial para compreender e identificar os objetivos e interesses dos praticantes; se os alunos realizam combates entre si; se há aprovação familiar em relação à prática; como a sociedade percebe e aceita tal prática corporal; e se existe algum tipo de preconceito dirigido aos praticantes.

Evidentemente, os referidos elementos contribuem para ampliar o entendimento sobre o conceito e as motivações atribuídas ao Muay Thai por quem a vivencia de fato.

### **2.1 MOTIVOS DA PRÁTICA, TREINO E COMBATE**

De modo geral, os objetivos dos seis alunos que praticam o Muay Thai se relacionam aos benefícios do condicionamento físico e da estética corporal, por ser uma arte marcial que enrijece e define os músculos. Outro aspecto abordado é a defesa pessoal, forjada pela disciplina no dia a dia para imprimir uma moral da vitória e não desistência conforme as adversidades, ou seja, lutar e vencer cada etapa com o escopo de exercitar a paciência e alcançar um nível expressivo de domínio corporal.

Nesse entremeio, três praticantes buscam a profissionalização – um da Academia (O) e outros dois da Academia (B). Essa pluralidade de motivações está alinhada à mercadorização das práticas corporais, conforme discutem Escudero e Oliveira Junior (2014), uma vez que a busca pelo corpo ideal se sobrepõe às dimensões culturais e tradicionais do Muay Thai propriamente dito.

Os alunos relataram que, *a priori*, não há contato físico, pois, nas primeiras aulas, se aprende a execução dos movimentos em frente ao espelho para dominar a técnica dos golpes. Concomitantemente, enfatiza-se o treinamento corporal para atingir uma boa forma física e, algum tempo depois, o combate aparece nos treinos, com a presença de contato físico entre os praticantes. Aqui, os alunos entrevistados da Academia (P) e (O) não possuem uma vivência de combate por serem iniciantes; no entanto, os da Academia (B) se caracterizam como lutadores experientes, em que vários deles participam de competições, a exemplo deste excerto:

[...] nem todos têm a vocação para querer treinar, para tirar combate; alguns entram para perder peso, outros entram para fazer só parte aeróbica, outros entram só porque gostam. Então, nem todos entram para fazer competição, [...] depende do nível do atleta, da graduação [...] (Edilson, praticante da Academia [B]).

De acordo com os depoentes, o apoio da família é um aspecto frequente nessa conjuntura – inclusive, alguns casados relataram que treinam de maneira conjunta:

[...] todos acreditam que é um esporte saudável, não há que se falar de esporte violento (Lara, aluna da Academia [P]).

Na verdade, todo mundo pensa que é para sair lutando na rua [...], mas não tem preconceito não [...] (Daniela, aluna da Academia [O]).

Os alunos dizem não existir preconceito em relação a essa arte marcial, pois, não

houve nenhum caso de agressão, via de fato ou verbal que pudesse ser interpretada como alguma forma de preconceito.

Na Academia [P], os alunos se caracterizam como iniciantes; portanto, não participam de combates, conforme relatado neste depoimento: “estou no estágio inicial e é apenas a prática dos socos e chutes, mas não existe ainda o contato físico. O treino é bastante intenso, exige muito” (Gustavo, aluno da Academia [P]). Entretanto, quando os alunos se sentem à vontade, ou seja, preparados para o combate, são iniciados à luta propriamente dita.

De fato, o Muay Thai tem sido procurado por vários motivos, como a defesa pessoal e a estética. Isso é ratificado no seguinte fragmento: “além de ser defesa pessoal ele me dá condicionamento físico ele está me ajudando a perder peso, a enrijecer musculo, está sendo uma grande realização” (Lara, aluna da Academia [P]).

Os professores reiteram a variação de objetivos dos alunos, visto que alguns querem lutar por ser uma prática que trabalha o corpo com frequência, enquanto a maioria busca emagrecer e tonificar os músculos. De acordo com o professor Fábio, uma hora de aula de Muay Thai leva a queimar de 600 a 900 calorias, fator que estimula sobremaneira os praticantes que, em seguida, começam a gostar do esporte e passam a fazer parte da equipe para se inserir as competições.

Corpos magros e definidos compõem o conjunto de interesses e sentidos dessa prática, mas existem outros objetivos, pois, “uns chegam querendo aprender a luta, outros querem competir, outros querem trabalhar com o esporte [...] trabalhar o corpo, perder uns quilos [...]” (Fábio, professor da Academia [B]). Apesar de a professora da Academia (P) ser competidora de Muay Thai e buscar o trabalho com o alto rendimento, os treinamentos se tornaram imprescindíveis para se tornar campeã do esporte. Aliás, academia (P) é elitizada, onde os praticantes não buscam a performance, tampouco o profissionalismo; afinal, eles se voltam à defesa pessoal e à disciplina em si, com predominância do autocontrole da ansiedade, da vida ativa e da admiração pela arte marcial.

Uma parte significativa busca a prática por estética ou influência da mídia, dado que as celebridades divulgam a perda de peso com a arte marcial devido ao desgaste do esporte. Com a mercadorização das práticas corporais, observa-se uma busca crescente por um corpo definido, moldado pela corporalidade que atende às exigências do trabalho e de um lazer ativo, reforçada pela mídia que promove o culto ao corpo. Quando o Muay Thai é procurado apenas para emagrecimento e definição muscular, as dimensões

clássicas, especialmente aquelas relativas à essência, cultura e valores, se tornam desprivilegiadas.

A redução da prática ao gesto técnico com finalidades alheias ao sentido original descaracteriza o combate que demarca essa prática corporal. Assim, a arte marcial perde parte de suas origens e pode ser comparada a qualquer treinamento voltado exclusivamente à queima de calorias e ao fortalecimento muscular, o que esvazia a dimensão sociocultural.

Nesse prisma, a análise das entrevistas revela que a prática corporal assume significados diversos e articula dimensões ligadas à saúde, estética, disciplina e desenvolvimento técnico da arte marcial. Verificou-se que os motivos impulsionadores da adesão à modalidade abrangem desde a busca por condicionamento físico, emagrecimento e definição muscular até interesses relacionados à defesa pessoal, ao autocontrole e, em menor escala, à profissionalização no esporte. Essas motivações demonstram a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos e a ressignificação do Muay Thai conforme os objetivos individuais e os contextos institucionais de ensino.

Processos de ensino-aprendizagem ocorrem de forma progressiva. Eles se iniciam por domínio técnico e preparação corporal, com ausência de contato físico nos estágios iniciais, e avançam para o combate, à medida que o praticante adquire maturidade técnica. Como visto, as empresas analisadas apresentam perfis distintos: enquanto a Academia B focaliza a formação de lutadores e a participação em competições, a Academia P, de caráter elitizado, enfatiza aspectos como disciplina, vida ativa, controle da ansiedade e defesa pessoal, sem priorizar o rendimento esportivo.

Comumente, a prática dessa arte possui uma sociabilidade significativa, com ampla aceitação familiar e comunitária da prática, sem relatos de preconceito ou associações diretas à violência. A imagem predominante é a de uma prática corporal que compreende benefícios físicos e subjetivos; no entanto, identifica-se também um movimento de mercadorização da modalidade, intensificado pela mídia e pelo culto contemporâneo ao corpo, que tende a reduzir o Muay Thai ao potencial de gasto calórico e modelagem corporal. Esse processo, ao privilegiar exclusivamente finalidades estéticas, contribui para o esvaziamento de elementos socioculturais e da essência combativa que caracterizam historicamente a arte marcial.

Há uma apropriação do Muay Thai na cidade, de maneira plural, ora com a preservação de elementos tradicionais com sentido à prática, ora com a adaptação às demandas contemporâneas de saúde, estética e consumo. Essa multiplicidade de

significados reforça a importância de compreender a prática corporal dinâmica, situada e permeada por diferentes racionalidades, expectativas e formas de vivência.

## 2.2 METODOLOGIA, GRADUAÇÃO E RITUAL DO MUAY THAI

Para cada graduação existia uma quantidade mínima de exercícios a serem realizados, entre 10 repetições para a primeira graduação e 100 para o exame de faixa preta. Esse rito de passagem privilegiava aspectos físicos e técnicos e, no sentido de consolidar a identidade muay thai no Brasil, o praticante deveria realizar diversos testes de resistência, combate e técnica para transformar os golpes do *taekwondo* em outros de Muay Thai, de maneira a parecer exclusivo, e não uma cópia da modalidade de origem, pois a movimentação e a postura de combate são diferentes (Müller Junior; Vargas; Capraro, 2021).

A metodologia das aulas é trabalhada pelo mestre, com a origem e contagem de números em tailandês – aqui, os praticantes o saúdam com os colegas para não perderem a cultura. Em linhas gerais, os significados e sentidos atribuídos à prática corporal pelos alunos são disciplina, respeito, crença e amor. De acordo com os relatos, elas se tornaram pessoas mais disciplinadas a partir da experiência com a arte marcial, em que convivem melhor com amigos, familiares e, principalmente, no trabalho; por conseguinte, se tornaram pessoas organizadas, qualidades que contribuem com a organização pessoal, a autodefesa e a possibilidade futura de profissionalismo.

Na academia B, há combate para quem se sente preparado; em P e O, ele é praticamente inexistente, pois focalizam o condicionamento físico e a defesa pessoal. Reafirma-se que a abordagem sobre o ritual do Muay Thai visou verificar o desenvolvimento dessa prática esportiva em Catalão (GO), em ambientes não formais de treinamento corporal, tendo em vista aspectos que contribuem para identificar o significado dessa arte e a verificação da prática, do ritual dos treinamentos, do momento da graduação, da gestualidade, da execução técnica dos golpes, da rotina do treinamento e da filosofia da modalidade.

A graduação/exame de faixas do muay thai era composta por exercícios de corrida, flexão de braço, exercícios abdominais, barra fixa, saco de pancada e *tudê*, uma série de exercícios pré-determinados contra um oponente imaginário semelhante ao *kata* praticado no karatê (Müller Junior; Vargas; Capraro, 2021). Os alunos informam que, em algumas academias, a maior parte dos professores trabalha a filosofia; todavia, os

praticantes da Academia (O) sublinham que “às vezes o nosso mestre fala um pouco da história do Muay Thai, e o que a gente mais sabe são os cumprimentos [...]” (Daniela, aluna da Academia [O]). Por seu turno, os alunos da Academia (P) alegaram que a docente informa sobre o surgimento do Muay Thai e brevemente sobre filosofia: “A nossa professora [...] ensina a filosofia do respeito [...] para com o próximo [...] e para com a sociedade também” (Lara, aluna da Academia [P]).

Alunos das Academias (P) e (O) não possuem conhecimentos sobre o ritual de receber a graduação; são iniciantes e com tempo insuficiente para a receber, por serem mais avançados: “Para os graus brancos, na maioria das vezes a gente faz tipo uma festa porque [...] é um grau sagrado, que é a primeira graduação [...] uma cerimônia de aceitação ao aluno (Edilson, aluno da Academia [B]).

### 2.3 TRABALHO DAS ACADEMIAS

As três academias trabalham o Muay Thai três vezes na semana, onde todos entrevistados informaram a frequência de 100% aos treinos. Os três professores, segundo os alunos entrevistados, trabalham a execução de golpes e os respectivos nomes:

Nosso mestre, sempre ensina quando ele vai ensinar um golpe, tem o nome. Por exemplo, tem o *jab* direto, cruzado [...] (Ivo, praticante da academia [O]).

Todos os golpes trabalhamos em tailandês também” (Marcos, aluno da academia [B]).

[...] a professora ensina todos os nomes dos golpes, inclusive ensina da forma correta como é falado na Tailândia [...] (Lara, aluna da academia [P]).

Em todas as academias analisadas, os professores nomeiam os golpes, muitas vezes em tailandês, para reforçar a dimensão técnica e simbólica da prática. Sobre o significado do Muay Thai para cada praticante, na qual obtivemos diferentes respostas dos alunos. Na Academia (B), percebemos uma relação de afeto com a prática da arte marcial: “se tornou amor, me ajudou muito a crescer [...] Muay Thai é vida [...]”. (Edilson, praticante da Academia [B]). O aluno Marcos, da mesma empresa, diz que o universo da luta ajudou em seu crescimento, aumentou a autoestima e o transformou em uma pessoa segura e disciplinada. Em outro aspecto, ele se tornou bicampeão mineiro e campeão

brasileiro.

De acordo com os alunos da Academia (O), há valores como “respeito [...], é o físico, [...] defesa pessoal [...]” (Ivo, aluno da Academia [O]). Por sua vez, Marcos define os ensinamentos para a vida, *in verbis*: “me ensinou muito respeito com as outras pessoas, comportar melhor [...], e defesa pessoal, [...]” (Marcos, praticante da Academia [O]). E, para um terceiro participante do estudo: “o significado de ter [...] uma disciplina é você ter um objetivo a ser cumprido, [...] com muita força de vontade, [...] tudo isso pode ser um benefício para minha vida pessoal, profissional” (Gustavo, praticante da Academia [P]).

Disciplina, objetivos a serem cumpridos e força de vontade são valores evidenciados pelos praticantes nos processos de controle de si e social, que qualificam os sujeitos no campo pessoal e profissional. Portanto, a vivência do Muay Thai proporcionou respeito e autocontrole aos entrevistados, o que resultou em condutas e comportamento adequado, ou seja, sociabilidades.

Com base nas respostas dos praticantes entrevistados, mesmo que as academias abordem alguns aspectos de forma similar, notam-se discrepâncias entre elas: (B) trabalha com o sistema de graduação com provas teóricas e práticas diferentes; logo, os alunos devem estar preparados no que tange a dominar vários golpes para receber a graduação. Os entrevistados das outras duas academias não utilizam esse sistema de graduação devido ao pouco tempo de prática, e todas as empresas desenvolvem a metodologia do “passo a passo” para identificação, aprendizagem, fixação e execução das técnicas dos golpes.

Um aspecto negativo demonstra que o professor José, da Academia (O), não aborda frequentemente filosofia, em comparação às outras instituições analisadas, por focar o ritual da graduação: “Muay Thai é mais a prática mesmo. Quando vai ter a primeira aula do aluno, eu abordo um pouco a origem da luta, como ela foi desenvolvida, quanto tempo, país de origem. Eu abordo um pouco a história [...]” (José, da Academia [O]). Como a Academia (B) é especializada nas lutas, busca-se o alto rendimento com praticantes campeões. Há envolvimento, entrega e uma emoção significativa ao abordar o significado do Muay Thai para eles, em relação aos praticantes das outras empresas participantes da pesquisa.

Diante da realidade de parte significativa dos praticantes da Academia (B), além de haver uma compreensão ampla, domínio da técnica e experiência prática, eles dedicam a maior parte do tempo aos treinamentos. Mesmo quando não estão na academia, eles

reúnem os praticantes e treinam na residência de colegas, devido ao sonho para se tornarem esportistas reconhecidos nacional ou até internacionalmente, com futuro profissional no universo das lutas.

Praticantes das outras duas academias consideram o Muay Thai uma prática benéfica mental e corporal; todavia, há vários sentidos e significados atribuídos à prática. Além disso, buscam objetivos diferentes e treinam em perspectivas distintas, seja para profissionalismo, disciplina, atividade corporal e estética. Por fim, reiteraram a admiração por essa arte marcial milenar.

### 3 FILOSOFIA, RITUAL E OLHAR DOS PROFESSORES

Entrevistas com os professores de Muay Thai visaram compreender a localização da prática corporal no que concerne a crescimento, evolução, fatores que envolvem a metodologia nas aulas, aspectos teóricos e práticos, sistema usado para receber graduação e pontos a serem ser melhorados na modalidade. Eles acreditam que a arte marcial tem crescido em Catalão (GO), por ser um esporte de combate que ajuda no desenvolvimento do corpo e representar uma questão estética.

Acerca da concepção do ensino e da prática de Muay Thai nas academias de Catalão (GO), no que se refere à organização das aulas, os docentes relataram que trabalham primeiramente alongamento e aquecimento; depois, há a movimentação básica em frente ao espelho e a execução dois a dois, para haver socialização. O relato do professor Fábio, *arjarn* de Muay Thai tradicional, foi diferenciado em relação aos demais, pois a maior parte da equipe treina com vistas ao alto rendimento, com abordagem de alongamento e aquecimento com ênfase em contato físico. Ele salientou que não existem apenas golpes nas aulas, por haver conceitos de teoria e filosofia, seja sobre surgimento, história e/ou nome de golpes.

Dos quatro professores entrevistados, um deles não soube informar sobre a graduação do Muay Thai, por ser especialista em outra arte marcial. Apenas Fábio aplica a graduação, ao passo que José e Roberta estão na modalidade há pouco tempo – nesse ritual, inclusive, há dedicação e frequência, em que Fábio executa o golpe e fala o nome do movimento na hora da prova. Além dos nomes dos golpes, os alunos precisam dominar a história do Muay Thai, como as informações sobre surgimento e localidade no país de origem). Segundo o professor José, ele não utiliza prova teórica, pois se origina do estado do Tocantins, onde não existe esse tipo de avaliação.

Nesse entremeio, salienta-se a metodologia das aulas:

[...] a gente começa com alongamento depois aquecimento depois aulas teóricas a gente conversa muito [...] trabalha com socos, joelhos, canelas [...] arremessos a gente trabalha movimentação, a gente trabalha box é cotovelos, [...] trabalha bastante a filosofia, a história do Muay Thai [...] (Professor Fábio, da Academia [B]).

Em Catalão (GO), as atividades de Muay Thai se desenvolvem com metodologias distintas entre as academias pesquisadas, embora todas preservem elementos essenciais da prática, como a nomenclatura dos golpes em tailandês, o respeito ao mestre e aos colegas e a valorização de princípios éticos fundamentais. Rituais de saudação e, em alguns casos, o ensino da história e filosofia da modalidade reforçam a dimensão simbólica que sustenta a prática corporal, ainda que o aprofundamento dos conteúdos varie entre as empresas citadas.

Constatou-se que a Academia B apresenta maior estruturação formativa, com sistema formal de graduação, rituais específicos e forte orientação ao alto rendimento – isso contribui para uma vivência ampla da prática, marcada por envolvimento emocional, busca de profissionalização e domínio técnico aprofundado. Por sua vez, as Academias P e O priorizam aspectos como condicionamento físico, defesa pessoal e disciplina, ao oferecerem uma abordagem voltada ao bem-estar e desenvolvimento pessoal, com menor ênfase na competição e ritualização tradicional do Muay Thai.

Geralmente, os praticantes relatam transformações subjetivas significativas, com destaque a valores como respeito, autocontrole, organização, disciplina e sociabilidade. Esses elementos indicam que, independentemente da orientação pedagógica de cada espaço, a modalidade ultrapassa a dimensão física e contribui para a formação moral e emocional dos indivíduos.

Além disso, a diferença no engajamento dos professores com a filosofia e história da modalidade revela um ponto tensional entre a preservação da tradição e a respectiva adaptação às demandas contemporâneas voltada ao rendimento esportivo, à estética, à saúde ou ao desenvolvimento pessoal. Enquanto a Academia B preserva rituais e sistematiza processos formativos, a Academia O, por exemplo, apresenta lacunas na abordagem da filosofia, o que denota a pluralidade metodológica e os possíveis desafios na transmissão da cultura do Muay Thai em ambientes não formais de ensino.

Verifica-se que os significados atribuídos ao Muay Thai são diversos e orientados pelos objetivos de cada praticante: alguns buscam profissionalização; outros, benefícios

estéticos; e muitos encontram na prática um espaço de fortalecimento emocional, disciplina e pertencimento. Assim, o Muay Thai em Catalão (GO) se manifesta como prática multifacetada, atravessada por diferentes sentidos e modos de aprendizagem, mas consolidada como experiência transformadora nos planos corporal e social.

### 3.1 SENTIDOS DO MUAY THAI, MMA E PARTICIPAÇÃO FEMININA

Como o Muay Thai tem se inserido constantemente na mídia, pretende-se entender se as lutas de MMA contribuem para a procura, pois essa arte marcial é usada com frequência pelos lutadores nos combates. Importante destacá-lo como um dos principais componentes técnicos do MMA, com crescimento elevado de praticantes em todo o planeta (Müller Junior; Vargas; Capraro, 2021). Por isso, realizaram-se as seguintes perguntas aos professores: há a possibilidade de trabalhar os esportes de combate, especialmente o Muay Thai, nas escolas? Existe participação do público feminino na prática desse esporte? Há um enfoque diferente para elas ou o treinamento ocorre com turmas mistas?

Segundo os professores, a evasão é comum porque vários alunos se inserem no esporte por curiosidade e evadem por compromissos pessoais ou dificuldade de adaptação. Todavia, de acordo com o professor José, embora exista a evasão, a maioria permanece, visto que o MMA contribuiu sobremaneira para o conhecimento da luta tailandesa, em que a modalidade se tornou uma luta de referência dos lutadores. É importante salientar a associação do MMA e o Muay Thai, mas sem esquecer a história dessa manifestação cultural.

Os docentes se mostraram favoráveis à inclusão dos esportes de combate nas escolas, pelo fato de o Muay Thai ser uma arte marcial diferente das outras e que exige disciplina. Eles opinaram que a aprendizagem de uma arte marcial pode contribuir com a formação dos alunos, especialmente ao potencializar os valores da disciplina e respeitar o próximo. Embora tornem visível a importância de ensinar Muay Thai e outras artes marciais nas escolas, admitem a resistência devido ao imaginário social que associa as lutas e artes marciais à violência. A professora Roberta indica que a reflexão em prol das artes marciais ajuda no desenvolvimento da coordenação motora, na disciplina, sociabilidade, entre outros aspectos.

Muitas mulheres têm procurado a prática do Muay Thai, mas sem enfoque diferenciado para elas, como atestam estes discursos:

[...] não só o Muay Thai, mas como várias artes marciais deveriam ser trabalhadas nas escolas [...] sair do bol, futebol, handebol, basquetebol e começar a trabalhar outras atividades com as crianças, principalmente as lutas [...] (Professora Roberta, da Academia [B]).

[...] as mulheres têm procurado bastante o Muay Thai, as vezes tem hora que dá até mais mulher do que homem e o trabalho que é desenvolvido com elas é o mesmo com os homens [...] (Professor José, da Academia [O]).

Os professores informam sobre a história e filosofia do Muay Thai, bem como acerca do país de origem (Tailândia) e o tempo de existência da arte marcial (mais de dois mil anos). Cumpre afirmar que as contagens, os nomes dos golpes e a saudação ao mestre e colegas acontecem sempre em tailandês. Sobre a filosofia, cita-se que o praticante da Academia (B) não pode brigar dentro nem fora da academia. Nesse caso, Fábio e Roberta conversam sobre como reagir perante uma provocação para não brigar, pois, quem briga no local, não pode fazer mais parte da equipe e é expulso.

Em virtude dos argumentos apresentados, entende-se que o MMA contribuiu para muitos sujeitos procurarem a prática do Muay Thai; porém, os professores até associam tal fato à história e filosofia dessa arte marcial. A evasão faz parte do processo, provavelmente porque alguns praticantes são curiosos quanto ao esporte, mas não se fidelizam por falta de identificação.

No contexto pesquisado, existem diversas mulheres praticantes do Muay Thai que buscam elementos estéticos, enquanto outras se voltam ao profissionalismo – inclusive, a professora Roberta obteve resultados expressivos, por ter sido bicampeã mineira. A equipe da cidade de Catalão (GO) representa a federação mineira em campeonatos, devido à falta de apoio da federação goiana nas competições.

Segundo o professor Fábio (vice-presidente da federação mineira), com a nova gestão organizadora da federação goiana de Muay Thai, ele está pronto para a representar de fato, e complementa: “o que diferencia muito Muay Thai é o fato de ser uma arte que trabalha muito defesa como ataque. É uma arte bastante completa em defesa [...]”.

Conforme os relatos, a maior dificuldade dos esportes de combate continua sendo o preconceito das pessoas leigas que associam as artes marciais com a violência, como ratificado pela professora Roberta. Nesse sentido, ela destacou a importância das campanhas de educação e esclarecimento, a exemplo da campanha entre praticantes de artes marciais intitulada “Quem luta não briga”. Alguns docentes acreditam que a região

ainda não se atenta aos valores das práticas corporais, o que indica a necessidade de superar preconceitos em relação às artes marciais; afinal, muitas pessoas ainda pensam que os praticantes são violentam e precisam mudar esses conceitos.

Entrevistas consideram que o MMA contribui para ampliar a visibilidade do Muay Thai, embora os professores ressaltem a preservação de aspectos históricos e filosóficos. Os docentes se mostram favoráveis à inserção das lutas nas escolas e reconhecem o potencial formativo, particularmente quanto à disciplina, respeito e sociabilidade, embora persista a resistência devido à associação das artes marciais à violência, como visto ao longo deste trabalho.

A participação feminina apresenta crescimento significativo, sem diferenciações no treinamento, o que evidencia uma prática inclusiva. As mulheres buscam a modalidade por motivações estéticas e esportivas, com casos de destaque competitivo na região. Persistem desafios relacionados ao preconceito e à necessidade de ampliar o reconhecimento das lutas como práticas culturais e educativas, algo fundamental para a formação integral dos praticantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo permitiu compreender os sentidos multifacetados atribuídos ao Muay Thai em ambientes não formais de educação do corpo em Catalão (GO), a partir das percepções de professores e alunos de três academias distintas. Os resultados revelam que a prática assume configurações variadas conforme o perfil institucional: a Academia B se volta para o alto rendimento e à competição; a Academia P, de caráter mais elitizado, enfatiza o condicionamento físico e a defesa pessoal; e a Academia O apresenta uma abordagem genérica, com menor valorização da filosofia tradicional.

Apesar das diferenças entre os espaços analisados, identificou-se que os praticantes associam o Muay Thai a valores como disciplina, respeito, autocontrole e pertencimento, o que reforça o caráter formativo da modalidade para além dos objetivos físicos, estéticos ou esportivos. Ao mesmo tempo, emergem tensões entre a preservação dos rituais e tradições da arte marcial – como contagem em tailandês, sistemas de graduação e ênfase na ética – e o processo contemporâneo de esportivização, marcadamente influenciado pelo MMA e culto ao corpo. Tais tensões expressam dinâmicas de mercadorização que, por vezes, diluem elementos culturais e simbólicos da modalidade em favor de demandas estéticas e de desempenho.

Outro achado relevante se refere à forte aceitação social do Muay Thai em Catalão (GO), marcada por ausência de relatos de preconceito e pelo apoio familiar, fatores que reforçam a noção de pertencimento entre os praticantes. Ainda assim, persiste a resistência vinculada ao imaginário da violência, especialmente no que se refere à inserção da modalidade no currículo da Educação Física escolar. Entre as contribuições desta pesquisa, destaca-se o mapeamento das práticas de Muay Thai no contexto local, ao argumentar que a mídia e o MMA impulsionam a adesão, ao mesmo tempo em que reconfiguram sentidos, práticas e expectativas.

Conclui-se que o Muay Thai em Catalão (GO) se manifesta como prática corporal dinâmica e situada, atravessada por múltiplos sentidos, disputas e apropriações. Sua presença nos espaços não formais demonstra potencial formativo, social e cultural significativo, capaz de promover desenvolvimento físico, disciplinar e identitário para reafirmar as lutas como importantes expressões da cultura corporal contemporânea.

## REFERÊNCIAS

- ESCUADERO, Nyna Taylor Gomes; OLIVEIRA JUNIOR, Jorge Luiz de. A educação física cultural na escola: tematizando os diferentes discursos do Muay Thai. **Instrumento: Revista de Estudos e Pesquisas em Educação**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 263-270, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18970>. Acesso em: 13 nov. 2025.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Rio de Janeiro: Atlas, 2008.
- MORTATTI, Arnaldo Luís; CARDOSO, Anderson; PUGGINA, Enrico Fuini; COSTA, Rafael da Silva. Efeitos da simulação de combates de muay thai na composição corporal e em indicadores gerais de manifestação de força. **Conexões**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 218-234, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637639>. Acesso em: 5 dez. 2025. DOI: [10.20396/conex.v11i1.8637639](https://doi.org/10.20396/conex.v11i1.8637639)
- MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes; VARGAS, Pauline Iglesias; CAPRARO, André Mendes. A disseminação do Muay Thai no Brasil: narrativas e memórias dos mestres pioneiros. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 69-88, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1187>. Acesso em: 6 dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v24i2.1187>

## DA TRADIÇÃO À INOVAÇÃO: COMO AS PESQUISAS TRATAM AS TECNOLOGIAS QUE VEM TRANSFORMANDO O TAEKWONDO

Michele Christine Borges <sup>34</sup>

### INTRODUÇÃO

Na intenção de compreender como estão as pesquisas no campo das Artes Marciais, mais especificamente com o esporte de combate e arte marcial, o Taekwondo, e o uso de novas tecnologias, seja ele para o esporte ou para o ensino em academias, pois ao longo da sua história, ele se desenvolve, tanto tecnicamente e até mesmo no desenvolvimento dos materiais de treino e competição.

A Motivação para este campo de estudo surge da minha longa experiência no esporte e arte marcial chamada e conhecida como Taekwondo. Praticante dessa modalidade desde a infância, especificamente desde os 10 anos de idade, seus saberes se tornam orgânicos ao meu cotidiano. Inicialmente, meu contato com o Taekwondo era como um hobby, mas, com o tempo, passei a vivenciar diferentes papéis dentro da prática. Primeiro, como atleta de Kyrougui (luta), e, posteriormente, ao alcançar a faixa preta 1º Dan, assumindo o papel de professora, ou, na terminologia do Taekwondo, Kion Sam Nim.

A partir do momento em que tornei Kion Sam Nim, os estudos, a prática e as participações em eventos relacionados à modalidade se intensificaram, aprofundando ainda mais meu conhecimento e envolvimento. O Taekwondo deixou de ser apenas uma prática esporádica e passou a ocupar um espaço central e constante no meu dia a dia.

Atualmente, atuo como professora, técnica e atleta na Associação Catalana de Taekwondo (ACTKD), em Catalão-GO, com a graduação faixa preta 3º Dan. Realizo aulas para crianças, adolescentes e adultos, desde a base, e com alguns alunos/atletas que estão começando nas competições de Kyrougui (luta) e Poomsae (forma).

---

<sup>34</sup> Graduada em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG/RC); graduada em Bacharel em Educação Física pela UNINTER; Especialista em Processos e Produtos Criativos pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG/RC). E-mail:micheleborges.ef@gmail.com

Embora não esteja mais competindo em Kyrougui, desafiei-me a participar de competições de Poomsae, assumindo também o papel de atleta nesta modalidade.

Essa trajetória pessoal despertou meu interesse em explorar como as novas tecnologias estão impactando o desenvolvimento de vestimentas, equipamentos de treino e proteção no Taekwondo, tanto nas competições quanto nas aulas. Ao longo dos anos, percebi as transformações pelas quais o esporte e a arte marcial têm passado, o que gera reflexões e inquietações sobre o futuro e as possibilidades oferecidas por essas inovações.

O Taekwondo é um produto da rica cultura coreana das artes marciais, desenvolvendo-se a partir das tradições e circunstâncias regionais ao longo do tempo até se transformar na prática que conhecemos hoje.

De acordo com os dados do site da Kukkiwon (kukkiwon,2021), essa prática cultural é constantemente recriada pelos membros de cada sociedade, sendo influenciada por seus temperamentos, tradições, contextos sociais e valores, e transmitida oralmente ou por meio de registros.

O nome Taekwondo que passou ser adotado na metade do século de 1950, significa a “arte de usar os pés e as mãos na luta”. Já em 1988, participou dos Jogos Olímpicos da Coreia do Sul, onde cerca de 2 mil atletas faixas pretas (crianças, adolescentes e adultos) fizeram uma apresentação durante a abertura oficial dos Jogos. Contudo, ele passa a fazer parte do programa olímpico somente no Jogos Olímpicos de Sidney, na Austrália, em 2000.

Segundo o NUNES e OLIVEIRA (2021), o Taekwondo chegou no Brasil em 1970, primeiramente em São Paulo, e o percurso foi o mestre Sang Min Chon e conseqüentemente abriu a primeira academia de Taekwondo, chamada academia liberdade.

A partir disso então, vemos que o Taekwondo até os dias atuais vem se desenvolvendo, ainda compondo o programa de Jogos Olímpicos, ele tem utilizado de tecnologias nas competições, tanto de Kyrougui e Poomsae.

Assim como é colocado no Currículo da Federação de Taekwondo Olímpico do Distrito Federal – FTO/DF (2010), ao tratar do desenvolvimento do Taekwondo e sua esportivização:

Ao analisar outros esportes podemos ver que com o passar do tempo devido as necessidades que o próprio esporte impõe, as necessidades dos praticantes, as facilidades e avanços tecnológicos, a preocupação com a integridade física do praticante entre muitos outros fatores obriga o desenvolvimento de novos produtos. Assim como a bola de futebol, acessórios para natação, calçados

especiais, vestimentas especiais, o Taekwondo também teve seus equipamentos e acessórios envolvidos neste processo evolutivo, que não termina por aqui, a cada dia são realizados estudos e testes para cada vez mais aprimorar os equipamentos ajudando no desempenho do praticante de Taekwondo e de outras artes. (Currículo da Federação de Taekwondo Olímpico do Distrito Federal – FTO/DF (2010)

O Currículo apresenta os equipamentos necessários do Taekwondo desde a década de 40 até final da década de 90, nesse processo as vestimentas, chamadas Doboks, os equipamentos de treino e os equipamentos de proteção (canela, antebraço, proteção de pé, luva, proteção genital, capacete e protetor de tronco) foram sofrendo mudanças de acordo com as necessidades percebidas pelos praticantes.

Desde o final da década de 1990 até os dias atuais, em 2025, o Taekwondo tem passado por transformações significativas em suas vestimentas, equipamentos de treino e equipamentos de proteção para combate. Essas mudanças são fortemente influenciadas pelos avanços tecnológicos, que buscam não apenas melhorar o desempenho dos praticantes, mas também garantir sua integridade física, um aspecto central para o desenvolvimento.

Podemos perceber como arte marcial e esporte de combate, o Taekwondo está em constante evolução, impulsionado tanto pela preocupação com a segurança dos atletas quanto por fatores como regulamentações e inovações técnicas. Nesse contexto, este estudo busca compreender, como as pesquisas realizadas nos últimos quatro anos estão abordando o uso das novas tecnologias no desenvolvimento e aprimoramento do Taekwondo em suas vestimentas, equipamentos de treino e equipamentos de proteção de combate, pensando nas competições e no trato nas aulas em academias de ensino do esporte?

Embora existam diversos estudos sobre o Taekwondo, abordando aspectos históricos, filosóficos e pedagógicos, a modalidade segue em constante desenvolvimento, especialmente por integrar o programa dos Jogos Olímpicos. Atualmente, o Taekwondo possui duas modalidades de competição: o Kyrougui (luta), que é esporte olímpico, e o Poomsae (formas).

Ao longo de sua história, o esporte tem buscado aprimoramentos técnicos, táticos e tecnológicos. Esse processo exige adaptações constantes às mudanças nas regras e às inovações tecnológicas incorporadas às competições, que impactam as vestimentas (doboks), os equipamentos de treino e os de proteção.

Portanto, o objetivo deste estudo é analisar e investigar as pesquisas acadêmicas no trato e abordagem com a temática referente as inovações e as novas tecnologias

aplicadas no desenvolvimento e aprimoramento de vestimentas, equipamentos de treino e equipamentos de proteção no Taekwondo nos últimos quatro anos. Busca-se compreender de que maneira essas inovações têm impactado tanto nas competições, no ensino da modalidade nas academias, e se vem contribuindo para o avanço técnico, pedagógico e a segurança dos praticantes.

E como objetivos específicos: Investigar, Identificar e registrar artigos acadêmicos que abordem a evolução das tecnologias utilizadas no Taekwondo, identificando as inovações que contribuem para a performance e segurança dos atletas;

Examinar as melhorias e inovações nos equipamentos de treino, buscando compreender os impactos no desempenho dos praticantes e a eficácia dos treinos.

Comparar os estudos e pesquisas realizados nos últimos 4 anos sobre o impacto dessas inovações tecnológicas no Taekwondo, visando compreender as tendências e o futuro do esporte nessa área.

## **1. Metodologia**

Trata -se de uma pesquisa de natureza Pura e Exploratória, que busca conhecimento teórico de cunho Bibliográfico. Utilizamos métodos qualitativos de revisão bibliográfica para ganharmos entendimento maior sobre o caso e investigar as novas tendências, ou seja, os novos campos de pesquisa sobre o tema aqui proposto.

Fizemos um estudo organizado sistematicamente com base em materiais publicados.

Realizamos uma revisão Bibliográfica em algumas revistas conceituadas da Educação Física, consistindo na Revista Movimento, Os Anais da revista do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte (CBCE) e o Google Acadêmico.

Fundamentados em Gil (2002) que estabelece sobre a pesquisa exploratória por se tratar de uma possibilidade de familiarizar-se com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. “Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.”

Ainda segundo o mesmo Autor que em seu livro, tem o propósito de auxiliar estudantes e pesquisadores na elaboração de projetos de pesquisa ele explica o que é pesquisa Bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002, pág 44).

Articularmos nossa pesquisa ao formato apresentado por MARCONI e LAKATOS (2003). A pesquisa bibliográfica compreende oito fases distintas:

a) escolha do tema; b) elaboração do plano de trabalho; c) identificação; d) localização; e) compilação; f) fichamento; g) análise e interpretação; h) redação

### **3. Revisão bibliográfica**

Realizamos uma revisão Bibliográfica em algumas revistas conceituadas da Educação Física, consistindo na Revista Movimento, Os Anais da revista do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte (CBCE) e o Google Acadêmico.

Para tanto determinamos algumas palavras chaves a serem utilizadas em ambos os locais determinados, as palavras chaves são: Taekwondo, Tecnologia e Artes Marciais. Em seguida focamos nos últimos 4 anos de publicações e pesquisa.

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) é uma entidade científica que congrega pesquisadores/as ligados/as à área de Educação Física/Ciências do Esporte. Ainda segundo o site da CBCE, “o seu evento científico nacional, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), realizado a cada dois anos, está entre os principais do país”. Portanto, por se tratar de um evento que ocorre a cada dois anos, nos limitados aos Anais dos eventos de 2023 e 2021.

Nos anais do CONBRACE DE 2023 e 2021, limitados nossa pesquisa nos Grupos de Trabalho Temático (GTT) a temáticas seguintes de atividade física e saúde; formação profissional e mundo do trabalho; memórias da educação física e esporte, treinamento esportivo, utilizando as palavras determinadas: Taekwondo, Tecnologia e Artes Marciais.

Dos resultados, a partir das determinações estabelecidas foi que nos Anais de 2021, tivemos zeros artigos encontrados e já no ano de 2023, tivemos três Artigos encontrados, que veremos a seguir.

O Artigo “Ações Técnico-Táticas no Taekwondo Feminino: comparação entre vencedoras e perdedoras” (OLIVEIRA et al., 2023) analisa as ações técnico-táticas de atletas femininas de Taekwondo, com foco na comparação entre as vencedoras e

perdedoras durante o Grand Prix Final de 2014. O objetivo é fornecer informações que ajudem treinadores a desenvolverem estratégias de treinamento baseadas em dados específicos do desempenho das atletas. A pesquisa utilizou vídeos de combates e foi conduzida por uma especialista em Taekwondo, analisando variáveis como tipos de técnicas de ataque e defesa, frequência de golpes e penalidades. Os resultados sugerem diferenças significativas nas ações táticas entre vencedoras e perdedoras, destacando a importância de uma análise técnica detalhada para melhorar a performance no esporte. Os dados obtidos são relevantes para o planejamento e prescrição de treinamentos especializados para atletas de nível internacional.

Já outro artigo encontrado, faz uso de apropriações das tecnologias em saúde, intitulada de: “Educação Física e Tecnologias em Saúde na atenção básica à saúde” (SILVA et al.,2023) investiga a atuação dos Profissionais de Educação Física (PEF) no Núcleo de Atenção à Saúde da Família (NASF) em Vitória/ES, com foco nos saberes e tecnologias utilizadas em atendimentos à saúde.

Analisando encontros entre PEF e usuários, destaca-se a importância estratégica desse trabalho na Atenção Básica à Saúde, que se realiza em equipe multiprofissional. A pesquisa, realizada entre fevereiro e dezembro de 2019, utilizou métodos qualitativos como observação participante, diário de campo, e entrevistas. Participaram PEF que atuam no NASF e estão inseridos na Estratégia de Saúde da Família, garantindo uma análise aprofundada da dinâmica de trabalho. Os atendimentos, que ocorrem em diversos espaços, são principalmente individuais e coletivos, envolvendo práticas de Educação Física em articulação com políticas públicas de saúde. O estudo também apresenta uma categoria de análise denominada "Produção tecnológica do trabalho em saúde", refletindo como os PEF implementam suas atividades no cotidiano.

As tecnologias utilizadas pelos PEF do NASF são divididas em:

Tecnologias duras: Objetos como smartphones (para listas de música), microfones, caixas de som, balanças, computadores, fitas métricas, materiais didáticos (esportivos e de exercício físico), e instrumentos para auriculoterapia e fitoterapia.

Conhecimentos estruturados: Metodologia das aulas de Práticas Corporais e Atividade Física (PCAF), ginástica de condicionamento físico, avaliação física com protocolos e parâmetros métricos, informações sobre inatividade física, comportamento sedentário e alimentação saudável. Abordagens comportamentalistas na avaliação clínica para o Grupo de Apoio Terapêutico ao Tabagista (GATT) também são mencionadas.

Tecnologias leve: Escuta, diálogo e vínculo do PEF com o usuário, que são instrumentos do trabalho vivo no processo de trabalho

Em contrapartida, outro estudo intitulado de “Lesões musculoesqueléticas em praticantes de Taekwondo” (SOARES et al., 2023) investigou a prevalência de lesões musculoesqueléticas entre praticantes e professores de taekwondo no Maranhão, com ênfase nos tipos de lesões, regiões afetadas e consequências físicas e psicológicas. Realizado com 63 participantes (55,6% masculino), a pesquisa revelou que 79,4% relataram ter sofrido lesões, destacando contusões (64%) e entorses (32%), principalmente nos joelhos (40%) e coxas (40%). Lesões ocorreram predominantemente em treinos para competição (58%). A maioria (56%) necessitou de menos de 30 dias para recuperação. Consequências físicas incluíram aumento da fadiga (36%) e diminuição da mobilidade articular, enquanto as psicológicas envolveram medo de reincidência (60%). Os pesquisadores ressaltaram a necessidade de intervenções preventivas para promover práticas mais saudáveis entre praticantes.

O estudo sobre lesões musculoesqueléticas em praticantes de Taekwondo no Maranhão não aborda diretamente tecnologias aplicadas ao Taekwondo. No entanto, a pesquisa ressalta a importância de novas investigações e intervenções que visem a prevenção de lesões. Dessa forma, pode-se relacionar o estudo com tecnologias da seguinte maneira:

**Prevenção de Lesões:** Tecnologias como sensores vestíveis (wearables) podem ser utilizadas para monitorar a biomecânica dos movimentos dos atletas durante os treinos, identificando padrões que possam levar a lesões. Esses dados podem ser usados para personalizar programas de treinamento e reduzir o risco de lesões.

**Análise de Desempenho:** Softwares de análise de vídeo e sensores de movimento podem ser empregados para avaliar a técnica dos atletas, identificando pontos fracos e áreas de melhoria. Isso pode ajudar a otimizar o treinamento e reduzir o estresse sobre determinadas articulações e músculos, diminuindo o risco de lesões.

**Reabilitação:** Tecnologias como a realidade virtual e a biofeedback podem ser utilizadas na reabilitação de atletas lesionados, auxiliando na recuperação da força, flexibilidade e coordenação.

Embora o estudo em si não trate de tecnologias, seus resultados destacam a necessidade de intervenções preventivas, o que abre espaço para a aplicação de diversas tecnologias com o objetivo de promover uma prática mais segura e eficiente do Taekwondo.

Percebemos que os artigos encontrados na revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), não tratam das tecnologias envolvendo o Taekwondo, no entanto constatamos o quanto as tecnologias estão envolvidas nas pesquisas e nas intervenções práticas de aulas com as outras modalidades, como recursos auxiliares.

Destacamos que o artigo “Ações Técnico-Táticas no Taekwondo Feminino: comparação entre vencedoras e perdedoras”, as tecnologias utilizadas aqui foram vídeos com recurso para o aprimoramento técnico e tático.

Já o artigo “Educação Física e Tecnologias em Saúde na atenção básica à saúde” que trata de uma pesquisa sobre o atendimento de Professores de Educação Física (PEF), no Núcleo de Atenção à Saúde da Família, o trato aqui, foi com às chamadas por eles de tecnologias duras, que são os objetos (materiais) que permitem o PEF manusear, como smartphones (lista de música), microfone, caixa de som, balança, computador, fita métrica, materiais didáticos (esportivos e de exercício físico), bem como os instrumentos utilizados nos atendimentos de auriculoterapia e fitoterapia. Ou seja, o foco aqui é compreender aqui esse trato com as tecnologias duras e leves.

Dando sequência à análises, a revista *Movimento* conforme informações disponibilizadas em seu site oficial (ser.ufrgs), é uma publicação de acesso aberto vinculada a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, seu foco editorial está voltado à divulgação, a produção científica nacional e internacional, sobre temas relacionados à Educação Física, no que tange aos seus aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais.

A partir da busca realizada no acervo da revista *Movimento*, identificou-se somente um (1) artigo contendo a palavra “Taekwondo”. Com a Palavra “Tecnologia” foi encontrada trinta e dois (32) artigos, no entanto esses artigos encontrados, não se relacionava com Taekwondo, portanto descartamos a possibilidade de análise. Com a palavra “Artes Marciais” foi encontrado quatorze (14) artigos, porém nenhum deles tratava especificamente do Taekwondo, mesmo quando mencionavam o uso de tecnologia. Diante disso, esses também foram desconsiderados.

Sendo assim, o único artigo encontrado que atendeu aos critérios da busca foi o intitulado “Uma Atualização da Lógica Interna de Competição do Combate no Taekwondo” ou “An Update on Sparring Taekwondo’s Internal Logic”, o texto está originalmente em inglês, sendo disponibilizado em português apenas o seu resumo, o que limita parcialmente a análise para leitores que não dominam o idioma. Ainda assim, o conteúdo do resumo permite compreender a proposta central do estudo, que aborda

atualizações no entendimento da lógica interna das competições de combate no Taekwondo.

Segundo Menescardi et al (2020) em seu resumo o objetivo da pesquisa é “abordar a lógica interna do taekwondo competição regulamentada pela Federação Mundial do Taekwondo para explicar a ação motora na competição” aprofundar os estudos e pesquisas internas do funcionamento da modalidade, compreendendo melhor suas regulamentações, espaço, tempo, comunicação motora, papéis e subfunções. Nessa perspectiva é montar e ampliar os conhecimentos necessários, suas particularidades, para assim seguir com pesquisas mais aprofundadas que contribuam nos conhecimentos com o Taekwondo.

Dando sequência a nossa pesquisa de acervos, nossa última fonte de análise foi o Google Acadêmico, também conhecido como Google Scholar, um mecanismo de busca do Google voltado exclusivamente para a literatura acadêmica. Essa ferramenta permite o acesso a uma ampla variedade de artigos científicos, dissertações, publicações nacionais e internacionais, além de livros e resumos de diversas áreas do conhecimento. Por meio dela, identificamos alguns artigos publicados nos últimos quatro anos.

Sendo assim, encontramos o artigo intitulado “Atletas Taekwondistas: uma reflexão acerca da gestão e tecnologias da informação” (SABINO, JUNIOR; 2017) que discute a gestão do treinamento de atletas taekwondistas infantis da equipe Bang Minas, em Diamantina, Minas Gerais, na qual enfatiza a aplicação de teorias de gestão e tecnologias da informação (TICs) para melhorar as decisões dos gestores. Apresenta um estudo de caso sobre a equipe, seus desafios e potencialidades, e sugere que a eficácia da gestão é essencial para o desenvolvimento técnico dos atletas, que variam em idade e interesses. Destaca a complexidade da gestão que envolve conhecimento sobre esportes, gestão de pessoas e operações, além da necessidade de capacitação administrativa. A avaliação continuada do desempenho é crucial para que os atletas atinjam seus objetivos, com a gestão esportiva sendo fundamental para a promoção de habilidades técnicas e comportamentais.

A gestão e as tecnologias da informação (TICs) têm um impacto significativo no treinamento de atletas infantis de Taekwondo, como demonstrado no estudo da equipe Bang Minas. A gestão eficaz do desenvolvimento das habilidades técnicas, conceituais e comportamentais é crucial, especialmente para atletas infantis, devido à sua diversidade de idades e à falta de subsídios didático-metodológicos específicos para essa faixa etária.

As TICs, como ferramentas tecnológicas e equipamentos de ponta, auxiliam treinadores e atletas na obtenção, integração e análise de informações e recursos necessários para a tomada de decisões do gestor esportivo. Essas tecnologias revelam dados específicos que são utilizados em avaliações de atletas para aperfeiçoar o treinamento e melhorar a metodologia em geral. Elas evidenciam o desempenho técnico, físico ou tático, indicando a relevância de um determinado tipo de treinamento e se este está retornando um resultado satisfatório.

Além disso, as TICs podem auxiliar no acompanhamento em tempo real do atleta, através de ferramentas como o PLUX Real-Time Sports Evaluation, que permite a avaliação da performance baseando-se em batimentos cardíacos e/ou no dispêndio energético. Softwares também podem ser utilizados para analisar a incidência de lesões e desvios de posturas, como o software SAPO, permitindo uma gestão de treinamento mais eficiente e segura.

A implementação de um sistema de gestão de treinamentos, adaptado às especificidades da equipe infantil, pode ajudar no processo de melhoria da gestão, registrando avaliações físicas, mudanças de faixas e participações em campeonatos, gerando relatórios com um histórico bem definido do perfil de cada aluno. Esse sistema de informação adequado pode auxiliar o técnico no planejamento dos treinos e no acompanhamento individual de cada atleta, apoiando-o nas tomadas de decisões e auxiliando-o na preparação de seus treinamentos.

Outro estudo que encontramos e que chamou a atenção foi o artigo “Além da Arte Marcial: Protótipo Eletrônico para Monitorar Golpes da Prática Esportiva do Taekwondo Combinado a Tecnologia Móvel Android para Demonstração de Resultados” (PERUCHI, FERREIRA; 2020) os pesquisadores apresentam um protótipo de sistema baseado em acelerômetros e dispositivos móveis para monitorar o desempenho de golpes de atletas de Taekwondo, visando preencher a lacuna de tecnologias acessíveis no esporte. Quatro atletas (três experientes e um iniciante) foram avaliados, resultando em medições de  $219.88 \pm 19.95 \text{ m/s}^2$  de impacto,  $186.70 \pm 9.13 \text{ m/s}^2$  de aceleração e  $17.16 \pm 0.55 \text{ m/s}$  de velocidade. A pesquisa destaca a importância de mensurações objetivas para o aprimoramento do desempenho e as limitações das tecnologias existentes, geralmente caras e voltadas para árbitros, não para a análise do atleta. O estudo busca desenvolver um sistema acessível, eficiente e prático para o treinamento de Taekwondo, promovendo um feedback efetivo durante as práticas.

O sistema proposto fornece aos treinadores e atletas parâmetros mensuráveis que podem ser comparados, analisados e complementados com avaliações baseadas em suas experiências, auxiliando na melhoria do desempenho dos golpes do lutador.

Já no site do Mestre Coelho de taekwondo, ele publicou um artigo em 2021, com o título “Inovações no Design do Uniforme (dobok) para o Taekwondo em competições Internacionais”.

O Mestre Coelho diz em seu artigo:

No Taekwondo, o uso do uniforme na cor branca simboliza a pureza do espírito marcial e a harmonia baseada na tríade: céu, homem e terra. (...) O modelo atual, adotado como padrão pelo *Kukkiwon* é o uniforme com a gola no formato em (v), e foi apresentado pela Federação Mundial de Taekwondo, na época WTF, no congresso técnico do 3º *Campeonato Mundial* que aconteceu em Chicago, em setembro de 1977. (COELHO, 2021)

Portanto o Mestre Coelho, busca em seu site, situar em meados dos anos 2021, as mudanças históricas que as vestimentas de Taekwondo perpassou, ele utiliza-se de fotos e referências da *Kukkiwon* e da história da Coreia do sul, para poder explicar e exemplificar as mudanças ao longo da história do esporte.

Segundo ele, que faz menção a trajetória das mudanças da vestimenta do Taekwondo, que até então o uniforme era muito parecido com o de Karatê (quimono), passa a ter uma gola diferenciado, proporcionando uma personalidade própria do Taekwondo. Traz também como argumento que segundo SANTOS (2021) “remete a vestimenta tradicional coreana chamada de Hanbok e então, por este motivo a gola segue este padrão”.

Contextualizando a trajetória do uniforme que com base em SANTOS (2021) “em novembro de 2018, o *kukkiwon* apresentou os novos modelos de uniformes para serem utilizados em competições, o que sem dúvidas gerou muitos “memes” criativos nas redes sociais, e discordâncias por parte dos mestres e professores mais conservadores.” Modelo este utilizado para as competições de Kyrogui, foi criado para auxiliar na funcionalidade da movimentação, no conforto, mobilidade e desempenho do atleta.

Durante o período da publicação do seu artigo no site, Mestre Coelho permanecia sem repostas sobre adoção dos novos modelos dos uniformes. No entanto, sabemos que foi aprovado e está sendo utilizado nas competições de Kyrougui atualmente.

Complementando essa discussão de Santos (2021), Browne (2023) oferece uma análise mais aprofundada sobre as inovações no design dobok, entrando seu artigo – disponível apenas em formato de resumo no site tandfonline.com - limita-se a apresentar

brevemente as intenções da pesquisa, sem detalhamento metodológico ou aprofundamento teórico. Ainda assim, é possível identificar pontos de convergência e contraste com o trabalho anterior, no que referente a questões históricas e as motivações.

os três principais fatores da mudança no uniforme de competição de poomsae, aprovado pela WTF, são: melhorar o desempenho dos competidores e aumentar a eficiência, preservando a tradicionalidade e a legitimidade do taekwondo. Os uniformes de competição aprovados pela WTF foram alterados considerando a tradicionalidade, a legitimidade, a identidade e a eficiência, e tais esforços continuarão no futuro. (BROWNE, 2023).

Ou seja, Browne (2023), buscou compreender o estabelecimento dos novos uniformes de Taekwondo (tanto para Kyrougui e para Poomsae) e apresentar os fatores que contribuíram para essas mudanças sendo a melhoria de desempenho, aumento das eficiências, preservação da tradicionalidade e a legitimidade do Taekwondo, sabendo que tais alterações e atualizações seguiram no futuro.

#### **4. Considerações finais**

A análise realizada ao longo deste estudo, nas revistas conceituada da Educação Físicas, permitiu perceber que revistas conceituadas como a revista movimento, os anais da revista do colégio brasileiro de ciência do Esporte, não tem pesquisas que tratam especificamente sobre a evolução, transformação e as adaptações que o Taekwondo vem sofrendo ao longo do tempo, no que se refere a suas vestimentas, equipamento de treino e proteção, e especialmente no contexto das novas tecnologias aplicadas ao esporte.

O que conseguimos perceber, é que sites que tratam especificamente do Taekwondo, fazem referência as atualizações que o esporte sofreu e vem sofrendo ao longo do tempo.

Como demonstrado, o Taekwondo tem passado por transformações significativas, influenciadas por regulamentações esportivas, avanços científicos e a busca por maior segurança e desempenho dos atletas.

A pesquisa bibliográfica revelou que, embora o Taekwondo esteja consolidado como esporte olímpico e apresente uma crescente profissionalização, ainda há um número reduzido de estudos nacionais que investigam especificamente o impacto das novas tecnologias na modalidade. Os poucos artigos encontrados ressaltam a importância das inovações tecnológicas tanto para a performance quanto para a proteção dos atletas, evidenciando a necessidade de mais investigações acadêmicas sobre o tema.

Além disso, os estudos revisados destacaram que a incorporação de tecnologias no Taekwondo tem se manifestado em diferentes aspectos, desde a análise de desempenho técnico-tático até o desenvolvimento de equipamentos que garantem maior segurança aos praticantes. A implementação de sensores vestíveis, softwares de análise biomecânica e novas técnicas de reabilitação são exemplos de como a tecnologia tem potencial para impactar diretamente a modalidade.

Entretanto, esses avanços também revelam contradições e desafios. Como arte marcial, o Taekwondo preserva valores e rituais tradicionais que, por vezes, entram em tensão com tecnologias que priorizam métricas, automatização e performance. Além disso, o acesso desigual a equipamentos inteligentes e sistemas de análise — geralmente restritos a atletas e academias com maior investimento — pode tornar a prática competitiva mais onerosa e ampliar desigualdades. Assim, embora a tecnologia ofereça importantes benefícios, ela também exige reflexões sobre acessibilidade, preservação da tradição e justiça esportiva.

Nesse sentido, reconhecer tanto os benefícios quanto os limites das inovações é fundamental para orientar decisões mais equilibradas dentro da modalidade. Portanto, este estudo contribui para a reflexão sobre a importância da inovação tecnológica no Taekwondo e reforça a necessidade de mais pesquisas que aprofundem a compreensão sobre esses avanços, considerando suas potencialidades, contradições e impactos sociais. O desenvolvimento contínuo da modalidade depende da aplicação de tecnologias que ampliem eficiência e segurança, sem perder de vista a equidade e a essência tradicional que caracterizam essa arte marcial.

Dessa forma, espera-se que futuras investigações possam expandir esse campo de estudo, explorando novas possibilidades e propondo soluções que aprimorem o Taekwondo tanto no contexto competitivo quanto no ensino em academias, fortalecendo-o como arte marcial e esporte de alto rendimento.

## Referências

BROWNE, Tamara. Reimagining the Olympic Games: The 1988 Seoul Olympics and the Cultural Politics of South Korea. **The International Journal of the History of Sport**, v. 40, n. 13-14, p. 1187–1206, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09523367.2023.2264776>. Acesso em: 29 maio 2025.

COOK, Doug. **Taekwondo Tradicional: técnicas essenciais, história e filosofia.** Doug Cook; tradução Marcos Malvezzi. – São Paulo: Madras, 2011.

FGTKD - Federação Goiana de Taekwondo. **Apostila de Taekwondo.** Goiânia, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FTO/DF - Federação de Taekwondo Olímpico do Distrito Federal. **Currículo da Federação de Taekwondo Olímpico do Distrito Federal - Do 10º Gub ao 5º Dan.** Distrito Federal, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. – São Paulo: Altas, 2002.

KUKKIWON. Kukkiwon.or.kr. **História do Taekwondo.** Disponível em <https://www.kukkiwon.or.kr/base/contents/view?contentsNo=50&menuLevel=2&menuNo=63> acesso em: 30 ago. 2024.

MARCONI, M. de A.; LAKATO, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. – São Paulo : Atlas 2003.

Menescardi, C.; Sanchis, L. R.; Estevan, I.; Falco, C. **Uma Atualização da Lógica Interna de Competição do Combate no Taekwondo.** Movimento, [S. l.], v. 26, p. e26038, 2020. DOI: 10.22456/1982-8918.99605. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/99605>. Acesso em: 15 maio. 2025.

NUNES, R. J. S; OLIVEIRA, S. R. de L. **O ensino das manifestações de luta: utilizando o jogo como estratégia pedagógica.** editora Inter saberes. 2021

OLIVEIRA, et al; 2023. **Ações Técnicas-táticas no Taekwondo Feminino: Comparação entre vencedoras e perdedoras.** Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do esporte e do X Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Fortaleza, 2023

PERUCHI; G. S; FERREIA, M. L. **Além da Arte Marcial: Protótipo Eletrônico para Monitorar Golpes da Prática Esportiva do Taekwondo Combinado a Tecnologia Móvel Android para Demonstração de Resultados.** Curso de Ciência da Computação – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) - Criciúma – SC – Brasil, 2020.

SABINO, G. de F. T; JUNIOR, N. S. **Atletas taekwondistas: uma reflexão acerca da gestão e tecnologias da informação.** Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas V.2, Nº2, p.15-28, maio/Jul.2017. Artigo recebido em 22/06/2017. Última versão recebida em 01/08/2017. Aprovado em 05/08/2017.

SANTOS, Alexandre Coelho dos. **Inovações no design do uniforme (dobok) para Taekwondo em competições internacionais.** 27 ago. 2021. Disponível em: <https://mestrecoelho.com.br/artigos/inovacoes-no-design-do-uniforme-dobok-para-taekwondo-em-competicoes-internacionais/>. Acesso em: 29 maio 2025.

SILVA, et al; 2023. **Educação física e tecnologias em saúde na atenção Básica à saúde.** Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do esporte e do X Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Fortaleza, 2023

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

SOARES, et al; 2023. **Lesões musculoesqueléticas em praticantes de Taekwondo**. Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do esporte e do X Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Fortaleza, 2023

## DE ARTE MARCIAL PARA ESPORTE MARCIAL

Edilson Clemente Jesus<sup>35</sup>  
Maristela Vicente de Paula

### INTRODUÇÃO

Partindo de algumas reflexões em torno das lutas como elementos da cultura corporal historicamente constituídos, surgiram algumas questões que motivaram a escrita desse breve estudo, tais como: qual o sentido de praticar uma luta corporal na contemporaneidade? Qual impacto exercem as produções cinematográficas e as transmissões televisivas dos eventos de lutas sobre os telespectadores? Qual o lugar ocupado pelas lutas na formação cultural brasileira?

Contudo, uma questão parece anteceder a estas, então, foi definida, como direcionadora desse ensaio, a seguinte pergunta: quais os principais aspectos que demarcam a transformação das artes marciais e o surgimento do esporte marcial?

Para responder essa questão, foi definido o seguinte objetivo geral: identificar os aspectos que demarcam a transformação histórica e cultural das artes marciais e o surgimento do esporte marcial. Como objetivos específicos: contextualizar historicamente as artes marciais apresentando as características que as definem como tal; analisar o esporte moderno na constituição da esportivização das lutas.

A metodologia empregada para a realização do estudo foi a revisão narrativa de literatura que, segundo Rother (2007), se caracteriza por uma exposição e discussão do assunto definido sem se restringir à delimitação de critérios sistemáticos de busca dos dados, assim, permite a liberdade de buscar indiscriminadamente produções que sejam significativas para o estudo, nesse caso, o processo de passagem das artes marciais para o esporte marcial.

Os textos que colaboraram com o estudo tratam sobre a história das artes marciais procurando entender o seu universo conceitual e de significados como Ferreira; Nunes e Júnior (2010). No que se refere à expansão das artes marciais, o trabalho de Marta (2010) foi de grande relevância. E, também, as obras de Ferreira, (2008) que discute o “processo civilizador” de Norbert Elias, para pensar as artes marciais, o esporte marcial e as ideologias de controle da violência. Também colaboram com essa pesquisa Turelli

---

<sup>35</sup> Graduado em Educação Física. Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão (atualmente Universidade Federal de Catalão. Email: [dill\\_night@hotmail.com](mailto:dill_night@hotmail.com).

(2008), Correia e Franchini (2010), que tratam das terminologias que envolvem as práticas marciais e suas implicações. E, no que se refere ao esporte moderno e ao processo de esportivização das lutas, o estudo foi apoiado em Alves (2007), Bracht (2005), Tubino (1992) e Marques, Gutierrez e Almeida (2008).

O presente trabalho se apresenta dividido em dois momentos, sendo o primeiro um breve levantamento histórico das artes marciais e suas prováveis origens, estabelecendo o significado de lutar em detrimento da sobrevivência onde posteriormente este significado mudaria de acordo com a necessidade e demanda dos seres humanos em busca de certa civilidade. E, no segundo momento, trata do surgimento do esporte moderno e como o seu surgimento tornou-se ao mesmo tempo a possibilidade de sobrevivência das artes marciais com a criação do esporte marcial.

### **Da luta as artes marciais**

É possível afirmar que a origem das lutas se confunde com o desenvolvimento da humanidade. Desde a pré-história, há registros rupestres que indicam situações de combate corpo-a-corpo, demonstrando a necessidade da luta como fator de defesa que se constituíram em relações de poder. Assim, temos aqui, os primeiros traços de lutas, ainda com grande apelo a responder à primazia do instinto de sobrevivência.

Nas primeiras civilizações, as práticas primitivas de lutas foram aprimoradas em sistemas de combate com identidade própria, compondo o arcabouço das organizações militares de suporte de guerra.

As artes marciais se mostraram ao longo dos tempos como um eficaz instrumento de autodefesa e acredita-se que seus característicos movimentos tenham origem na necessidade básica e primitiva do ser humano em se defender. Durante centenas de anos, tais movimentos foram se adaptando e tomando forma, tornando-se estilos específicos de combate, muitos dos quais ainda transmitidos nos tempos atuais. (FERREIRA; NUNES E JÚNIOR, 2010, p.3).

Nesse sentido, pode-se afirmar que as lutas corporais têm sua origem anterior às artes marciais, deixando de ter um caráter apenas instintivo de sobrevivência, para avançar na criação de técnica, códigos que empregam valores e estabelecem principalmente significados para a conduta e a moral do praticante. Têm-se, então, os primeiros indícios que nos levam a dizer que as artes marciais têm um papel organizador e transformador das lutas dentro de uma sociedade considerada civilizada. Como percebemos na afirmativa de Turelli (2008):

Define artes marciais como um conjunto de ações que compreende técnicas de luta que requerem incansável treinamento para sua incorporação e, ao mesmo tempo, são também o caminho do guerreiro, composto por atitudes específicas, dentre as quais a mais elevada consiste em vencer a si mesmo. (s/p).

Como nos mostra Correia e Franchini (2010), o termo “arte marcial” faz referência a uma “metáfora da guerra”, na qual a dimensão ética e estética é destacada na palavra “arte”, de sua dimensão expressiva, inventiva, imaginária e criativa.

Segundo Norbert Elias (1994), ao cunhar o conceito de Processo Civilizador, as sociedades europeias, a partir da idade média, passaram gradualmente por um refinamento das condutas envolvendo os mais diversos setores da vida humana:

O conceito de "civilização" refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível de tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma "civilizada" ou "incivilizada" (p.23).

Em um tempo em que as habilidades de lutas adquiridas ao longo de existências inteiras dedicadas ao treinamento incorporado à vida do sujeito, tornaram-se insuficientes mediante o avanço da engenharia das armas e as demandas da sociedade produtivista nascente. Fica claro que, para as artes marciais não deixarem de existir, tiveram de ser modificadas na sua forma e sentido de ser, onde o “velho” tem de se renovar ou simplesmente ser sucumbido.

Nesse momento de transição entre a sociedade guerreira e a sociedade feudal, aos guerreiros que não se submetiam a essa nova formação social restava somente a pilhagem, o ataque armado e a rapina como fontes de renda, explicitando suas dificuldades em adaptar-se a uma nova estrutura social que surgia. Esse momento de transição caracterizava-se pela crescente circulação de moeda e pelo desenvolvimento da atividade comercial, fazendo com que as classes burguesas e a receita da autoridade central se expandissem, ao passo que a renda de toda a nobreza restante caísse vertiginosamente. Nessa situação, alguns “cavaleiros viram-se reduzidos à pobreza, outros tomavam pelo roubo e violência aquilo que não mais podiam obter por meios pacíficos” e o restante vendeu suas propriedades, livrando-se, momentaneamente, da miséria. (Brandão 2001, p.102)

As transformações sociais, econômicas e culturais cobraram um preço para que as artes marciais pudessem continuar existindo e não caírem no ostracismo; isso demandou a ressignificação das suas práticas, do seu funcionamento agora regulado por instituições e normas bem delimitadas.

Marta (2009) chamou de “controle da violência potencial” que, pelo processo civilizador, as artes marciais também se tornam civilizadas, controladas e seu papel toma outro rumo na história, arrebatadas como um grande universo cultural a ser explorado.

Trata-se de um contexto em que o papel de proteção passa a ser incumbência dos governantes, aplicando punições e desenvolvendo maneiras para o controle da violência dentro de uma sociedade e, sucessivamente, controlando também suas manifestações culturais conforme nos fala Sobrinho (2007):

O conteúdo da violência, entretanto, independente de sua origem (institucional ou estrutural), produz a necessidade do indivíduo em se proteger, é dizer, estas situações desembocam na constituição do medo e na indução de práticas, requerendo a efetividade dos sistemas de proteção estatal (Sobrinho, 2007, p.171, apud Ferreira; Nunes e Júnior, 2010, p.06).

O sistema de proteção, através de leis, tratados, preceitos religiosos e outros é uma maneira de conter, subjugar e controlar a vida em sociedade, em favor da promessa de segurança que antes só era garantida quando sob os cuidados de alguém ou de um grupo capaz de impor pela força física. Estabelecendo novos padrões de conduta desejados e com eles maior disponibilidade de mão de obra para os postos de trabalho e, por consequência, de consumo.

Por fim, o sistema de controle da violência atinge outro objetivo, qual seja a criminalização das condutas, possibilitando o controle e a exclusão dos excedentes, dos consumidores falhos, daqueles que não fazem diferença à produção econômica, isto porque, a partir do momento que estes estão excluídos do sistema econômico (social) estarão possivelmente incluídos no sistema de controle de violência global e poderão se tornar humanos úteis sob o ponto de vista do capital: podem gerar lucros e expandir o capital (Sobrinho, 2007, p.113, apud Ferreira; Nunes e Júnior, 2010, p.7).

Temos, então, uma apropriação do mercado que se estabelece transformando e modificando as manifestações culturais de forma a torná-las úteis ou descartáveis.

O mesmo processo atinge as artes marciais que, para garantir sua sobrevivência, saem do âmbito familiar fechado, passam por um processo de institucionalização e são submetidas a normas e regulamentos que passam a definir as condições de suas práticas e de sua existência, sofrendo um processo de higienização em nome da civilidade.

Neste ponto crucial, passamos a refletir sobre como se constitui o esporte moderno e sua relação com as artes marciais.

### **A constituição do esporte moderno e o processo de esportivização das lutas**

O esporte moderno é descrito como um fenômeno que nasce junto ao sistema econômico capitalista, esportivizando práticas ligadas às festividades como jogos populares e tornando competitivas algumas manifestações comuns à nobreza, conforme verificamos no trecho que segue:

O esporte moderno surge e assume sua característica competitiva em meados do século XVIII, no âmbito da cultura europeia, através de um processo de esportivização das atividades corporais das classes populares inglesas e da cultura da nobreza. Até o final desse século, somente a aristocracia praticava esportes, mas com a ascensão da burguesia o esporte se tornou uma atividade comum a outras camadas das classes sociais (Alves, 2007, p. 30).

A sistematização de regras bem delimitadas, regidas por instituições esportivas, passa a exercer controle das práticas esportivas e, conseqüentemente, passa a exercer forte influência sobre as massas trabalhistas.

Alves (2007) nos mostra também como algumas atividades foram reprimidas e perseguidas pelo poder vigente que julgou determinadas práticas corporais violentas e estabeleceu novas regras mais adequadas ao novo projeto de sociedade.

Segundo Alves (2007), foi na escola pública que os jogos adquiriram um fôlego para a sua permanência, pois, neste ambiente, eles não eram vistos como uma ameaça à propriedade e a ordem pública.

É neste momento que os jogos vão aos poucos assumindo a característica do esporte moderno ganhando características básicas como a competição e o rendimento físico e técnico por meio do treinamento e, sucessivamente, se desenvolvendo durante o processo de modernização ocorrido nos séculos XIX e XX. Bracht (2005) mostra como o fenômeno esportivo que se cria vai contribuir para que a cultura corporal de movimento se torne mais esportivizada e rentável ao sistema capitalista, onde a cultura popular torna-se mercadoria, como nos mostra no trecho abaixo:

Esta forma de mercadoria pela qual o esporte de alto rendimento é transformado, nada mais é do que características dos setores produtivos e dos serviços capitalistas que visam obter fins lucrativos, igual às leis do mercado (Bracht, 2005 apud, Alves, 2007).

Com a criação do esporte moderno e seu grande potencial mercadológico como bandeira de propagação da hegemonia dos países mais ricos, como nos jogos olímpicos, o ranqueamento é uma demonstração de poder sobre os países em desenvolvimento. O esporte também é utilizado pelos governantes para o controle da população por meio do

entretenimento, desviando os olhares dos reais problemas sociais, tais como o que ocorreu nas duas grandes guerras mundiais:

[...] valorização do uso político do esporte moderno em âmbitos nacional e internacional, no qual os governos passaram a explorar melhor a capacidade desse fenômeno de atrair o interesse das populações, e se apresentar como uma possibilidade de comparação direta de performances numa única linguagem e pautada em normas universais. Como exemplo disso, tem-se a organização das Olimpíadas de Berlim, em 1936. No caso, notava-se a destacada intenção do estado nazista em demonstrar a superioridade da raça ariana sobre o resto do mundo. Até esse período, quando o esporte começa a tomar proporções de espetáculo (nesse caso voltado à política), os Jogos Olímpicos não faziam muito sucesso, o que mudou com o incremento de seu uso pelos governos e consequente aumento da divulgação (Tubino, 1992, apud Marques, Almeida, 2008, p2).

No que se refere às artes marciais, que historicamente foram cultivadas no âmbito dos conflitos por disputas de poder, ou ainda como parte da formação de algumas elites e em alguns casos, como forma de resistência, foram identificadas com grande potencial esportivo sendo submetidas ao processo civilizador esportivizando-as, o que possibilitou a expansão mundial, embora, cada manifestação de luta tenha construído seus caminhos particulares (Marta, 2010).

Segundo Marta (2010), esse processo ainda não está completo, ou seja, continua em curso, impondo desafios para o desenvolvimento dessas práticas em sua forma considerada tradicional, para a passagem para uma forma considerada moderna para o qual foi constituído todo um aparato, uma engrenagem de controle e consumo, como se observa no texto abaixo:

[...] a constituição do sistema de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos, desde os agrupamentos “esportivos”, públicos ou privados, que têm como função a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas, até os produtos e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc.) e de serviços necessários à prática do esporte (professores, instrutores, treinadores, médicos especialistas, jornalistas esportivos, etc.) e produtores e vendedores de espetáculos esportivos e de bens associados (malhas, fotos dos campeões ou loterias esportivas, por exemplo. (Bourdieu, 1983, p.137, apud Marta, 2010, p. 211).

Algumas artes marciais apresentaram mais conflitos na passagem das suas bases tradicionais para o que seria o processo de modernização. O grau de resistência associado ao nível de ocidentalização atingido por diferentes artes marciais. Entendemos que muitas das artes marciais não se reconhecem como uma prática moderna. Investigando os estudos de Marta (2010) por meio de suas análises e entrevistas, notamos que, enquanto alguns mestres se apropriam do esporte moderno, outros mestres relatam que seu estilo não é

moderno, mas tradicional, procurando ser o mais próximo possível da prática realizada no oriente, conforme Marta (2010):

[...] a retirada dessas práticas de seus locais de origem e a sua consequente disseminação pelos países do Ocidente exigiu o desencadear de um processo de ocidentalização [...] esse processo teria dado seus primeiros passos ainda no Oriente, quando em finais do século XIX, as formas ocidentais de trabalho corporal (esporte e ginástica) começaram a ser difundidos por lá [...] Fundamental também para o entendimento dos meandros desse processo é ter em mente que cada arte marcial oriental experimentou, de forma bastante peculiar, os desdobramentos adivinhos da ocidentalização. Algumas se esportivizaram, porém, em diferentes graus; outros tentaram se desvincular o menos possível de suas tradições e raízes originais (p.188).

Por meio desta leitura, fica claro que os estilos de artes marciais tiveram suas peculiaridades no seu processo de ocidentalização, tendo contornos específicos também nos locais em que se estabeleceram, por exemplo, como nos mostra Marta (2010), quando faz a comparação com o Brasil e os Estados Unidos da América: ele coloca as diferenças de ordem cultural, econômica e social existentes entre esses países, registrando que cada arte marcial vai experimentar essa diferença procurando estabelecer maneiras para se praticar sua respectiva arte. E, querendo ou não, essas artes modernas ou tradicionais vão ganhar o que foi chamado de “roupagem moderna”. Momento de grande importância para o desenvolvimento das sociedades ocidentais bem como para a sobrevivência do esporte moderno que através de campos específicos tinha suas regras e gerava um sistema de mercado, direta ou indiretamente ligados com o esporte moderno.

Marta (2010, p.190) explica os “antigos métodos de ataque e defesa originados nos países do Oriente, em uma perspectiva belicista e que, atualmente, esse processo coloca dúvidas quanto ao que de oriental essas práticas ainda reservariam”.

Após este processo de ocidentalização e esportivização, temos, ainda, um terceiro elemento para entender essa transformação das artes marciais em esporte marcial, que é a transição do esporte moderno para o esporte contemporâneo, onde vamos ter um reconhecimento das grandes massas, momento esses em que o esporte vai se submeter a um processo de comercialização e se transformar em espetáculo a ser consumido. Para Marques, Gutierrez e Almeida (2008, p. 02), o esporte contemporâneo teve início principalmente após a segunda guerra mundial, tendo seu ápice no final da guerra fria. Eles nos mostram que o esporte contemporâneo se fez herdeiro do esporte moderno, se apropriando de sua identidade como do seu modo de intervir, tanto no campo social como no campo esportivo, só que de maneira mais efetiva e atraente.

Ocorre [...] o fortalecimento da perspectiva espetacular do esporte, pois para que seu uso político fosse eficiente, era necessário divulgá-lo, fazer desse fenômeno uma manifestação cultural importante, que gerasse interesse e que unificasse formas de comunicação entre todo o mundo. Isso ampliou seus limites geográficos e culturais, tornando-o mais conhecido e valorizado em todo o planeta. Porém, também abriu possibilidades de novas formas de manifestação, devido às diferentes incorporações desse fenômeno por inúmeras formas de cultura (Marques, Gutierrez e Almeida, 2008, p.3).

Temos, então, um novo rumo para o esporte, pois, como já falamos, o que era colocado principalmente diante das disputas políticas ideológicas se estabelece e ganha força diante de um mundo mais globalizado. Marques, Gutierrez e Almeida (2008) mostram que esse rumo tem um sentido de disputa mercadológica entre as marcas e fornecedores que vão financiar o espetáculo e dar o sentido de disputa.

Disputa essa que vai romper os limites geográficos e se expandir pelo mundo, ocorrendo várias trocas culturais e também perdas no sentido das tradições devido ao esporte estar sempre moldando e estabelecendo medidas para com as manifestações culturais que caíam no gosto da população, transformando-as em mercadoria, com o objetivo do consumismo e da comercialização desses fenômenos, como nos mostra Marques (2007), apud Marques, Gutierrez e Almeida (2008):

Sendo um fenômeno ligado a práticas de lazer tanto como forma de atividade amadora, quanto como espetáculo para ser consumido, o esporte se submeteu a um processo de comercialização. É nesse aspecto que mora a principal transformação do esporte moderno em contemporâneo, a mercantilização da prática. Embora no fenômeno moderno já fosse possível observar manifestações de profissionalismo e investimentos externos, é após a Guerra Fria que esse movimento se intensifica e toma proporções de produto a ser consumido em diversos campos da sociedade (p.04).

Observa-se então que, de fato, o esporte se ascendeu até chegar nessa fase de mercantilização ou esporte contemporâneo onde tudo se torna produto a ser consumido, podendo ser descartado no momento seguinte, quando surge outra novidade e a mídia lança outra moda.

Para se chegar às transformações ocorridas nas artes marciais, é de extrema importância que façamos essas ligações, pois foi a partir desse processo que a indústria se torna um ponto de divulgação para as artes marciais por meio de seus filmes, seriados e revistas em quadrinhos, também as modifica como nos mostra Marta (2010), quando esses meios de entretenimento vão expressar uma visão unicamente de seus criadores e, fatalmente, deixam de lado a visão marcial oriental, perdendo parte de seu valor espiritual/religioso, de seus códigos etc.

Portanto, as artes marciais chegaram ao mundo contemporâneo transformadas em espetáculo e mercadoria, procurando satisfazer as necessidades de uma sociedade de massa, que está na plenitude do consumo a qualquer custo, onde o poder de comprar é altamente valorizado, onde se cultiva o excesso e o descartável, deixando de lado o que realmente seria essencial para a vida humana (Alves, 2007).

A mídia é o principal mecanismo de alimentação deste sistema, seja com relação ao esporte, construindo-o e reduzindo-o conforme a velocidade do lucro. O mesmo ocorre com as artes marciais, fazendo delas um uso indiscriminado por meio da exploração de sua mística (o que parece extravagante em meio a diversidade cultural), da idealização dos valores e da filosofia, da penalização e da e desqualificação em situações que seja possível associar com a violência. Conforme Pimenta (2008), apud Ferreira; Nunes e Júnior (2010):

Veículos de comunicação, como a TV principalmente, tratam destas manifestações corporais como atividades de valor filosófico, de características místicas e transcendentais, muitas vezes marginalizando os processos históricos e sociais que contribuíram para a formação desta estrutura (p.09).

Na lógica de uma sociedade produtivista, não há tempo disponível para cultivar a arte, tendo por pressuposto sua essência de contemplação, mas há um grande estímulo apenas para consumi-la. Não há lugar para valores que sejam carregados por gerações, pois as regras, mesmo rígidas, beneficiam pequenos redutos de poder e podem mudar ao sabor dos interesses para que gerem uma grande massa de consumidores dos diversos objetos extraídos e produzidos a partir desses fenômenos que, progressivamente, passam a confundir as artes marciais e os esportes de combate.

### **Considerações Finais**

As iminências das transformações sofridas pelas artes marciais possibilitaram que conhecimentos milenares atravessassem as barreiras do tempo e chegassem aos nossos dias como práticas corporais vivas e respeitadas. Contudo, não se pode ignorar o preço pago para essa passagem, que transformaria profundamente a forma de conceber, praticar, ensinar e contemplar ou não esses conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade.

A arte da guerra, com seus elementos característicos bem definidos, quem poderia lutar, por que e quando, seja por uma casta guerreira, seja por pessoas simples e por ato

de resistência, estava estabelecida a correlação de poderes instituídos sob a égide da disputa corporal pelo poder.

Com o processo civilizatório e a imposição de condutas e de normas de etiqueta que se estenderam para toda população e não mais apenas para a nobreza, não haveria mais lugar para as práticas corporais consideradas violentas, mudando os códigos de honra e regulamento de forma pormenorizada da vida em sociedade e, com elas, as artes marciais que, progressivamente, foram tomando formato do emergente esporte moderno.

O processo de ocidentalização e de esportivização das artes marciais se aplicaram diante de um mercado que surgiu com demandas para as mais variadas formas de expressão do corpo. Particularmente, as artes marciais vieram com sua curiosa eficiência, beleza gestual e rituais adornados de misticismo, despertando as fantasias ocidentais. Com essa estrutura, as artes marciais (umas mais outras menos), ganharam o mundo, estabelecendo suas organizações, seus locais nacionais e internacionais, suas normas e regras, às quais os praticantes estão submetidos. E, ao mesmo tempo, submetem-se aos apelos do mercado voraz que, sucessivamente, promove uma manifestação, reduzindo outras.

A sucessiva transformação das artes marciais as colocou nas vitrines do consumo como esporte de combate, altamente explorados pelas mídias e pelas organizações esportivas. Contudo, alguns autores defendem seu lugar de resistência, em outro formato: não mais na defesa de territórios ou da própria vida, mas em seu legado histórico e cultural. Ledwab e Standefer (2001, p.13) afirmam que “as artes marciais são atividades saudáveis e pacíficas”. Para os autores, os praticantes de artes marciais na atualidade esforçam-se para viver sem entrar em confronto, praticam para não ter de lutar, para cultivar a arte, a força interior e a beleza estética de suas técnicas.

No encontro entre as culturas oriental e ocidental, as artes marciais sofreram suas modificações mais significativas, tornadas polidas, diplomáticas, pedagogizadas, mais acessíveis ao público, permitindo sua difusão, mas também sua comercialização.

Longe de ter esgotado essa discussão, entendemos que este estudo possibilitou refletir o processo que incidiu sobre as artes marciais em sua trajetória histórica, entendendo seu poder de resistência e, ao mesmo tempo, reconhecendo os golpes pelos quais vem sendo alvejadas. Alerta-nos para não as tratar apenas como modalidades de combate ou simples produtos a serem consumidos e descartados, mas de buscarmos, de fato, conhecê-las em essência, de forma coerente com a história dos povos que as criaram

e cultivaram, e entendendo, respeitosamente, o que destas artes chegaram na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Douglas. O Esporte e a Lógica Capitalista. Monografia apresentada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II na Universidade Metodista de Piracicaba, 2007.

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. 3ªed. Ijuí: Injuí, 2005.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. A teoria dos processos de civilização e o controle das emoções. Revista Conexões, v.6, 2001. UNICAMP-SP.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. *Motriz*. Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 01 – 09, 2012.

ELIAS, Norbert. O processo Civilizador Vol. 1: Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERREIRA, Fernando Dandoro Castilho; NUNES, Ricardo João Sonoda; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Artes marciais chinesas sob um olhar sociológico Trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho 15 – Estudos Socioculturais do esporte, 2010.

FERREIRA, Fernando D.C. Possibilidades de aproximações entre o Processo Civilizador e as artes marciais: O caso do Kung Fu tradicional. Esporte na América Latina: Atualidade e Perspectivas, Alesde, Curitiba, PR, 2008.

IEDWAB, C.; STANDEFER, R. *Um caminho de paz: um guia das tradições das artes marciais para os jovens*. São Paulo: Cultrix, 2001. 102 p.

LANÇANOVA, Jader. Lutas na Educação Física Escolar: Alternativas Pedagógicas.< <http://lutasescolar.vilabol.uol.com.br> > acessado em 16, setembro, 2012.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine; Transição do esporte moderno para o esporte contemporâneo: tendência de mercantilização a partir do final da guerra fria, 1º Encontro da ALESDE, UFPR - Curitiba - Paraná - Brasil 2008.

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. A memória das lutas ou o lugar do “DO”: as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

PLANETA. **Artes Marciais**. Edição Especial. Rio de Janeiro: Editora Três, v.131-A. ago/1983.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão Sistemática X Revisão Narrativa**. Editora Técnicas da Acta Paulista de Enfermagem, 2027.

SOBRINHO, Sergio Francisco Carlos Graziano. Globalização e sociedade de controle: cultura do medo e o mercado da violência. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007.

TURELLI, F. C. *Corpo, domínio de si, educação: sobre a pedagogia das lutas corporais*. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

TUBINO, Manoel José Gomes. Dimensões sociais do esporte. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.